

Célia Isabel Tamissa Serra

**Escrita à mão aplicada em livros infantis:
Legibilidade e leiturabilidade**



Escola Superior de Educação e Comunicação

2023

Célia Isabel Tamissa Serra

**Escrita à mão aplicada em livros infantis:
Legibilidade e leiturabilidade**

Mestrado em

Design de Comunicação para o Turismo e Cultura

Trabalho realizado sob a orientação:

Professora Doutora Dionilde Saritta Graça Camacho da Encarnação

Professora Mestre Maria Gabriela Candeias Dias Soares



Escola Superior de Educação e Comunicação

2023

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright© 2023 [Célia Isabel Tamissa Serra]

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Em especial à minha família, que sempre me apoiou e nunca duvidou do meu percurso e da minha perseverança, em particular, desejo destacar minha mãe, cujo apoio inestimável foi fundamental para o alcance dos meus objetivos até o momento.

Ao meu namorado Gonçalo Pires por todo o carinho e apoio que me ofereceu ao longo desta etapa tão importante nas nossas vidas.

Ao meu grande amigo Daniel Rodrigues cuja amizade é genuína e foi quem me motivou e ajudou não só na realização desta investigação, mas ao longo de todo o meu percurso académico.

À minha colega Sílvia Reis e em especial à minha colega Sandra Laranjeiro por toda motivação, incentivo e apoio dado nos últimos meses desde longo percurso.

É com profunda gratidão que agradeço às minhas orientadoras, professora Deonilde Saritta Encarnação e professora Maria Gabriela Soares por terem embarcado comigo nesta investigação, pelos inúmeros conhecimentos transmitidos e por todo o apoio.

A todos os professores e alunos do agrupamento Escolas Dr. Francisco Fernandes Lopes em Olhão que ajudaram a concretizar este estudo.

Resumo

A escrita à mão individual, também chamada de caligrafia pessoal, tem características que a tornam única e distinta. A crescente utilização da escrita à mão em livros infantis, muitas vezes como forma de complementação à ilustração, levanta a questão da sua adequação às faixas etárias em processo de alfabetização.

O presente estudo tem por objetivos avaliar a tendência da utilização da escrita à mão em livros infantis e avaliar o grau de dificuldade que esta poderá implicar na legibilidade e na leiturabilidade em alunos em processo de alfabetização.

Para responder a estes objetivos, foi necessário analisar 454 capas de livros incluídos no Plano Nacional de Leitura desde 2018 até 2023 e em 3 editoras, Porto Editora, Editora Asa e Planeta Tangerina, com a intenção de aferir sobre o número de publicações propostas para alunos do segundo, terceiro e quarto anos de escolaridade, no período de 2000 a 2023. Através da qual foi possível observar uma ligeira tendência para o aumento da utilização da escrita à mão e da tipografia em livros infantis.

Elaborou-se um caso de estudo onde foram analisados 4 livros propostos pelo Plano Nacional de Leitura aos segundo, terceiro e quarto anos de escolaridade, sendo estes publicados pelas editoras Pato Lógico, Edição Tangerina e Suma de Letras. Com o objetivo de entender como e quais as normas tipográficas aplicadas, foram identificadas com características positivas, um correto espaçamento entreletras, a utilização dos *exit strokes*, a aplicação de uma correta dimensão que vão de acordo com as necessidades das crianças e por sua vez, como um conjunto de características negativas, um baixo nível de legibilidade influenciado por um incorreto espaçamento entreletras e uma escrita à mão pouco cuidadosa e muito expressiva.

Foi ainda aplicado um questionário anónimo no sentido de aferir o grau de dificuldade na leiturabilidade e legibilidade da letra manuscrita e as preferências e práticas de leitura em 164 alunos do segundo, terceiro e quarto anos de escolaridade, e com o qual foi possível identificar níveis de dificuldade na leitura da escrita à mão nos três grupos. Paralelamente, foi realizada uma análise bibliográfica detalhada com o intuito de reunir o conjunto de normas gráficas ideais na apresentação das letras e dos textos na literatura infantil, de forma a melhorar a leiturabilidade e legibilidade por parte dos alunos, mas que poderá ser igualmente útil como linhas orientadoras para escritores, designers e editores.

Palavras-chave: *Escrita à mão, Legibilidade, Leiturabilidade, Caligrafia*

Abstract

Individual handwriting, also known as personal calligraphy, has characteristics that make it unique and distinctive. The increasing use of handwriting in children's books, often as a way of complementing the illustration, raises the question about its suitability for age groups in the process of literacy.

The aim of this study is to assess the trend of handwriting usage in children's books and to evaluate the degree of difficulty it may imply in terms of readability and legibility for students in the literacy process. To address these objectives, it was necessary to analyze 454 book covers included in the National Reading Plan from 2018 to 2023 and from 3 publishers, Porto Editora, Editora Asa, and Planeta Tangerina, with the intention of assessing the number of publications proposed for students in the second, third, and fourth grades, between 2000 to 2023. Through this analysis, it was possible to observe a slight upward trend in the use of handwriting and typography in children's books.

A case study was carried out analysing 4 books proposed by the National Reading Plan for second, third and fourth grade students, published by the publishers Pato Lógico, Edição Tangerina, and Suma de Letras. With the aim of understanding how and which typographic standards were applied, positive characteristics were identified, such as correct spacing between letters, the use of exit strokes, and the application of a correct size that aligns with the children's needs. In turn, as a set of negative characteristics included a low level of readability influenced by incorrect letter spacing and careless, overly expressive handwriting.

Additionally, an anonymous questionnaire was administered in order to gauge the degree of difficulty in readability and legibility of handwritten letters and the reading preferences and practices of 164 students in the second, third, and fourth grades, with which it was possible to identify levels of difficulty in reading handwriting among the three groups. Simultaneously, a detailed bibliographical analysis was conducted with the aim of compiling a set of ideal graphic standards for the presentation of letters and texts in children's literature, in order to improve readability and legibility for students, but which could be useful as guidelines principles for writers, designers, and publishers.

Keywords: Handwriting, Legibility, Readability, Calligraphy

Índice

Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	vi
Abstract.....	viii
Índice de Figuras.....	xii
Índice de Gráficos.....	xiv
Índice de Tabelas.....	xvii
Capítulo I - Introdução.....	1
1. Introdução.....	1
1.1. Problemática.....	2
1.2. Objetivos.....	2
Capítulo II – Enquadramento Teórico.....	3
2.1. A Escrita.....	3
2.1.1. Breve História da Escrita.....	3
2.1.2. Caligrafia.....	6
2.1.3. Tipografia.....	7
2.1.4. Tendências Atuais na Caligrafia.....	8
2.2. Legibilidade.....	9
2.3. Leiturabilidade.....	11
2.4. Regras Tipográficas.....	12
2.5. A Leitura no 1º Ciclo.....	17
2.6. Escrita Cursiva no 1º Ciclo.....	18

2.7. Breve História do Livro Infantil	20
2.7.1. Relação Texto-Ilustração.....	21
2.8. Plano Nacional de Leitura	23
Capítulo III - Metodologias.....	26
3.1. Normas Tipográficas.....	26
3.2. Análise de Capas dos Livros do Plano Nacional de Leitura e das Editoras	26
3.2.1. Local de Recolha de Dados e Amostras.....	27
3.2.2. Procedimento de Análise e Tratamento de Dados.....	28
3.3. Questionário	28
3.3.1. Amostra e Aplicação do Questionário	29
3.3.2. Instrumentos.....	29
3.3.3. Considerações Éticas.....	29
3.3.4. Recolha de Dados e Parâmetros Analisados	30
3.4. Caso de estudo	30
3.4.1. Recolha de Dados	31
3.4.2. Parâmetros Analisados	31
Capítulo IV – Resultados e Discussão	32
4.1. Regras Gráficas.....	32
4.2. Livros Propostos Pelo Plano Nacional de Leitura (PNL)	32
4.2.1. Análise das Capas dos Livros Propostos pelo Plano Nacional de Leitura (PNL)	33
4.2.1.1. Análise das Capas dos Livros do Plano Nacional de Leitura com Escrita à Mão	33
4.2.1.2. Análise das Capas dos Livros do Plano Nacional de Leitura com Tipografia Cursiva	35
4.3. Livros da Porto Editora.....	36
4.3.1. Análise das Capas dos Livros da Porto Editora com Escrita à Mão	36

4.3.2. Análise das Capas dos Livros da Porto Editora com Tipografia Cursiva.....	38
4.4. Livros da Edições Asa.....	40
4.4.1. Análise das Capas dos Livros da Edições Asa com Escrita à Mão	40
4.4.2. Análise da Capas dos Livros da Edições Asa com Tipografia Cursiva	42
4.5. Livros da Editora Planeta Tangerina.....	44
4.5.1. Análise das Capas dos Livros da Editora Planeta Tangerina com Escrita à Mão	44
4.5.2. Análise das Capas dos Livros da Editora Planeta Tangerina com Tipografia Cursiva.....	46
4.6. Análise dos Dados Obtidos das 3 Editoras.....	46
4.7. Questionário	51
4.7.1. Apresentação do Questionário e dos Resultados	51
Capítulo V – Caso de Estudo.....	63
5. Caso de Estudo da escrita à mão aplicada em livros do PNL.....	63
5.1. Livro “Mana” da editora Planeta Tangerina	64
5.2. Livro “pê de pai” da editora Planeta Tangerina	67
5.3. Livro “Estás tão crescida” da editora Pato Lógico	70
3.4. Livro “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo” da editora Suma de Letras	74
VI. Conclusões	80
Referências bibliográficas	83
Websites	87
Apêndice I – Dados Referentes ao Questionário	89
Apêndice II – Documentos Referentes ao Questionário	95
Apêndice III – Capas dos Livros Propostos Pelo PNL e Pelas Editoras Edições ASA, Planeta Tangerina e Porto Editora.....	97

Índice de Figuras

Figura 1. Cap. II. Imagem referente à utilização do exit strokes na fonte Sasson (Sassoon & Williams, 2000).....	13
Figura 2. Cap. II. Exemplo representativo de entreletra (reduzido, normal e grande) (fonte da autora).....	15
Figura 4. Cap. II. Exemplo representativo de entrepalavras (reduzido, normal e grande) (fonte da autora).....	16
Figura 5. Cap. V. Capa do livro "Mana" da autoria e ilustração de Joana Estrela, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2016.Gráfico 24. Cap. IV. Valores percentuais referentes à mensuração feita pelos alunos sobre o nível de dificuldade sentida pelos mesmos na leitura da escrita à mão aplicada num texto.....	61
Figura 6. Cap. V. Páginas internas do livro "Mana" da autoria e ilustração de Joana Estrela, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2016.Figura 7. Cap. V. Capa do livro "Mana" da autoria e ilustração de Joana Estrela, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2016.	64
Figura 8. Cap. IV Capa do livro "pê de pai" da autoria de Isabel Minhós Martins, ilustração de Bernardo Carvalho, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2006.Figura 9. Cap. V. Páginas internas do livro "Mana" da autoria e ilustração de Joana Estrela, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2016.	65
Figura 10. Cap. IV Capa do livro "pê de pai" da autoria de Isabel Minhós Martins, ilustração de Bernardo Carvalho, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2006.	67
Figura 11. Cap. V Páginas internas do livro "pê de pai" da autoria de Isabel Minhós Martins, ilustração de Bernardo Carvalho, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2006.Figura 6. Cap. V Páginas internas do livro "pê de pai" da autoria de Isabel Minhós Martins, ilustração de Bernardo Carvalho, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2006.	69
Figura 12. Cap. II. Exemplo representativo de entreletra (reduzido, normal e grande) (fonte da autora).Figura 12. Cap. IV. Páginas internas do livro “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo” da autoria de Charlie Mackesy, traduzido Lucília Filipe, publicado pela editora Sumo de Letras no ano de 2022.....	77
Figura 13. Apêndice I. Imagem referente à questão "Marca com um X qual a tua página preferida de ler e escreve porquê." presente no questionário aplicado aos 164 alunos do agrupamento de escolas Dr. Francisco Fernandes Lopes.....	90

Figura 14. Apêndice I. Imagem referente à questão "Lê o texto e marca com um X qual o nível de dificuldade sentida ao ler." presente no questionário aplicado aos 164 alunos do agrupamento de escolas Dr. Francisco Fernandes Lopes..... 91

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, a cinza, encontram-se as frequências absolutas do número de livros propostos pelo PNL, e a azul as frequências absolutas dos livros propostos pelo PNL com utilização de escrita à mão. No eixo da direita das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso em relação ao valor total de livros propostos pelo PNL, num período compreendido entre 2018 e 2023.	34
Gráfico 2. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, a cinza, encontram-se as frequências absolutas do número de livros propostos pelo PNL, e a vermelho, os livros propostos pelo PNL o contributo do mesmo no que diz respeito à utilização da tipografia cursiva. No eixo da direita das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso e a relação em relação ao valor total de livros propostos pelo PNL, num período compreendido entre 2018 e 2023.	35
Gráfico 3. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências acumulativas do número de livros publicados pela editora Porto Editora, a cor roxa, os livros publicados pela editora em cada ano respetivo e a azul, o contributo da editora no que diz respeito à utilização da escrita à mão. No eixo da direita das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso e a relação em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2002 e 2023.	37
Gráfico 4. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências acumulativas do número de livros publicados pela editora Porto Editora, a cor roxa, os livros publicados pela editora em cada ano respetivo e a vermelho, o contributo da editora no que diz respeito à utilização da escrita à mão. No eixo da direita das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso e a relação em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2002 e 2023.	39
Gráfico 5. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências acumulativas do número de livros publicados pela editora Edições Asa, a cor verde, os livros publicados pela editora em cada ano respetivo e a azul, o contributo da editora no que diz respeito à utilização da escrita à mão. No eixo da direita das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso e a relação em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2000 e 2023.	41
Gráfico 6. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências acumulativas do número de livros publicados pela editora Edições Asa, a cor verde, os livros publicados pela	

editora em cada ano respetivo e a vermelho, o contributo da editora no que diz respeito à utilização da tipografia. No eixo direito das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2000 e 2023.	43
Gráfico 7. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências acumulativas do número de livros publicados pela editora Planeta Tangerina, a cor azul, o contributo da editora no que diz respeito à utilização da escrita à mão e a cor laranja os livros publicados pela mesma. No eixo direito das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com utilização deste recurso em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2004 e 2023.	45
Gráfico 8. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências cumulativas dos números de livros publicados pelas editoras Porto Editora, Edições Asa e Planeta Tangerina, destacando, a diferentes cores, o contributo de cada editora no que respeita à utilização da escrita à mão nas capas. No eixo direito das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com utilização deste recurso em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2000 e 2023.	47
Gráfico 9. Cap. IV No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências cumulativas dos números de livros publicados pelas editoras Porto Editora, Edições Asa e Planeta Tangerina, destacando, a diferentes cores, o contributo de cada editora no que respeita à utilização de tipografia cursiva nas capas. No eixo direito das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com utilização deste recurso em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2000 e 2023.....	49
Gráfico 10. Cap. IV. Percentagem de respostas afirmativas dos alunos do 2º,3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Gostas de ler?”	52
Gráfico 11. Cap. IV. Percentagem de respostas afirmativas dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Consegues ler sozinho?”	52
Gráfico 12. Cap. IV. Percentagem de resposta afirmativa dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Tens muitos livros em casa?”	53
Gráfico 13. Cap. IV. Percentagem de respostas afirmativas dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Lês por iniciativa própria?”	53
Gráfico 14. Cap. IV. Percentagem de resposta afirmativa dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Gostas de livros curtos e simples?”	54
Gráfico 15. Cap. IV. Percentagem de resposta afirmativa dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Gostas de páginas com muito texto para ler?”.....	55

Gráfico 16. Cap. IV. Percentagem de resposta afirmativa dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Gostas mais quando as letras são pretas?”.....	56
Gráfico 17. Cap. IV. Percentagem de respostas concordantes dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à questão “Gosto de livros com letras coloridas e diferentes?”	57
Gráfico 18. Cap. IV. Percentagem de resposta concordante dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à questão “Quando tens de ler um livro escolhes aquele que tem a capa mais bonita?”	58
Gráfico 19. Cap. IV. Percentagem de resposta afirmativa dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Os livros parecem todos iguais?”	59
Gráfico 20 Cap. IV. Valores percentuais referentes à escolha dos alunos em relação à questão “Marca com um X a tua página preferida de ler e escreve o porquê.” com a intenção de aferir sobre a preferência em relação à leitura da escrita à mão e da tipografia cursiva. A azul (Opção A) está representada o valor percentual dos alunos que escolheram o texto com tipografia e a laranja (Opção B) os alunos que escolheram o texto com escrita à mão.	60
Gráfico 21. Cap. IV. Valores percentuais referentes à mensuração feita pelos alunos sobre o nível de dificuldade sentida na leitura da escrita à mão aplicada num texto.	61

Índice de Tabelas

Tabela 1. Apêndice I. Questões elaboradas aos alunos sobre as suas preferências no que diz respeito à leitura e à composição gráfica do livro	89
Tabela 2. Apêndice I. Tabela com os valores absolutos e relativos em relação às questões aplicadas aos alunos do 2º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.....	92
Tabela 3. Apêndice I. Tabela com os valores absolutos e relativos em relação às questões aplicadas aos alunos do 3º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.....	92
Tabela 4. Apêndice I. Tabela com os valores absolutos e relativos em relação às questões aplicadas aos alunos do 4º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.....	92
Tabela 5. Apêndice I. Tabela referente aos valores absolutos e relativos dos alunos do 2º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes à preferência dos mesmos entre um texto tipográfico e um texto com o uso da escrita à mão.....	93
Tabela 6. Apêndice I. Tabela referente aos valores absolutos e relativos dos alunos do 3º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes à preferência dos mesmos entre um texto tipográfico e um texto com o uso da escrita à mão.....	93
Tabela 7. Apêndice I. Tabela referente aos valores absolutos e relativos dos alunos do 4º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes à preferência dos mesmos entre um texto tipográfico e um texto com o uso da escrita à mão.....	93
Tabela 8. Apêndice I. Tabela referente à aferição do nível de dificuldade dos alunos na leitura de um texto com a escrita à mão. Valores absolutos e relativos apresentados pelos alunos do 2º ano do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.	94
Tabela 9. Apêndice I. Tabela referente à aferição do nível de dificuldade dos alunos na leitura de um texto com a escrita à mão. Valores absolutos e relativos apresentados pelos alunos do 3º ano do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.	94
Tabela 10. Apêndice I. Tabela referente à aferição do nível de dificuldade dos alunos na leitura de um texto com a escrita à mão. Valores absolutos e relativos apresentados pelos alunos do 4º ano do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.	94

Capítulo I - Introdução

1. Introdução

"Nos dias de hoje quando pronunciamos a palavra ler, surge na nossa consciência a ideia da capacidade que o indivíduo tem de interpretar, fazer inferências, analisar criticamente e compreender o conteúdo de um texto" (Santos, 2000, p.21). Diz ainda o mesmo autor que a leitura é um hábito que deve ser praticado desde cedo, o que aumenta a probabilidade de levá-lo para a vida adulta.

Para que a criança que se encontra na fase de alfabetização possa realizar uma leitura e tenha a capacidade de interpretar, analisar criticamente e compreender o conteúdo do texto, existem aspectos importantes que devem ser considerados na sua concepção. Um deles é a escolha tipográfica ou caligráfica. Na fase de aprendizagem da leitura, a tipografia escolhida para o livro é de crucial importância para que a criança tenha uma boa experiência de leitura. Desenhos de letras confusos e/ou outros parâmetros gráficos não adequados ao nível de leitura da criança poderão desenvolver nesta uma má relação com a leitura (Rumjanek, 2008).

A presente pesquisa teve como principal prioridade aferir sobre a legibilidade e leiturabilidade da escrita à mão para leitores iniciantes, isto é, crianças em início de alfabetização ou com pouca experiência de leitura. Para esse efeito, assentou num estudo bibliográfico detalhado onde foram abordados temas como a história da escrita, métodos de ensino da leitura e da escrita e regras tipográficas dirigidas ao público-alvo em questão. Foi realizada também uma análise de todos os livros propostos pelo Plano Nacional de Leitura desde 2018 para os alunos do 1º ciclo onde foi possível identificar a escrita à mão e a tipografia cursiva. Por fim, elaborou-se e analisou-se um questionário anónimo aplicado a 164 alunos dos segundo, terceiro e quarto anos de escolaridade, de modo a obter dados sobre práticas de leitura em sala de aula, sobre a dificuldade na legibilidade e leiturabilidade da escrita à mão e inferir sobre a organização gráfica ideal na sua aplicação.

1.1. Problemática

Haverá uma tendência crescente no uso da escrita à mão em títulos e outros textos em livros infantis? Uma vez que crianças em fase de alfabetização se encontram familiarizados com poucas tipografias e caligrafias, será prudente utilizar a escrita à mão como elementos textuais em livros infantis? Em caso de utilização de letra manuscrita ou tipografias cursivas, haverá formas ideais na sua aplicação?

1.2. Objetivos

O presente estudo tem por objetivos avaliar a tendência da utilização da escrita à mão em livros infantis, avaliar o grau de dificuldade que esta poderá promover na legibilidade e leiturabilidade em alunos em processo de alfabetização e reunir um conjunto de regras gráficas que possam facilitar a sua aplicação.

Capítulo II – Enquadramento Teórico

2.1. A Escrita

No prefácio de *Writing & Illuminating & Lettering* W. R. Lethaby (Johnston, 1906, pp. 10-11), o ato de escrever é descrito através de dois principais fatores: a utilidade e a mestria de ferramentas.

A escrita pode ser interpretada como um instrumento de reprodução da fala humana, contudo, ela é muito mais que a pintura da voz. Esta tornou-se a principal ferramenta do conhecimento, da ciência, da leitura, da informação popular via imprensa e uma arte em si (a caligrafia), além de outras manifestações (Fischer, 2009).

2.1.1. Breve História da Escrita

As manifestações artísticas dos primeiros hominídeos estão relacionadas ao seu desenvolvimento físico, mental e ambiental (Lewin, 1999). Estas atividades tinham o intuito de transmitir ou depositar uma informação e/ou ser uma atividade lúdica de forma a aprimorar as habilidades manuais. O seu principal diferencial era o ato de denotar valores aos símbolos das marcas registadas nas rochas (Leroi-Gourhan, 1964). As gravuras rupestres mais antigas encontram-se localizadas na Alemanha, remontando a um período entre 300 e os 250 mil anos e teriam sido elaboradas pelo *Homo erectus*, que teria usado pigmentos preparados para pintar alguns objetos e cenas do quotidiano (Pessis, 2002). Já as gravuras e pinturas no interior de cavernas europeias que foram elaboradas pelos *Homo sapiens* e *Homo neanderthalensis*, com a intenção de representar o mundo, datam de 40 a 10 mil anos (Leroi-Gourhan, 1984). Pinturas e gravuras rupestres fazem parte de um conjunto de vestígios arqueológicos considerados como sistemas visuais de comunicação social. São constituídos por elementos gráficos que fazem parte de padrões de apresentação social próprios das comunidades de época pré-histórica. Estes não devem necessariamente ser portadores de um significado completo, podendo fazer parte de uma série de registos que, juntos, fornecem um produto de comunicação com um único significado (Pessis, 2002).

A pintura rupestre, embora fosse uma forma bastante simples de comunicação, era certamente mais permanente que a linguagem falada, que se perdia no tempo e não podia ser passada de geração em geração.

“The first written document in the history of the world was probably a farmer’s sale receipt”

(Houston, 2016, p. 80).

Com o passar do tempo houve a necessidade de criar novos símbolos que não se resumissem apenas a “coisas” e cenas do quotidiano como até então. Esta necessidade levou ao desenvolvimento de ideogramas, ou símbolos, que representavam ideias e ações. Este novo sistema era menos perceptível para as massas, uma vez que nem sempre era puramente representacional, fazendo com que a sociedade fosse dividida naqueles que conseguiam compreender o novo sistema e os que não (Mourão, 2016).

Muito mais tarde, por volta de 3500 a.C., o povo sumério da antiga Mesopotâmia, inventa o primeiro sistema de escrita, marcando o início da civilização humana. Esta escrita, denominada de cuneiforme por utilizar um cunho/estilete para cunhar as formas na superfície de argila, é a escrita mais antiga que se conhece. Era formada por pictogramas, uma espécie de escrita silábica, cujos signos se imprimiam em ‘tábuas’ de argila que, depois, coziam no forno, tornando a comunicação independente do tempo. Foi um sistema criado pela necessidade de registar as transações comerciais, uma vez que os sumérios eram um povo altamente comerciante. Com o passar do tempo, os símbolos utilizados neste sistema de escrita, tornam-se mais abstratos e mais complexos, tornando-se cada vez mais difícil de aprender. A escrita cuneiforme tem uma importância marcante na história da humanidade pois marca o momento em que a linguagem passa a ser independente do tempo. Também com a técnica da gravação de símbolos em superfícies duras, os egípcios deram origem à escrita hieroglífica. Estes entenderam que seria necessário a criação de um suporte mais prático e portátil para as atividades do quotidiano, passando a utilizar o papiro como suporte de escrita. A folha de papiro mais antiga terá cerca de 4500 anos, todavia, já foram encontradas folhas de papiro em branco anteriores aos hieróglifos (Houston, 2016, p. 82-84). Com o surgimento deste novo suporte de escrita, os egípcios adotaram a utilização de juncos, pincéis e tinta para substituir os cinzéis em suportes duros e irregulares (Houston, 2016).

Por volta de 1200 a.C., a história da escrita sofre um novo avanço com o surgimento do alfabeto fenício. Os fenícios eram uma civilização essencialmente mercante, que ocupava uma faixa do litoral mediterrâneo (atual Síria, Líbano e Israel) e graças ao seu posicionamento geográfico, mantiveram contacto comercial com várias caravanas e vários povos por via

marítima (Georges, 1992). Em função dos diversos contactos comerciais que mantinham com diferentes povos, os fenícios sentiram necessidade de ter um meio prático para facilitar a comunicação, desenvolvendo uma das mais fabulosas invenções da história humana: o alfabeto. A grande inovação deste alfabeto é que tinha uma natureza puramente fonética na qual cada símbolo representa um som, e que juntos representavam palavras, o que exigia a memorização de apenas alguns caracteres (22 signos), diferentemente dos sistemas de hieroglíficos e cuneiformes em que cada caractere representava uma palavra, fazendo necessária a existência de milhares de caracteres (de forma similar aos caracteres chineses), que por sua vez exigiam alta especialização para serem aprendidos (Georges, 1992). Na realidade, o alfabeto fenício não era um alfabeto verdadeiro, mas sim um *abjad*, também conhecido por *consonatário*, sendo um sistema de escrita no qual os símbolos das letras representam as consoantes quando são lidos, sendo as vogais deduzidas. O alfabeto fenício é um dos marcos mais importantes na história da humanidade por ser a primeira tentativa de conectar a pictografia com a palavra falada, a que hoje chamamos fonética (Camacho, com.pes., 2023).

Os Gregos adotaram e inseriram as vogais ao alfabeto fenício, e os Etruscos, por sua vez, adotaram o alfabeto grego. Subsequentemente, os Romanos inspiraram-se no alfabeto etrusco, elidiram e adicionaram certos símbolos dando origem às letras que utilizamos até à atualidade (Houston, 2016).

Muito mais tarde, os romanos, realizaram outros avanços, começando pelos escribas que numa tentativa de escrever com mais rapidez e eficiência, começaram por unir e inclinar as letras com o movimento natural da mão, estes ainda acrescentaram as (proto) ascendentes e descendentes, bem como condensaram as formas do alfabeto para economizar espaço (Mourão, 2016).

Segundo Ilene Strizver, até ao século XV, todos os livros eram feitos à mão por escribas, mas no ano de 1448, tudo mudou com o revolucionário nascimento da impressão. Johannes Gutenberg, no século XV, recebe os créditos pela inovação dos tipos móveis, apesar de existir alguma controvérsia quanto a isso. Gutenberg conseguiu este feito esculpindo os caracteres do alfabeto em relevo sobre peças de metal, mais tarde apelidados de matrizes que seriam encaixados em prensas de impressão, através das quais se conseguiam imprimir várias páginas num curto espaço de tempo (John Wiley & Sons, Inc. 2006). A invenção da imprensa tipográfica possibilitou assim, que existisse uma mais fácil circulação de informação, mas também fez com que houvesse melhorias nas prensas de impressão, nos papéis e também nas tintas (Mourão, 2016).

A transição dos manuscritos para os livros impressos foi algo gradual, não uma rutura total e repentina. As duas formas interagiram ao longo da história e ainda hoje se influenciam mutuamente (Brown, 1998).

2.1.2. Caligrafia

A palavra “caligrafia” tem origem na palavra *kallos*, que significa “belo”, e *graphein*, que significa “escrever”. De acordo com Noordzij (2005, p. 9), “*Calligraphy is handwriting pursued for its own sake, dedicated to the quality of the shapes.*”

A caligrafia é a habilidade perceptivo-motora dos grafemas, que exige uma coordenação motora desde a manipulação manual às habilidades cognitivas e visuais, carecendo de uma percepção além de visual, sensorial e cinestésica (Cermak et al., 2001).

É de destacar que a caligrafia não possui um único estilo, existindo diversas variações de um mesmo alfabeto, que podem ter influência de uma cultura, *status* social e desenvolvimento da sociedade. Durante muitas décadas, a caligrafia foi essencialmente usada com a finalidade de documentar, perdendo um pouco a sua essência artística. Contudo no início do século XX, com Edward Johnston, a escrita volta a ter relação com a arte (Elis da Silva, *Arte e escrita: Um processo criativo em caligrafia*). Perto do fim do século IX, sob influência do movimento Arts and Crafts em Inglaterra, uma nova filosofia emergia entre os artistas e artesãos. Na base desta filosofia assentava a ideia de que a honesta construção de um artefacto só era alcançada pela correta interação da ferramenta e do material (Harris, 1995). O então estudante de medicina Edward Johnston, imbuído por este espírito, iniciou, em 1897, a experimentação da escrita de letras com um aparo de ponta larga (Harris, 1995). Estudou técnicas de escrita antiga no Museu Britânico, lecionou na Central School of Arts and Crafts e na Royal College of Art, ambas em Londres, mas foi a publicação do seu livro "Writing and Illuminating and Lettering" em 1906 que marcou o revivalismo da caligrafia (Linotype.com, 2023). Baseado no estudo da caligrafia antiga Carolina Minúscula, Johnston desenvolve um novo estilo caligráfico, a Foundational, um estilo mais leve, equilibrado e mais fácil de executar (Harris, 1995). São ainda de destacar outros contributos deste autor para a escrita contemporânea. Foi responsável pelo desenho da fonte tipográfica sem-serifa Johnston utilizada nos letreiros do metro de Londres até à década de 1980, quando foi reformulada, e desenhou também o símbolo para a mesma marca (The Edward Johnston Foundation, 2023).

2.1.3. Tipografia

Durante o século XV uma maior demanda de literatura por parte de uma sociedade que descobre o valor e a necessidade de instrumentos para o seu desenvolvimento cultural, deu origem a um crescimento da procura de livros. Este crescimento proporcionou o cenário ideal para o aparecimento da imprensa e, mais tarde, dos caracteres móveis. Johannes Gutenberg conhecido por criar a primeira prensa em 1438, utilizou a caligrafia da época, a letra Gótica do Norte da Europa, como premissa para a metodologia da criação tipográfica (Kane, 2002, pp.20). Assim, uma das grandes preocupações na altura seria fazer com que as formas tipográficas se assemelhassem o máximo possível com as formas manuscritas da época. Já em Veneza, os irmãos Spira, James e Wendelin, também influenciados pela caligrafia romana, construíram um tipo que se assemelhava às mesmas. Contudo, em 1471, através do francês Nicholas Jenson, dá-se a codificação da escrita humanista de forma eficaz, fazendo com que se abandonasse a influência da caligrafia Gótica do Norte da Europa (Kane, John, 2002).

Ao longo dos séculos foram surgindo cada vez mais tipos de letras. No século XVI surgiram citações de Claude Garamond e Robert Granjon, caracterizadas pelas suas belas proporções. Cem anos depois surgiu William Caslon. Mais tarde, no século XX, surgiram inúmeros projetos inspirados pelo estilo geométrico de Bauhaus (John Wiley & Sons, Inc. 2006).

Em 1984, o mundo foi irreversivelmente transformado com a introdução do Macintosh (Mac), o primeiro “computador de mesa” acessível, desenvolvido pela Apple sob a liderança de Steve Jobs (John Wiley & Sons, Inc., 2004). À medida que os computadores se iam desenvolvendo e, por consequência, a sua capacidade ia aumentando, as empresas e fundições como a ITC (International Typeface Corporation), a Adobe (Adobe Systems Incorporated), a Linotype entre outras, mudaram o seu foco e começaram a desenvolver versões digitais das fontes tipográficas já existentes nas suas bibliotecas. A introdução de programas que permitem a criação de fontes fez com que se difundissem e comercializassem no mercado milhares de fontes, fazendo com que estas fossem de uma qualidade muito variável (Mourão, 2016, p.37).

Segundo Ilene Strizver (*in* John Wiley & Sons, Inc. p. 25), conceber uma boa tipografia é uma arte que no passado levou muitos anos a ser dominada e para qual era necessário profissionais altamente qualificados, que dedicariam as suas carreias para desenvolver bons tipos. Atualmente, com a difusão de meios e ferramentas aliadas à facilidade de obter informações na internet, muitos são os profissionais das artes gráficas que trabalham o design de tipos sem uma formação profunda na área, resultando na proliferação da “má” tipografia.

Embora existam muitos programas que são excelentes ferramentas para a conceção de novas fontes, é necessário possuir conhecimento pois o computador deve ser visto como uma ferramenta, ou seja, um meio para atingir um fim.

Farias (2004) destaca que, diante da imprecisão de um termo utilizado pela língua portuguesa para traduzir a palavra *typeface*, a palavra “tipografia” pode ser utilizada como um sinónimo de “fonte” para se referir a um “tipo de letra” específico. Mencionado também por Farias (2004), dentro de uma ampla definição de tipografia e de design de tipos, é necessário destacar que, apesar de qualquer um dos processos tais como a caligrafia/escrita ou *lettering* possam resultar numa fonte tipográfica, do ponto de vista do design gráfico e da tipografia, trata-se de um processo mecânico ou automatizado para a obtenção de um caractere regular e repetível, sendo caractere a designação para cada uma das letras, números e sinais que compõem uma fonte tipográfica.

Na tipografia digital, “fonte” designa o arquivo de computador que contém os dados de programação relativos a uma única variante de uma família tipográfica. Em consequência, uma família tipográfica é o conjunto de “fontes” e as suas variações, tais como: regular, normal (*roman*), negrito (*bold*), leve (*light*) itálico e versalete.

2.1.4. Tendências Atuais na Caligrafia

Exemplos como as fontes variáveis vieram mudar a forma de como se utilizam as fontes estáticas. As fontes variáveis usam um arquivo para armazenar muitos estilos de fontes, ao contrário das fontes estáticas que utilizam arquivos separados para cada estilo, proporcionando assim a possibilidade de inúmeras variações tipográficas (Adobe, 2023, Use fontes variáveis do Adobe Fonts, helpx.adobe.com).

Por seu turno, a caligrafia moderna varia de inscrições funcionais até criações utilitárias para obras de arte, onde a expressão abstrata pode tornar-se mais importante que a legibilidade das letras (Mediavillas, 1996).

Artistas como Romon Kimin Yang, também conhecido por Rostarr, utilizam a caligrafia de forma artística e expressiva. No seu livro *Graphysics*, Rostarr descreve o dinamismo geométrico, a singularidade e a utilização do preto e do branco como característica dos seus trabalhos. (Widewalls, 10 Contemporary Graffiti Calligraphers, <https://www.widewalls.ch/magazine/10-contemporary-graffiti-calligraphers>).

Tal como Rostarr, atualmente existe um grande número de artistas na área da escrita contemporânea e o fenómeno das redes sociais veio ajudar bastante à sua visibilidade e promoção. Vale a pena destacar o coletivo Calligraphy Masters (<https://www.youtube.com/@CalligraphyMasters>), constituído pelos mais profícuos calígrafos da atualidade, que abordam todos os temas relacionados com a escrita, desde a escrita antiga, passando pelos estilos modernos e por expressões mais artísticas da escrita (calligrafitti).

O *Lettering* é uma nova forma de criar letras ou palavras, muitas vezes utilizando diferentes estilos, tamanhos e ornamentações. Diferente da tipografia, que envolve o uso de fontes pré-existentes, o *lettering* é uma prática mais livre e personalizada, onde cada letra é desenhada à mão, permitindo uma expressão única e criativa. A palavra *Lettering* tem origem inglesa e resulta da junção da palavra “*letter*” que significa letra, com “*ing*”, que indica uma ação. *Lettering* é o termo para a arte de desenhar ou ilustrar letras, em vez de simplesmente escrevê-las. Este estilo é definido pela individualidade de cada letra, palavra ou frases.

Acresce ainda dizer que o revivalismo da caligrafia criou nichos de atuação profissional para os artistas e designers tais como o *lettering* em montras (vidro, ardósia, posters, menus, etc), sinalética, identidade visual, caligrafia e *lettering* para estacionário de casamentos e batismos, etc. (Stevens et al, 2018; Sy, 2018; Engelbrecht, 2010; Hooper and Hooper, 2017). Atualmente, com a evolução tecnológica e com as novas ferramentas e materiais, as possibilidades da escrita antiga e moderna são infindáveis.

2.2. Legibilidade

Foram vários os autores que se debruçaram acerca dos temas de legibilidade e leiturabilidade. Na análise apresentada selecionou-se os autores considerados relevantes no entendimento do presente estudo.

Um dos primeiros estudos sobre a legibilidade foi realizado no séc. XVIII, na França, por Jean Anisson. Foram impressas duas folhas com diferentes tipografias, na primeira o texto tinha sido impresso com a fonte tipográfica Didot, e na segunda com Garamond, de forma a perceber se o estilo tipografico escolhido influenciava na leitura a diferentes distâncias. Neste estudo Anisson conclui que a Garamond podia ser lida a distâncias maiores que a Didot. A maior preocupação dos testes realizados foi encontrar excelentes condições de leitura, de modo a entender quais são as melhores composições tipográficas e desenhos de caracteres que contribuem para o aumento da velocidade e compreensão da leitura.

Já no século XX, Lund (1999) refere que legibilidade é um termo que tem sido utilizado para mensurar, sob uma variedade de condições, a velocidade de leitura de um texto contínuo, mas também a visibilidade ou percepção de letras ou palavras. Outro autor, no mesmo ano, define legibilidade como a facilidade de identificação correta dos caracteres por parte do leitor (Strunk, 1999). Para Niemeyer (2003) a legibilidade é também afetada por fatores ambientais, tais como, o nível de iluminação, o grau de contraste entre letras e fundo e o nível de fadiga visual do leitor.

Segundo Heitlinger (2007), a legibilidade é a habilidade de converter caracteres em conceitos o mais rápido possível. Este refere que a distinção entre legibilidade e leiturabilidade está entre o reconhecimento de caracteres e a interpretação de um texto.

Rumjanek (2009), por sua vez explica que existem diversos critérios de avaliação da legibilidade, estes aplicados em testes que utilizam tipografias e composições tradicionais. Tendo como testes mais comuns, a percepção à distância, a velocidade de percepção, a frequência de piscada de olhos, a opinião do leitor e a compreensão, entre outros.

Num estudo realizado por Sanssoon (1993), é explicada a vertente da legibilidade aplicada à leitura infantil. A autora questiona o porquê na escolha de aspectos ou parâmetros tipográficos para crianças serem desenvolvidos por adultos, sejam estes professores que não possuem conhecimentos em desenho de caracteres, ou designers, que segundo a autora, utilizam questões estéticas que pareçam mais adequadas aos interesses infantis.

Posteriormente Walker (2005), implementou um teste onde apresentava tipografias como Comic Sans, French Script, Fabula, Lucida Handwriting e a Sand a um grupo de crianças. Após estas serem confrontadas com as fontes tipográficas, surgiram comentários como: a Comic Sans parecia uma “escrita de bebê” ou “escrita de quadradinhos”, a French Script aparentava ser “estrangeira”, “antiga” e que a Fabula era uma “escrita de verdade” e “escrita de um livro comum”.

Gusmão (2004) realizou um teste com 37 crianças onde utilizou 4 fontes tipográficas; Comic Sans, Alfabética, Avant Garde e Times New Roman. O autor conseguiu constatar que entre elas, 12 conseguiram identificar as diferenças, 6 demonstraram preferências pela Comic Sans, 4 preferiram a Alfabética, 2 a Avant Garde e 1 escolheu a Times New Roman. Este mesmo teste foi aplicado a docentes onde, segundo o autor, todos eles conseguiram perceber a diferença entre as fontes. A fonte Avant Garde foi a preferida, em seguida a Comic Sans e a Alfabética, já a Times New Roman não obteve nenhum voto por parte dos docentes. Estes testes pareceram demonstrar que as crianças possuem capacidades para reconhecer distintos estilos tipográficos e que geralmente tendem a preferir caracteres infantis.

Em síntese, e considerando as referências dos autores anteriormente mencionados, o termo legibilidade refere-se à velocidade de leitura e reconhecimento do desenho de um carácter, podendo ser influenciada por factores ambientais como a luz, pelo nível de fadiga por parte do leitor, por aspectos culturais e pela habilidade e experiência por parte do leitor.

2.3. Leiturabilidade

Tendo já como referência a abordagem aos factores que influenciam a legibilidade, efetua-se, agora, uma breve exposição e distinção no que concerne ao termo leiturabilidade.

A leiturabilidade, segundo Binns (1989), é um passo além da legibilidade. Um texto pode ser legível, porém pode não ter uma boa leiturabilidade, ou seja, a sua leitura não é confortável podendo ser cansativa. Segundo Aldrich e Fennell (1991) um texto tem boa leiturabilidade quando pode ser lido facilmente e de forma confortável. Se o leitor ficar cansado ao ler um texto, poderá significar que não foi atingido o máximo de leiturabilidade para aquele texto.

Segundo Frascara (2003), este enuncia que a leiturabilidade é diferente de legibilidade já que a primeira tem como principal foco a compreensão dos textos. Segundo o autor, o termo foi inventado por Hebert Spencer, fundador do Legibility Research Unit at Royal College of Art em Londres. Frascara aponta ainda que a leiturabilidade, mais do que relacionada à percepção, está relacionada à cognição. Cada grupo, da criança ao idoso, apresenta as suas próprias formas de interpretar com as informações visuais apresentadas pela escrita.

Na escrita dirigida ao público infantil, a leiturabilidade é um dos requisitos para que o livro alcance o sucesso, segundo Tabbert (1994). Se um livro apresentar um nível de leiturabilidade de dificuldade superior à competência de leitura da criança, esta pode desmotivar-se e perder o interesse. No entanto, nem sempre é possível, sem a aplicação de um estudo detalhado de um texto, entender se esta dificuldade está relacionada ao léxico, à sintaxe, à organização dos argumentos/ideias, ou à junção de tudo isto ou ainda ao próprio leitor.

A fim de averiguar a leiturabilidade dos textos (relacionado ao conteúdo) e a compreensibilidade (relacionada ao leitor/contéudo) junto do público leitor, educadores nos Estados Unidos da América fizeram as primeiras investigações, onde elaboraram fórmulas de leiturabilidade. Estas têm como base micro e macro-estruturas do texto, tamanhos de frases, número de sílabas, lista de palavras, dificuldade de vocabulário e aspetos da legibilidade visual da tipografia à ilustração. O autor refere ainda que outros autores como Kintsch (2001),

defendem que estes tipos de fórmulas não têm em atenção as propriedades conceituais dos textos e não consideram a interação entre o leitor e o texto. O autor critica igualmente que o tamanho da frase não é um bom indicador para a mensuração da leiturabilidade, contudo, num estudo posterior, reviu e contraria a sua posição ao afirmar que o vocabulário e o tamanho das frases aumentam ou diminuem a dificuldade na leitura (DuBay 2004).

No que diz respeito ao tamanho da frase, Flesch (2009) demonstra que durante o processo de leitura, os olhos do leitor tendem a fixar-se em pontos no texto, e que só após encontrar uma pontuação é que o leitor pode concluir a sua formulação de pensamento. Deste modo, frases longas requerem maior tempo de retenção de memória para a construção do sentido e precisam também de estruturas mais complexas. Ainda segundo o autor, o mesmo se aplica em relação ao tamanho das palavras. Em 1942, Rudolf Flesch apresenta a sua primeira fórmula de mensurabilidade da leiturabilidade e publicou diversos livros sobre leiturabilidade e *plain language* nos Estados Unidos. Segundo Dubay (2007) esta fórmula deve resultar numa escala entre 1 e os 100 de forma a indicar o grau de dificuldade de um texto. Quanto mais alto o valor mais fácil é o texto.

Martins e Figueira (2007) adotaram as siglas CMS (Comprimento de Médio da Sentença) que traduz o número de palavras dividido pelo número de frases e SPP (Sílabas por Palavras) o número médio de sílabas dividido pelo número de palavras. Pode-se obter resultados entre 0 e 30 que seriam classificados como muito difícil, 30 a 40 difícil, 50 a 60 razoavelmente difícil, 60 a 70 padrão, 80 a 90 fácil e 90 a 100 muito fácil.

De forma a concluir, e em consideração com as referências dos autores anteriormente mencionados, o termo leiturabilidade vincula-se na facilidade e no conforto visual sentido pelo leitor quando este é confrontado com uma mancha de texto mais extensa. Esta pode também, ser influenciada pela cognição de cada indivíduo, já que estes podem apresentar vários níveis de instrução e as suas próprias formas de interpretar a informação visual apresentada pela escrita.

2.4. Regras Tipográficas

O foco principal desta investigação, como já foi referido anteriormente, é a legibilidade e leiturabilidade da escrita à mão em livros para crianças, importando perceber que, no entanto, para que haja um melhor aproveitamento no processo de leitura por parte das crianças, é necessário ter em consideração fatores gráficos que influenciam estes dois parâmetros.

Cordeiro (1987) destaca que a escolha adequada de tipos, dos espaços entre as linhas, da extensão das margens, a aplicação de uma paginação correta, resulta num texto acessível e de fácil leitura.

Schriver (1997) evidencia que não basta simplesmente realizar um documento legível, é importante ter-se em consideração características tipográficas como a adequação retórica, ou seja, uma vinculação entre a tipografia, o propósito do documento, o seu género, as necessidades, desejos e objetivos da audiência. Fatores estes de importância para que os leitores percebam, organizem e memorizem o conteúdo do documento.

Os livros destinados às crianças exigem um maior cuidado na sua elaboração que os demais, pois estes têm como finalidade criar o gosto pela prática da leitura.

No que diz respeito à escolha da tipografia dirigida a crianças, é interessante ressaltar que existem caracteres especiais, desenvolvidos com o intuito de melhorar a legibilidade dos textos. Sassoon e Williams (2000) trabalharam durante décadas em pesquisas relacionadas com problemas da escrita, de forma a avaliar a percepção das crianças em relação ao desenho tipográfico. A partir dos resultados obtidos, estas autoras desenvolveram uma família tipográfica própria, designada Sassoon, que utiliza *exit strokes* na linha base como sua maior relevância. Os *exit strokes* são compostos por uma linha que simula um agrupamento entre caracteres de maneira cursiva possibilitando um melhor espaçamento entre as letras, remetendo ao movimento da escrita cursiva.



Figura 1. Cap. II. Imagem referente à utilização do *exit strokes* na fonte Sassoon (Sassoon & Williams, 2000).

Outra fonte tipográfica desenvolvida com o intuito de facilitar a leitura por parte das crianças foi a Escolar Portugal. Esta assemelha-se à forma caligráfica, é composta por formas simples de maneira a evitar desenhos desnecessários, os elementos são arredondados e são evitadas as linhas diagonais. Esta família tipográfica foi desenhada com o propósito de ligar a

letras de forma a facilitar a construção de sílabas e palavras, de modo que as crianças treinassem o espaçamento correto entre elas (Heitingler, 2009).

Segundo Walker (2005) a designação “caractere infantil” é utilizado para descrever as letras que são desenhadas de acordo com as necessidades percebidas nas crianças. Algumas são redesenhadas para parecer com letras manuscritas.

Outra investigadora que é a favor do uso de caracteres infantis é Vera Coghill (1980). Esta autora alerta para o facto de que fontes como a Century e a Gill Sans causarem dificuldades na leitura das crianças devido ao desenho dos seus caracteres não infantis.

Relativamente ao tamanho da tipografia, Burt (1959, in Coutinho 2006), aponta que, para os primeiros anos de escolaridade, quando as crianças se encontram no processo de alfabetização, todos os livros devem ser impressos em letras grandes, em corpo de 14 para o 2º ano e 12 para o 3º e 4º anos. Deste modo a tipografia utilizada deverá ter caracteres grandes o suficiente para que haja uma diferenciação entre as letras e para que as crianças consigam realizar uma leitura sílaba a sílaba.

Ainda no que diz respeito ao tamanho dos caracteres tipográficos, Willberg e Forssman (2007) apontam que existem duas escolas de pensamento: a primeira, em concordância com Burt (1959, in Coutinho 2006), defende que as letras devem ser relativamente grandes em livros infantis e de iniciação à leitura, de modo que as diferenciações das formas das letras sejam inconfundíveis, e só após o treinamento da leitura é que o corpo da letra pode ser reduzido. A segunda escola, defende a ideia de que as crianças com visão saudável podem focalizar com precisão e, na maioria das vezes, conseguem ler a uma distância bem pequena entre os olhos e o papel. Contudo os autores não corroboram em relação a qual dos dois pensamentos acham mais adequado para a aprendizagem das crianças.

Sassoon (2003) destaca que a tipografia para crianças funciona melhor quando se tem poucas palavras na página, e quando há excesso das mesmas as crianças preferem uma tipografia ligeiramente inclinada.

Em relação à linha e seu comprimento, Willberg e Forssman (2007) aconselham que esta seja percebida com um único olhar e que a sua quebra deve acontecer de acordo com o sentido das frases.

Walker (2006) elaborou uma pesquisa com 24 crianças para entender aspetos sobre os espaçamentos entreletras e entrepalavras. A autora utilizou quatro tipos de espaçamentos: justo, normal, grande e muito grande. Esta destaca que, após esta pesquisa, as crianças demonstraram entender mais diferenças nos espaçamentos das letras do que no das palavras. A autora destaca também que os espaçamentos entreletras e entrepalavras maiores ou menores afetam a visão

em relação ao nível de dificuldade de leitura. Algumas das crianças que fizeram parte desta pesquisa, compartilharam que um espaçamento maior entreletras e entrepalavras apresenta facilidade na leitura e auxiliava a soletrar a palavra e um espaçamento mais justo apresenta dificuldade de leitura. Contudo, um problema que existe quando aplicamos o espaçamento entreletras na palavra é a sensação de fragmentação. Para compensar este aspecto é necessário que o espaçamento entrepalavras e entreletras seja ajustado e equilibrado proporcionalmente.



Entreletras
Entreletras
Entreletras

Figura 2. Cap. II. Exemplo representativo de entreletra (reduzido, normal e grande) (fonte da autora).

Exemplo de espaçamento
entrepalavras.

Exemplo de espaçamento
entrepalavras.

Exemplo de espaçamento
entrepalavras.

Figura 3. Cap. II. Exemplo representativo de entrepalavras (reduzido, normal e grande) (fonte da autora).

Linha base Exemplo de espaçamento
entrelinhas

Linha base Exemplo de espaçamento
entrelinhas

Figura 4. Cap. II. Exemplo representativo de entrelinhas (fonte da autora).

Ainda em relação ao espaçamento entrelinhas e entrepalavras, Willber e Forssman (2007) salientam que, para que haja uma leitura sem equívocos por parte das crianças, as palavras devem estar bem espaçadas e o espaço entrelinhas dever ser maior que o espaço entrepalavras.

Maia (2002) define o conceito de linha como a linha de assentamento dos caracteres, denominada de “linha base”. São linhas imaginárias cuja visibilidade é fruto do que, segundo a teoria da *gestalt*, é conhecido como “lei da continuidade” e que pressupõe que o nosso cérebro se encarrega, abstratamente, de tornar concreto o que de facto não existe.

2.5. A Leitura no 1º Ciclo

“A leitura é, em primeiro lugar, um prazer e os prazeres não se impõem, comunicam-se por contágio” Savater (2006)

A aprendizagem da leitura e da escrita é uma das atividades mais complexas que um aluno do 1º ciclo pode realizar, envolvendo atividades com recursos a mecanismos auditivos (consciência fonológica, visual – grafema – e motores). “A leitura, por conseguinte, envolve uma correlação entre um sinal auditivo e um sinal visual, ao mesmo tempo que constitui uma reconstrução de significados, de ideias, de sentimentos e de impressões sensoriais” (Downing e Thackray 1971).

A leitura tem sido objeto de extensas investigações, visando elucidar o intrincado processo envolvido. O propósito subjacente a essas análises reside na compreensão da natureza, função e operação dos processos fundamentais de leitura. O objetivo é derivar metodologias de ensino e aprendizagem que não apenas promovam o sucesso escolar dos alunos, mas que também contribuam para a formação de cidadãos leitores. Esses cidadãos, idealmente, deveriam manter o hábito da leitura e continuar a aprimorar suas habilidades ao longo de suas vidas, mesmo após o período de escolaridade.

Diversas atividades destinam-se a apoiar e estimular o processo de leitura e aprendizagem. Na fase de pré-leitura, conforme destacado por Piaget (1929), a construção do conhecimento ocorre por meio da interação entre o conhecimento prévio e a nova informação. Nesse contexto, Martins e Magalhães (2007) preconizam a implementação de atividades prévias à leitura, que visam ativar e desenvolver a competência abrangente dos alunos, explorando elementos paratextuais, como a capa, o título e as ilustrações. Durante a leitura, os alunos têm a oportunidade de interagir ativamente com o texto, estabelecendo conexões, questionando e relacionando as informações textuais com seus conhecimentos empíricos e histórico-factuais. Além das leituras em voz alta, que conferem expressividade ao texto, são promovidas sessões de leitura silenciosa e individual.

Prosseguindo com as sugestões de Martins e Magalhães (2007), em uma fase subsequente, pós-leitura, é concedido um intervalo para reflexão informal sobre o impacto deixado pela leitura. Posteriormente, promove-se uma discussão aberta sobre o material lido, sem impor um direcionamento específico, permitindo a expressão de apreciações, emoções e associações. A circulação do livro entre os participantes é incentivada, e gradualmente a conversa assume rumos mais definidos. Nesse momento, é crucial garantir a participação equitativa, estimulando os alunos a formular perguntas, responder e intervir de maneira

respeitosa. Perguntas que abrangem apreciação de comportamentos, originalidade da escrita e julgamento, assim como a discussão de situações associadas ao conteúdo do texto, são consideradas pertinentes. Essa fase pode também envolver o retorno ao texto para verificar a compreensão de dados essenciais, utilizando perguntas de caráter literal (Martins, A., & Magalhães, M. (2007). *Formar Leitores.*).

Uma pesquisa feita por Ingham (1974) evidencia que, mesmo em um ambiente social, familiar e escolar repleto de livros, algo essencial para incentivar jovens leitores na cultura escrita, não é, de facto, o bastante para o desenvolvimento de leitores altamente motivados para a leitura. O diferencial na sustentação do desejo de ler está relacionado à maneira como os livros são abordados, destacando que simplesmente possuir livros para leitura não constitui uma condição suficiente para cultivar leitores altamente motivados. O processo de formação de leitores, portanto, envolve atividades específicas e métodos pedagógicos produtivos (Tauveron, 2002).

Mialaret (1974) aponta que saber ler não é apenas uma técnica de decifração, mas sim de compreender o que se decifra. O autor ainda aponta que a aprendizagem da leitura está interligada com a formação do pensamento e do desenvolvimento crítico, construindo assim o resultado de toda a educação, que nunca se pode considerar como terminada.

Ao longo da história do ensino surgiram vários métodos para o ensino-aprendizagem da língua, com o intuito de facilitar a aquisição da leitura e da escrita de forma a colmatar as falhas que foram surgindo ao longo do tempo.

2.6. Escrita Cursiva no 1º Ciclo

O "Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico" em Portugal, documento oficial elaborado pelo Ministério da Educação onde são estabelecidas as diretrizes para o ensino da disciplina de Português nas escolas de ensino básico, tem como principal finalidade auxiliar no desenvolvimento da linguagem escrita através do progresso da consciência fonológica e consciência ortográfica. É pretendido também que o aluno desenvolva o reconhecimento das letras e consiga corresponder o grafema ao fonema, desenvolvendo a sua escrita fonológica, silábica, ideográfica, proporção e espaçamento de forma legível (Direção-Geral da Educação, <https://www.dge.mec.pt/portugues>, 2024).

Segundo Feder & Majnemer (2007), o desenvolvimento do uso de um instrumento de escrita evoluiu de traços rabiscados para um controlo de traços elaborados, que entre os dois e

os cinco anos de idade dá à criança a possibilidade de realizar traços horizontais, verticais e circulares, sendo estas as bases para a escrita cursiva a partir dos seis anos de idade. O desenvolvimento da escrita cursiva acontece entre os seis e os onze anos de idade, contudo, a escrita organizada e coerente acontece a partir dos oito a nove anos de idade.

A instrução formal na prática da caligrafia, apesar do interesse dedicado à exploração dos comportamentos incipientes da escrita na educação pré-escolar, só é efetivamente abordada de maneira explícita e sistemática no momento da entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico. A aquisição da habilidade de escrita pressupõe, invariavelmente, a aprendizagem de um alfabeto dual, composto por letras maiúsculas e minúsculas. É crucial que o professor esteja ciente de que as semelhanças entre os pares de grafemas nos dois alfabetos, especialmente na caligrafia, são limitadas. O conhecimento dos elementos mínimos que constituem os sinais gráficos é de importância fundamental. Todos os grafemas, seja na forma de letra de imprensa ou manuscrita, são compostos por pequenas unidades (segmentos de retas, linhas oblíquas, círculos, linhas curvas, etc.) articuladas entre si por características gráficas distintas. Na tipografia, esses elementos frequentemente receberam identificação e nomenclatura por meio de metáforas antropomórficas: letras possuem pernas, barrigas, orelhas, ombros, caudas, braços, cabeças, dentes, entre outros. Algumas dessas metáforas podem ser incorporadas com êxito no ensino da caligrafia para crianças, visando reduzir a estranheza em relação aos sinais gráficos e permitindo que o aprendiz se aproprie de suas características por meio de uma linguagem familiar (Baptista Andriana, Viana Fernanda, Barbeiro Luís, O ensino da Escrita: Dimensões Ortográficas, 2011).

Ainda segundo os mesmos autores, é importante compreender que, além da forma das letras, a caligrafia incorpora as convenções básicas relacionadas à disposição gráfica da página em que os textos são apresentados. Normalmente, essas convenções são ensinadas simultaneamente à aprendizagem da escrita e englobam a clareza na elaboração das letras, a organização das palavras, frases e parágrafos, a coesão gráfica dos textos, realces em títulos e alinhamentos à esquerda. Esses elementos contribuem significativamente para a clareza na escrita e para a obtenção eficiente de informações adicionais durante a leitura. O sistema gráfico deve ser eficiente, claro, simples e previsível. A originalidade gráfica, muitas vezes associada a um estilo pessoal e erroneamente confundida com uma personalidade marcante, pode retardar a transmissão de informações e se manifestar como ruído.

Uma taxa de 12% a 14% das crianças revelam problemas na capacidade da escrita, com uma incidência três vezes superiores nos rapazes (Ritchery & Coker, 2013). Segundo Ritchey

(2008) existe uma maior dificuldade no reconhecimento de letras visualmente similares, como por exemplo, “b” e “d”, “u” e “v”, ou letras com mudanças de direção, como o “z” e o “s”.

2.7. Breve História do Livro Infantil

Os textos literários, quando adequadamente selecionados para o público infantil, desempenham um papel significativo na elevação dos níveis de literacia e no enriquecimento cultural, além de exercerem influência no sucesso escolar. Além disso, essas obras também exercem um impacto substancial no processo de formação de crianças e jovens. Determinadas composições literárias se destacam como fontes de infindável riqueza para aqueles que as leem ou têm o privilégio de ouvi-las. Essa riqueza, assemelhada a um tesouro oculto nas profundezas da terra, requer dedicação e perseverança na busca, revelando-se discretamente como presentes para os que se empenham na sua exploração. Os livros direcionados ao público mais jovem, quando submetidos a uma seleção criteriosa, estabelecem-se como um espaço propício para o encantamento, proporcionando vivências que desempenham um papel determinante na formação das capacidades de ser, estar e pensar (Costa, *À Descoberta dos Segredos Escondidos nas Entrelinhas: Valores e Emoções na Literatura Infanto-Juvenil*, 2008).

Até ao final do séc. XVI as crianças eram tratadas e/ou consideradas como pequenos adultos, sendo sujeitas a atrocidades cometidas pela sociedade que não compreendia o mundo infantil, “...foi justamente no período monárquico de Luís XV, na França, que surgiu a literatura infantil. Quando acontecia a ascensão da burguesia e a criança passou a ser vista de diferente forma e não mais como um pequeno adulto.” Coelho (2005).

Apesar de algumas divergências, documentalmente, o francês Charles Perrault é considerado o pai da história infantil. Foi ele quem registou contos que já eram contados oralmente no seio familiar e escreveu contos como a Cinderela, Capuchinho Vermelho, entre outros. Logo após o sucesso de Perrault, na Inglaterra, a ilustração infantil nos livros como um produto de consumo ganha uma grande importância, fortalecida pelo comércio do país. Entre as instituições que ganham força na época, está a família, onde cada membro assume um papel importante na sociedade, sem desvalorizar o papel da criança. Para uma grande percentagem de autores, estavam associadas às crianças características como a fragilidade e a dependência, cabendo à escola prepará-las para a vida adulta, fazendo com que as aulas passassem a ser obrigatórias. No começo do século XX, na Europa, a história do livro infantil sofreu uma inovação graças a Beatrix Potter. Esta autora inglesa inovou, ao associar o comportamento

animal ao comportamento humano, com a criação de uma personagem animal humanizada, “*The Peter Rabbit*”. Além deste feito a autora revelava preocupações tais como o formato e o manuseio do livro para as crianças (Silva, 2021).

O livro era tendencialmente de valor didático, com valores morais e religiosos, e só a partir da década de 70 sofre uma mudança temática e passa a ter novos dogmas da educação: a valorização da criatividade, da independência e da emoção infantil, podendo designar estes pontos como pensamentos críticos. “(...) e com ênfase à criança ativa, participante e não-conformista” (Silveira, 1997, p. 149).

Atualmente, é possível acessar uma extensa variedade de títulos pertencentes ao gênero da Literatura Infanto-Juvenil. Contudo, uma seleção meticulosa torna-se imperativa para garantir a qualidade do material oferecido aos jovens leitores, assegurando que o livro em questão atenda às expectativas estabelecidas. Para realizar uma seleção apropriada, é necessário adquirir um entendimento aprofundado do panorama literário infanto-juvenil, bem como desenvolver habilidades para interpretar além da leitura linear. A análise crítica proporcionada por essa leitura minuciosa possibilita a identificação de obras que se destacam pelo significativo contributo oferecido, especialmente no que concerne à inculcação de valores e à evocação de experiências emocionais. Tais elementos são considerados de suma importância no processo de formação de crianças e jovens (Costa, *À Descoberta dos Segredos Escondidos nas Entrelinhas: Valores e Emoções na Literatura Infanto-Juvenil*, 2008).

Sawulski (2002) destaca que o papel do livro nas escolas deve ser o de despertar o gosto pela leitura. O livro pode provocar alegria e encanto quando trabalhado de maneira significativa, podendo também trabalhar a imaginação, os sentimentos a emoção e a expressão através de uma aprendizagem prazerosa.

2.7.1. Relação Texto-Ilustração

Estudos feitos por Dalley (1982) apontam para a imprecisão da data das primeiras ilustrações. Para alguns historiadores e autores, a ilustração e a escrita, possuem origens na pré-história, após as inscrições rupestres.

Segundo Luís Camargo (1990, p. 167), a “ilustração é arte”, constituindo-se como uma das primeiras portas de entrada da criança no universo artístico, uma vez que “o acesso ao livro é muito mais fácil do que a museus, galerias, etc.” O acesso precoce a esse tipo de expressão é considerado fundamental para que o indivíduo descubra e desenvolva a capacidade de perceber

as contribuições que a arte pode oferecer, transcendentais ao caráter meramente utilitário. Ferreira Gullar, em uma de suas entrevistas sobre arte e poesia, argumenta que a arte proporciona ao ser humano a possibilidade de explorar um outro mundo, distinto do trivial (Gullar, 2005).

É imperativo que a criança estabeleça contato com essas manifestações artísticas, propiciando a aprendizagem das aparências e a habilidade de "aprender a ver, a ouvir, a saborear as formas sensíveis em si mesmas, a perceber os objetos de acordo com a sua estrutura e a sua formação, e não apenas segundo sua utilização imediata" (Forquin apud Dias, 1999, p. 176). Dessa forma, ela desenvolverá um olhar mais ativo e seletivo em relação à profusão de produções massificadas na contemporaneidade.

As ilustrações no livro infantil podem aparecer como uma figura colocada sobre fundos ou podem constituir o próprio fundo, gerando várias relações espaciais com o texto (Nodelman, 1988). O autor observa que a relação entre a imagem e o espaço em branco demonstram em que lugar as palavras de um texto podem ser colocadas, a relação física do texto com a imagem é menos significativa do que o espaço em branco com a imagem. A ocupação espacial da ilustração em relação a um texto numa página pode ser caracterizada de quatro maneiras principais: a ilustração aplicada numa área separada do texto; a ilustração aplicada parcialmente em união com o texto; o texto é aplicado de modo a intermediar ou a se relacionar com a forma da ilustração; o texto é aplicado dentro da área da ilustração (Nodelman, 1988).

No livro infantil contemporâneo uma das principais características é a ilustração do início ao fim, ou seja, a ilustração faz parte do livro e da história.

Necyc (2007) refere que a localização do texto e das imagens causam influência na leitura da página e do livro como um todo. O equilíbrio e o contraste do balanço visual da página são a forma pela qual se pode realizar tal indução da leitura – páginas com poucos elementos visuais tendem a gerar um maior valor gráfico para cada elemento presente na mesma.

Durante o processo da paginação de um livro infantil ocorre a possibilidade da tipografia se apresentar como um elemento compositivo, ou seja, apresentar-se como elemento pictórico. Apesar deste método ser utilizado majoritariamente com um objetivo estético, também deve ser utilizado de acordo com os princípios da legibilidade (Necyc, 2007).

O livro infantil contemporâneo é dotado de liberdade na disposição de seus elementos tipográficos em conjunto com a imagem, pois a disposição gráfica da página pode, dentre

suas múltiplas leituras, ser apreendida num mesmo enunciado. O livro infantil trabalha uma tendência de incorporação nos dois sentidos: do texto pela imagem e da imagem pelo texto (Necyk, 2007).

Segundo Necyk (2007), a tipografia é aplicada para transmitir um significado. Neste sentido, o texto transmite uma mensagem por meio do alfabeto, além de que este pode, através do efeito visual, criar significados simbólicos da mesma forma que uma imagem. Assim, o texto permanece com a sua função, mas a tipografia e a forma escolhida apresentam-se como um sistema que se relaciona com a restante peça gráfica.

Se a criança é caracterizada como um indivíduo que manifesta de maneira mais pronunciada a faculdade da imaginação, é de suma importância preservar e fomentar tal potencial criativo por meio de recursos que proporcionem um contato com o universo artístico (Porfirio Alisson, Oliveira Ariane, Educação estética, texto e imagem na literatura infantil de Gullar, 2008).

2.8. Plano Nacional de Leitura

É importante que a criança desde uma idade precoce seja envolvida em processos de leitura gratificantes, de forma a criar hábitos e práticas de leitura estimulantes e positivas. Ao iniciarem estes processos ou durante o seu percurso escolar, irão manifestar uma maior motivação para a leitura e para a escrita.

O Plano Nacional de Leitura (PNL) é uma iniciativa implementada pelo Governo, da responsabilidade do Ministério da Educação em parceria com o Ministério da Cultura e do Gabinete do Ministério dos Assuntos Parlamentares. Este plano visa:

- Facilitar o acesso à leitura e ao conhecimento;
- Aumentar os hábitos e os índices de leitura da população;
- Melhorar as competências e os níveis de literacia dos portugueses;
- Promover o prazer e o gosto pela leitura;
- Desenvolver a formação leitora;
- Consciencializar a sociedade do valor e da importância da leitura;
- Estimular uma cultura e um ambiente económico-social favoráveis à multiplicação das práticas e dos contextos sociais de leitura;

- Potenciar a presença e a projeção mediática da leitura nos meios escritos, impressos e digitais, em presença e na Internet;
- Associar a leitura às ciências, às humanidades, às artes e às tecnologias digitais, de acordo com uma ecologia que se faz de múltiplas literacias;
- Usar a leitura para combater a desinformação, o preconceito e a ignorância.

(Obtido de Plano Nacional de Leitura: <http://www.pnl2027.gov.pt/np4/home>)

O público-alvo destas iniciativas abrange desde a infância até à idade adulta, tendo como prioritário os alunos que frequentam o Ensino Pré-escolar e as crianças que frequentam o Ensino Básico.

Após cinco anos da sua implementação em 2006, o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia e o Instituto Universitário de Lisboa, concluíram que a primeira fase do PNL teve um conjunto de impactos claramente positivos, tais como:

- No desenvolvimento regular de atividades de leitura num conjunto de contextos institucionais – escolas, bibliotecas, unidades de saúde, Centros Novas Oportunidades, associações, clubes, famílias;
- No envolvimento, em iniciativas de promoção da leitura e da literacia, de uma diversidade de setores sociais – professores e bibliotecários, educadores de infância e formadores de adultos, médicos e enfermeiros, municípios e fundações, meios de comunicação social e empresas, universidades e centros de investigação científica, entre vários outros;
- Nas práticas de leitura dos alunos, assim como nas suas atitudes relativamente à leitura e às bibliotecas e nas suas competências de literacia – sobretudo nos três ciclos do ensino básico, mas abrangendo também as crianças dos jardins-de-infância e os adultos dos Centros Novas Oportunidades;
- Na sensibilização da opinião pública a respeito da importância da leitura e da literacia e das ações que visam promovê-las – associando à implementação do PNL o desenvolvimento de um ambiente social claramente mais favorável à leitura do que anteriormente.

Um dos grandes impactos do PNL a salientar foi ter contribuído para que as escolas do Ensino Básico de todo o país adotassem uma atividade regular e consistente de leitura orientada em sala de aula.

Capítulo III - Metodologias

Para responder às questões propostas nesta tese foi necessário aplicar várias metodologias de trabalho. Assim, este capítulo divide-se em cinco secções: Normas Tipográficas, Análises dos livros propostos pelo Plano Nacional de Leitura e publicados pela Porto Editora, Edições Asa e Planeta Tangerina, Questionário e Caso de Estudo.

3.1. Normas Tipográficas

Foram analisados anteriormente vários trabalhos literários nesta área de estudo e posteriormente reunidos os autores que se consideraram mais pertinentes na literatura para crianças em fase de alfabetização, nomeadamente: Cordeiro (1987), Schriver (1997), Sassoon e Williams (2000), Walker (2005), Willberg e Forssman (2007) e Heitingler (2009).

3.2. Análise de Capas dos Livros do Plano Nacional de Leitura e das Editoras

Nesta fase foi tida em consideração a análise da composição tipográfica e caligráfica presente nos títulos e subtítulos na capa de cada livro. Foram propostos pelo Plano Nacional de Leitura 454 livros, num período de tempo compreendido entre 2018 e 2022. Apesar da sua implementação ter sido em 2006, a plataforma LER +, onde é possível encontrar o “Catálogo PNL” que dá acesso aos livros propostos pelo PNL, só teve início em 2017, fazendo com que só seja possível ter acesso às propostas de livros entre o ano de 2018 até 2022. Foi tentado por outros meios ter acesso à listagem das propostas do PNL entre o ano de 2006 e 2017, tais como bibliotecas, docentes e a Direção Regional de Educação do Algarve, mas nenhum tinha acesso a essa informação. Esperava-se inicialmente obter uma linha de tempo mais extensa a partir das propostas do PNL para que fosse possível obter dados sobre a existência ou não de uma tendência na utilização de escrita à mão nos últimos anos. Assim, todos os livros referidos adiante fazem parte desse mesmo catálogo.

Para tornar a recolha mais expressiva, elegeu-se mais 3 editoras que possibilitaram uma linha temporal mais extensa, entre 2000 a 2023. A Porto Editora, sendo uma das 3 editoras eleitas, publica livros para crianças na faixa etária dos 6 aos 9 anos desde 2002, permitindo analisar 187 livros. A Edições Asa foi a segunda editora eleita, sendo pioneira na publicação de

livros para crianças entre os 6 e 9 anos. O primeiro livro publicado pela editora foi em 2000 e foram analisados um total de 66 livros. Por fim a editora Planeta Tangerina, a mais recente entre as 3 editoras na publicação de livros infantis, viu o seu primeiro livro publicado no ano de 2004. Esta editora permitiu a análise de 100 livros.

Após ter reunido os livros propostos pelo PNL e publicados pelas 3 editoras, foi feita uma análise para que fosse possível identificar quais os livros que continham escrita à mão ou tipografia cursiva.

Para a identificação da escrita à mão foram tidos como critérios a observação de irregularidades no desenho dos caracteres, característica típica da escrita à mão devido ao fato de esta ser escrita por uma pessoa e não por um computador. Será então necessário que haja uma repetição do mesmo carácter para que seja possível observar a irregularidade presente no desenho do carácter e assim, comprovar que foi utilizada a escrita à mão verdadeira. Já para o reconhecimento da tipografia cursiva é necessário novamente que exista uma repetição do mesmo carácter ao longo do título ou subtítulo para que seja possível visualizar a repetição idêntica do desenho do carácter

Tendo estes critérios como base, em títulos e/ou subtítulos onde não se identificou a repetição da mesma letra não se considerou escrita à mão por falta de provas.

Com esta análise é pretendido aferir sobre a existência ou não de uma tendência crescente na utilização da escrita à mão e da tipografia cursiva nos livros para crianças ao longo dos anos.

3.2.1. Local de Recolha de Dados e Amostras

Foi utilizada a plataforma do Plano Nacional de Leitura (PNL), Ler +, para aceder ao catálogo de livros propostos desde 2018 até 2022. Foram utilizados filtros que estão à disposição no site da plataforma para poder filtrar com uma maior exatidão. Um deles foi a escolha da faixa etária, e no presente caso, foram escolhidos os livros propostos às crianças entre os 6 aos 8 anos e dos 9 aos 11 anos, ambos intervalos etários definidos na plataforma. Estas propostas também poderiam ser filtradas pelo nível de leitura da criança, tendo sido escolhida a opção para uma leitura inicial.

Na análise dos livros da Porto Editora foi utilizada a plataforma oficial (<https://www.portoeditora.pt/>), que também oferece uma filtragem por faixas etárias. Foi

escolhida a faixa etária dos 6 aos 9 anos pois a seguinte já iria englobar livros propostos a crianças entre os 10 e 12 anos fazendo com que esta recolha contivesse livros juvenis.

A Edições Asa foi analisada com base no website Livraria Almedina (<https://www.almedina.net/>), que permite, além da escolha da editora, escolher a quem as suas publicações se destinam. Neste caso foi escolhida a faixa etária compreendida entre os 6 e os 9 anos de idade.

Por fim para a editora Planeta Tangerina foi tido como base de pesquisa o website oficial da editora (<https://www.planetatangerina.com/pt-pt/>). Esta oferece alguns filtros para facilitar a escolha de livros, contudo a escolha por faixa etária não está incluída por que a editora Planeta Tangerina defende que deve ser a criança a escolher o livro que pretende ler, considerando este fator foram analisados todos os livros publicados pela editora.

3.2.2. Procedimento de Análise e Tratamento de Dados

Após a recolha dos dados sobre os livros, estes foram transferidos para o programa de cálculo Excel, da Microsoft, onde foi criada uma base de dados com todos os resultados. No total, foram analisadas 708 capas de livros.

Nesta plataforma foi permitido analisar os livros propostos pelos PNL entre 2018 e 2022 como também o número de livros onde foi possível observar a escrita à mão e a utilização da tipografia cursiva. Foi realizada também uma comparação percentual entre o número de livros propostos e o número de livros com escrita à mão ou tipografia cursiva ao longo dos anos para que fosse possível observar a existência, ou não, de uma tendência da utilização destas metodologias ao longo dos anos. O mesmo foi aplicado no caso das 3 editoras de forma a obter uma comparação entre livros publicados e livros com escrita à mão e tipografia cursiva. Foi também possível desenvolver gráficos de barras e linhas com valores absolutos e percentuais de forma a proporcionar uma mais fácil e correta leitura dos dados obtidos.

3.3. Questionário

Neste ponto relata-se a metodologia utilizada na realização do questionário. Como subpontos apresenta-se: Amostra e aplicação do questionário, instrumentos, considerações éticas e recolha de dados e parâmetros analisados.

O questionário em questão encontra-se em Apêndice I, Tabela 1, Figuras 21 e 22 para consulta.

3.3.1. Amostra e Aplicação do Questionário

O local eleito para a aplicação do estudo em questão foi o agrupamento Dr. Francisco Fernando Lopes, em Olhão. Esta escolha foi influenciada pelo fato de ter lecionado a disciplina de Educação Visual e Tecnológica aos alunos do 3º ciclo dentro do mesmo agrupamento trazendo algumas facilidades, tais como o contacto direto com a coordenadora do 1º ciclo que permitiu com que o questionário fosse aplicado ao maior número de alunos dentro do agrupamento e que este fosse realizado no prazo de um mês.

O público-alvo deste questionário foi os alunos do 2º, 3º e 4º anos e a abrangência da amostra foi de 164 alunos, sendo que destes, 37 alunos pertenciam ao 2º ano, 71 ao 3º ano e 56 ao 4º ano.

3.3.2. Instrumentos

O questionário foi entregue em ficheiro PDF aos docentes dos anos alunos do 1º ciclo através da coordenadora. Após a recolha dos mesmos foi observado que estes foram impressos a preto e branco vindo a afetar a intenção inicial de algumas questões. Quando confrontados sobre a questão foi esclarecido que o agrupamento não tinha verba para que fosse possível imprimir a cores.

A presença da mestranda não foi permitida em sala de aula, de modo que houve a necessidade de disponibilizar um documento de apoio aos docentes de forma a elucidá-los sobre o tema e quais as intenções finas pretendidas com o questionário.

3.3.3. Considerações Éticas

Para a realização e recolha do questionário foi necessário garantir o direito e o anonimato de todos os participantes de forma voluntária, e para este fim foi entregue um consentimento informado aos docentes para que este fizesse chegar aos encarregados de educação de cada aluno. Durante a aplicação do questionário os alunos foram informados dos objetivos, da confidencialidade e do anonimato dos dados fornecidos

3.3.4. Recolha de Dados e Parâmetros Analisados

O respectivo questionário foi dividido em 3 partes. Na primeira parte foram apresentadas questões aos alunos onde era dada como opção de resposta “Sim” ou “Não” com a intenção de entender se estes tinham ou não gosto pela prática da leitura, quais os aspectos gráficos que estes mais apreciavam e qual a sua perceção dos livros.

Na segunda parte do questionário foi apresentado duas imagens iguais onde a única diferença estaria no texto manuscrito que as acompanhava, e outro utilizando tipografia. Nesta questão era pedido que os alunos justificassem a sua escolha.

No final do questionário foi exibida uma imagem com utilização de escrita à mão para contar a história, sendo que a intenção era aferir sobre o nível de dificuldade sentido pelos alunos ao ler este tipo de texto. Foram dadas como opções para avaliar o nível de leitura como “Muito Difícil”, “Difícil” e “Fácil”.

Após a recolha dos questionários impressos, foram analisados os resultados transferidos para o programa Excel, onde foi possível criar uma base de dados com toda a informação resultante dos questionários.

3.4. Caso de estudo

No presente ponto, foram analisados 4 livros, todos eles propostos pelo PNL para o público-alvo estudado, que possuem escrita à mão nas suas capas e no seu interior. Sendo estes, “Mana”, da autoria de Joana Estrela, publicado pela editora Planeta Tangerina, “pê de pai” cujo a autora é Isabel Minhós Martins e publicado pela editora Planeta Tangerina, o livro “Estás tão crescida” da autoria de António Jorge Gonçalves da editora Pato Lógico e o livro “O Menino, a Toupeira a Raposa e o Cavalo” do autor Charlie Mackesy, tradução de Lucília Filipe e edição de Suma de Letras.

Os critérios utilizados para a seleção dos 4 livros foi, que pertencessem à proposta do PNL (Ler +), garantindo assim um grupo de livros com grande qualidade, em vez de restringir a seleção, apenas por autor ou editora.

O objetivo primordial desta análise consistiu na identificação de um conjunto de características, tanto positivas como negativas, empregadas na aplicação da escrita à mão no atual conjunto de livros. Pretendeu-se assim contribuir para uma análise da perceção e promover a discussão de boas práticas no âmbito da escrita à mão destinada a livros infantis.

3.4.1. Recolha de Dados

Na triagem feita na escolha dos livros recorreu-se à plataforma do PNL, Ler +, para aceder ao catálogo de livros recomendados. Utilizaram-se os filtros disponibilizados pela própria plataforma para uma seleção mais precisa. Um dos filtros aplicados incidu sobre a faixa etária, tendo sido selecionadas obras destinadas a crianças dos 6 aos 8 anos e dos 9 aos 11 anos, categorias previamente definidas pela plataforma. Foi possível, ainda, refinar a pesquisa com base no nível de leitura, optando-se por livros apropriados para uma fase inicial de leitura.

Para a recolha de informações necessárias sobre especificações e comentários foram consultados os seguintes websites: Para o livro “Mana” e “pê de pai” foi consultado o website oficial da editora (Planeta Tangerina, www.planetatangeria.com, 2024) e o website Wook onde foi destacado um comentário de uma leitora (www.wook.pt, 2024); para o livro “Estás tão crescida” foi consultado o website oficial da editora Pato Lógico (www.pato-logico.pt, 2024) e, por fim, para o livro “O Menino, a Toupeira, a Raposa e Cavalo” foi consultado o website da editora Companhia de Letras (Almedina, www.almedina.net, 2024) e a papelaria Almedina (Almedina, www.almedina.net, 2024).

3.4.2. Parâmetros Analisados

Após a seleção dos livros, foi essencial recorrer a um conjunto de regras tipográficas para avaliar o nível de legibilidade e leiturabilidade, conforme as necessidades dos alunos dos 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade. Estas regras, que já foram discutidas anteriormente no ponto 2.4. Regras Tipográficas, abrangem o espaçamento entreletras, o espaçamento entrelinhas, os *exit strokes*, a organização da linha de base, a dimensão das letras, a quantidade de texto por página, o posicionamento do texto na página e o seu contraste com o fundo.

Capítulo IV – Resultados e Discussão

4.1. Regras Gráficas

Com base na análise bibliográfica executada nesta tese, sobretudo os trabalhos dos autores mencionados no ponto 3.1. Normas Tipográficas, foi possível reunir um conjunto de normas gráficas que apresentam uma crucial importância no processo de aprendizagem da leitura:

- Um maior espaçamento entreletras, entrepalavras e entrelinhas ajudam a criança na legibilidade da escrita à mão.
- A utilização de “*exit strokes*”, característica comum da forma manuscrita, é uma ótima ferramenta a ser utilizada no agrupamento de letras fazendo com que haja um espaçamento entreletras coerente de modo a criar uma boa legibilidade na escrita à mão.
- Devido ao facto da escrita à mão ser bastante detalhada, necessita de ser apresentada em maiores dimensões para criar mais espaços em branco dentro e fora do desenho das letras, para que esta seja reconhecida facilmente pela criança.

4.2. Livros Propostos Pelo Plano Nacional de Leitura (PNL)

O PNL seleciona e reúne determinados livros e autores que poderão influenciar positivamente o público-alvo no que diz respeito à criação de hábitos de leitura.

Nesta primeira fase serão referidos todos os livros propostos pelo PNL desde 2018 até 2022 aos alunos do Ensino Básico, e a sua análise tem como base as capas dos livros que são facilitados pelo catálogo do site LER+. No presente catálogo, foram selecionadas as categorias faixa etária entre 6 e os 9 anos, nível de leitura inicial e o idioma português.

Desde 2018 foram propostos 454 livros, entre os quais apenas 23 continham escrita à mão.

4.2.1. Análise das Capas dos Livros Propostos pelo Plano Nacional de Leitura (PNL)

Para a presente análise consideraram-se os livros propostos pelo PNL aos alunos do 1º ciclo. Esta análise será dividida em 2 categorias: livros onde é aplicada a escrita à mão nas suas capas e livros que utilizam tipografia cursiva em títulos, subtítulos e nomes de autores e ilustradores.

A escrita à mão não regrada é exclusiva de cada indivíduo, é realizada de forma livre e única, sendo comum observar incoerências no desenho das letras ao longo da frase ou até mesmo da palavra. Esta incoerência é o principal ponto de distinção entre a escrita à mão, a tipografia e a caligrafia.

Muito semelhante à escrita à mão apresenta-se a tipografia cursiva, que procura imitar a essência do texto manuscrito, mas que apresenta regularidade na repetição dos caracteres.

4.2.1.1. Análise das Capas dos Livros do Plano Nacional de Leitura com Escrita à Mão

Foram propostos 454 livros ao longo dos 5 anos do PNL. No ano de 2018 propuseram-se 183 livros, no ano de 2019 101 livros, no ano de 2020 58 livros, no ano de 2021 73 livros e, por fim, no ano de 2022 propuseram-se 39 livros

No Gráfico 1 estão representados os valores referentes ao número de propostas feitas pelo PNL, capas onde foi observada a escrita à mão e a relação percentual entre ambos os valores (eixo direito das ordenadas), no período compreendido entre 2018 e 2022.

Plano Nacional de Leitura

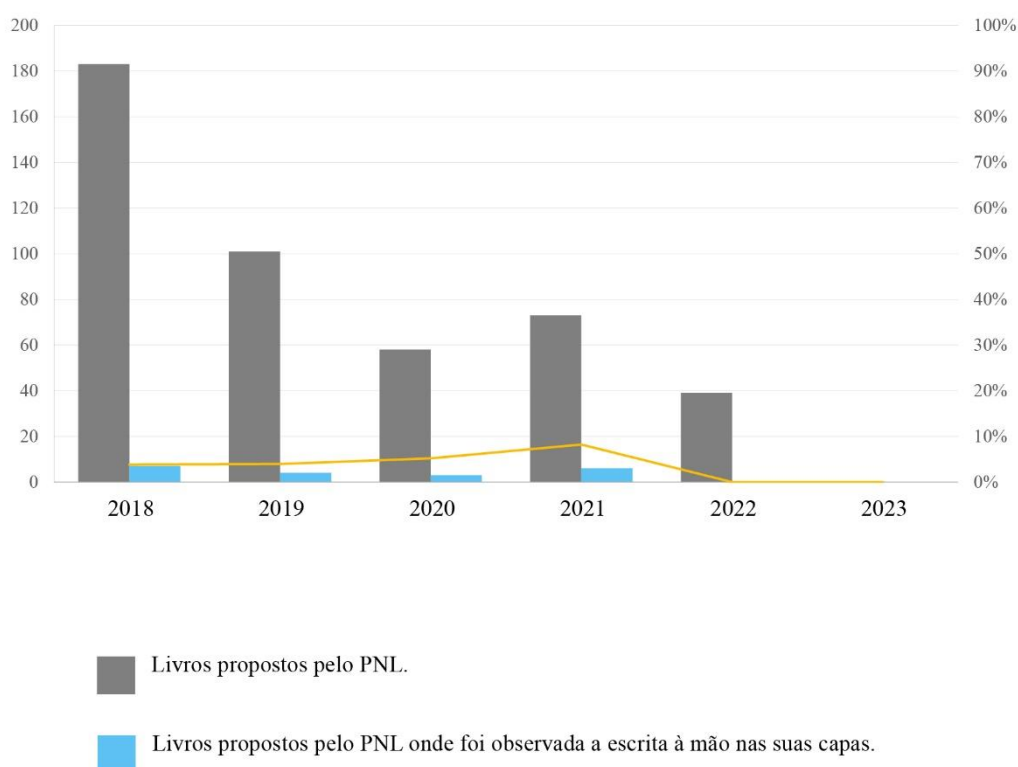


Gráfico 1. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, a cinza, encontram-se as frequências absolutas do número de livros propostos pelo PNL, e a azul as frequências absolutas dos livros propostos pelo PNL com utilização de escrita à mão. No eixo da direita das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso em relação ao valor total de livros propostos pelo PNL, num período compreendido entre 2018 e 2023.

Durante 2018 e até 2022 foram propostos aos alunos dos 2º, 3º e 4º anos de escolaridade 18 livros onde foi observada a escrita à mão nas capas. A editora predominante na publicação deste género de livros foi a Planeta Tangerina com 4 livros: “Rainha do Norte”, “Fim? Isto não pode acabar assim.”, “Cem sementes que voaram” e “Plasticus Maritimus”. Com 2 livros encontra-se a editora Book Smile com “Ter uma irmã é...” e “A estrela que vejo da minha janela”. As restantes editoras, Pato Lógico, Livros Horizonte, Caminho, The Poets and Dragons Society, Suma de Letras, Máquina de Voar, Poética Edições, Edições Asa, Nuvem de Letras, Fábula, Akira Books e Alfarroba tiveram apenas uma publicação proposta pelo PNL.

Com base no Gráfico 1 é possível constatar que no ano de 2018 e 2019 só 4% dos livros propostos pelo PNL continham escrita à mão nas suas capas, no ano de 2020 5% e em 2021 8%. Apesar de neste período temporal verificar-se uma tendência crescente na aplicação de

escrita à mão nos livros propostos pelo PNL, no ano de 2022 observa-se uma quebra nesta tendência.

4.2.1.2. Análise das Capas dos Livros do Plano Nacional de Leitura com Tipografia Cursiva

Encontram-se representados no Gráfico 2 os valores percentuais da relação do número total de livros propostos pelo PNL e das capas onde se observou a utilização da tipografia cursiva, desde 2018 até 2022.



Gráfico 2. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, a cinza, encontram-se as frequências absolutas do número de livros propostos pelo PNL, e a vermelho, os livros propostos pelo PNL com utilização de tipografia cursiva. No eixo da direita das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas que utilização a tipografia cursiva em relação ao total publicado pelo PNL, num período compreendido entre 2018 e 2023.

No conjunto de propostas do PNL a editora Fábula é a que apresenta um maior número de livros, num total de sete livros: “Pequenos livros grandes pessoas 5: Frida Kahlo”, “Pequenos livros grandes pessoas 8: Stephen Hawking”, “Pequenos livros grandes pessoas 7: Marie Curie”, “Famílias em construção”, “Pequenos livros grandes pessoas 4: Charles Darwin”, “Caixa da gratidão” e “Começa numa semana”. Em seguida a editora Booksmile com seis livros, Edições Asa com dois livros e com um livro as editoras Horizonte, Porto Editora, Edições Livro, Zero Oito, Jacaradná, Dom Quixote, The Poets and Dragons Society e Texto Editora.

Na análise da relação percentual entre os livros propostos pelo PNL e os livros onde se observou tipografia cursiva na capa, verificou-se que no ano de 2018 foi de 3%, no ano de 2019 de 8%, 2020 de 7%, 2021 de 4% e 2022 de 10%, concluindo-se que a utilização de tipografia cursiva apresenta valores constantes variando de 4% a 10% ao longo dos 5 anos.

Com base nos dados apresentados, parece haver uma tendência crescente ao longo dos anos na aplicação da escrita à mão nas capas dos livros propostos pelo PNL. Contudo, esta tendência não se verifica no caso da tipografia cursiva cuja aplicação foi sempre constante.

4.3. Livros da Porto Editora

A Porto Editora foi fundada no Porto em 1944 por Vasco Teixeira, com o intuito de se tornar uma editora de livros escolares e de dicionários de referência no campo lexicográfico português (Porto Editora, <https://www.portoeditora.pt/>. 2022).

Como foi referido anteriormente, a fonte principal para a análise dos livros publicados pela Porto Editora foi o seu website oficial. Os livros estão divididos por faixas etárias, permitindo assim analisar mais facilmente as publicações sugeridas para os alunos dos 2º, 3º e 4º anos. Neste conjunto, o livro com a data de publicação mais antiga é de 2002.

4.3.1. Análise das Capas dos Livros da Porto Editora com Escrita à Mão

Na análise das capas com escrita à mão publicadas pela Porto Editora acedeu-se a 180 livros destinados aos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade, dos quais foi possível identificar 8 capas com escrita à mão. Foram utilizados filtros com intuito de escolher o estilo literário,

neste caso, os estilos infantis e juvenis, assim como a faixa etária, dos 6 aos 9 anos. Os filtros selecionados já se encontravam pré-definidos no website, o que possibilitou uma maior facilidade na sua análise e seleção.

Os dados representados no Gráfico 3 referem-se ao total de livros publicados pela Porto Editora, às capas onde se observou a utilização da escrita à mão, como também a relação percentual entre estas variáveis no período de 2002 até 2023.

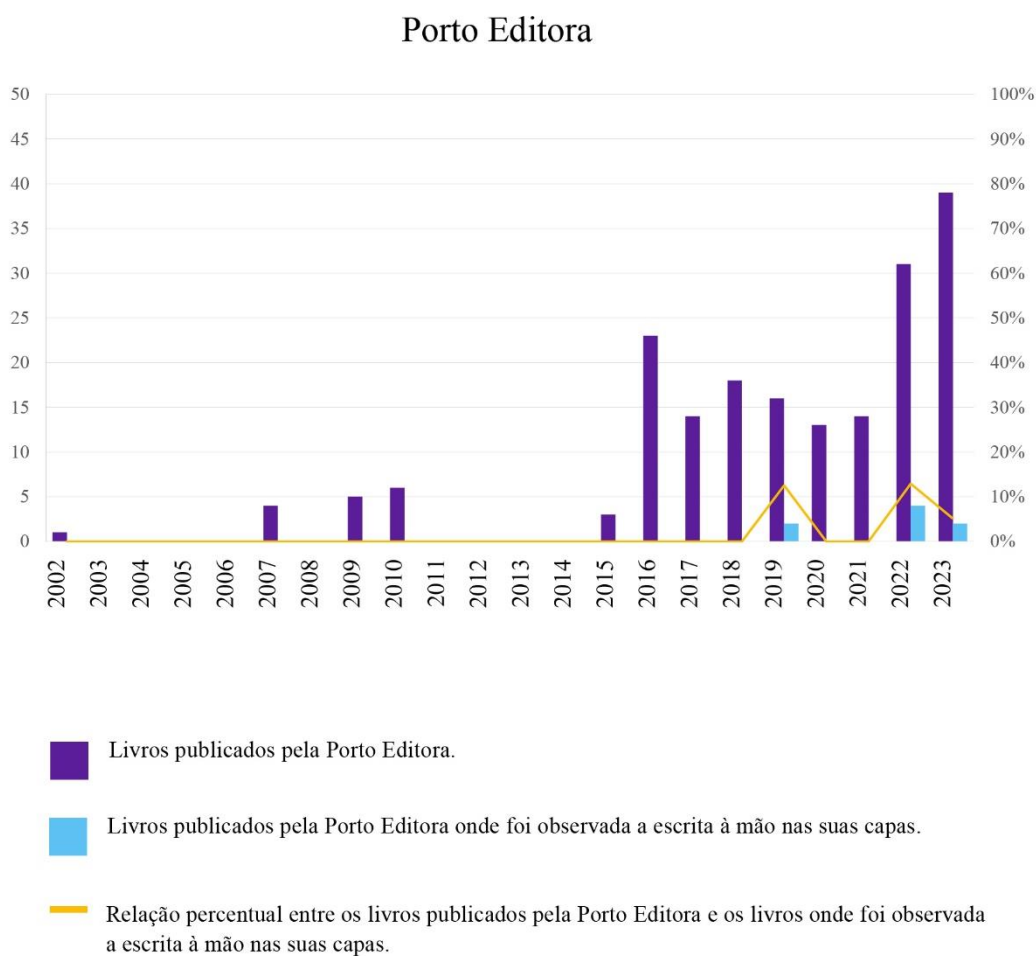


Gráfico 3. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências cumulativas do número de livros publicados pela editora Porto Editora, a cor roxa, os livros publicados pela editora em cada ano respetivo e a azul, o contributo da editora no que diz respeito à utilização da escrita à mão. No eixo da direita das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso e a relação em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2002 e 2023.

No período compreendido entre 2002 e 2023, a Porto Editora lançou um total de 8 livros nos quais foi utilizada a escrita à mão. Essa prática foi identificada apenas nas publicações mais recentes, entre 2019 e 2022 (2 publicações nos anos de 2019, 13% e 2023, 5%, e em 4 publicações no ano de 2022, 13%). Por esta presença estar limitada aos anos mais recentes não

é possível afirmar a existência de uma tendência evolutiva no intervalo de tempo estudado. No entanto, é notável um aumento no interesse pela utilização da escrita à mão por parte da editora nos últimos anos, o que poderá vir a influenciar futuras publicações.

4.3.2. Análise das Capas dos Livros da Porto Editora com Tipografia Cursiva

Após a análise das capas dos livros lançados e propostos pela Porto Editora para os alunos do 2º ano, 3º ano e 4º ano de escolaridade, foram identificadas 18 capas com a aplicação da tipografia cursiva entre os 180 livros publicados.

No Gráfico 4 é possível visualizar o número e os anos em que foram publicadas capas com tipografia cursiva, o total de livros publicados pela editora e a relação percentual de ambos os valores entre 2002 e 2023.

Estes dados foram obtidos do website oficial da Porto Editora, utilizando filtros de pesquisa, tais como o estilo literário, no presente caso os estilos infantis e juvenis, assim como a faixa etária dos 6 aos 9 anos, sendo estes disponibilizados ao utilizador, para que possa filtrar e encontrar com mais facilidade os livros pretendidos.

Porto Editora

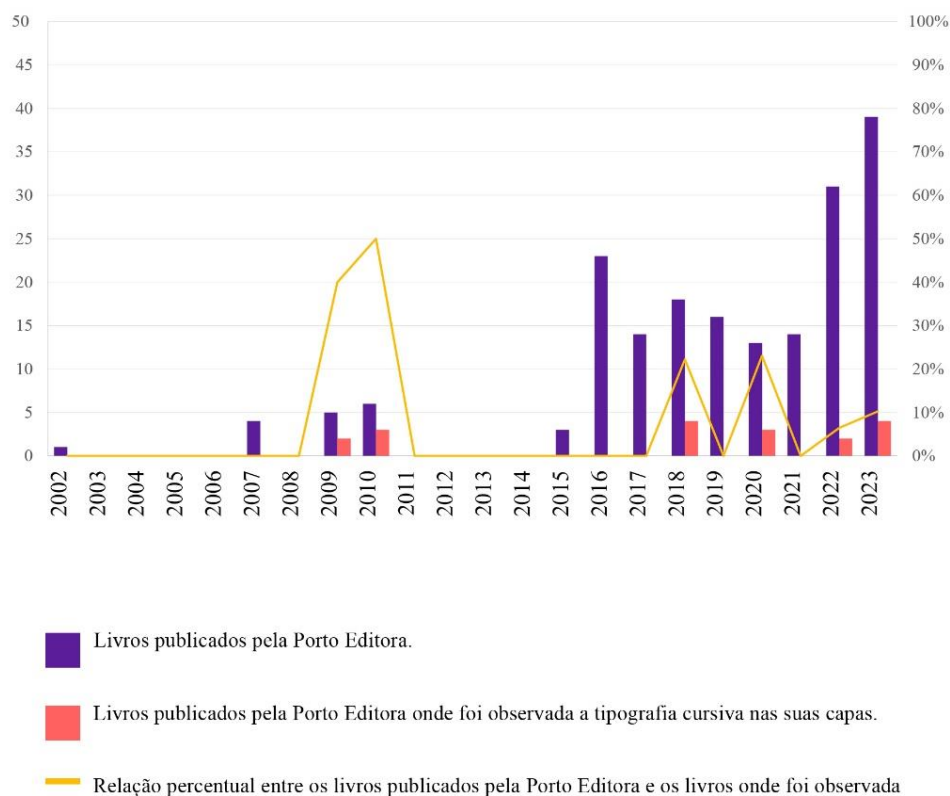


Gráfico 4. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências acumulativas do número de livros publicados pela editora Porto Editora, a cor roxa, os livros publicados pela editora em cada ano respetivo e a vermelho, o contributo da editora no que diz respeito à utilização da escrita à mão. No eixo da direita das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso e a relação em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2002 e 2023.

Em 21 anos, entre 2002 e 2023, identificaram-se apenas 6 publicações com utilização da tipografia cursiva nas capas, com predominância entre 2018 e 2023, onde se incluem 4 dos 6 livros.

No que diz respeito à relação percentual entre os livros publicados e as capas onde foi utilizada a tipografia cursiva, esta apresenta uma diminuição ao longo dos anos sendo o valor mais alto 40%, no ano de 2010. Esta diminuição foi provocada pelo aumento de publicações totais que não se fez acompanhar por um aumento na utilização das capas com tipografia cursiva.

Comparando as publicações da Porto Editora, onde é identificada a escrita à mão (Gráfico 3) e a tipografia cursiva (Gráfico 4), num período temporal entre 2009 e 2023, parece haver predominância na publicação de livros com tipografia cursiva. Contudo, nos anos de 2019

e 2022 houve uma maior adesão à utilização da escrita à mão nas suas capas (13% em ambos os anos), contra os 0% em 2019 e 6% em 2022 no que respeita a utilização da tipografia cursiva.

4.4. Livros da Edições Asa

A editora Edições Asa foi fundada em 1951 por Américo da Silva Areal na cidade do Porto e tinha, nessa altura, como modelo de negócio os manuais escolares. Posteriormente, teve como produtos principais os livros de banda desenhada sendo considerada como a principal editora nacional neste segmento do mercado (<https://www.leya.com/>, 2023)

Os dados apresentados e analisados no seguimento deste tópico foram retirados do website oficial das Edições Asa, da lista de livros recomendados aos alunos do 2º ano, 3º ano e 4º ano de escolaridade.

4.4.1. Análise das Capas dos Livros da Edições Asa com Escrita à Mão

Durante o período compreendido entre 2000 e 2023, e mediante a análise de um total de 66 livros da editora Edições Asa, na categoria destinada ao público infantil, foi observada apenas 1 capa onde foi utilizada a escrita à mão.

O Gráfico 5, apresenta o número e os anos de publicações com capas onde foi possível identificar a utilização da escrita à mão, o total de livros publicados pela editora e a relação percentual entre ambos os valores.

Os valores apresentados foram obtidos a partir do website oficial da Almedina (<https://www.almedina.net/>, 2023) onde foi possível aceder a todos os livros publicados pela editora Edições ASA. Esta oferece aos utilizadores categorias para que seja possível uma melhor navegação. No presente caso, foram utilizados filtros como a categoria literária infantil e faixa etária entre os 7 e os 9 anos de idade. Ao contrário do site da Porto Editora, que proporciona uma categoria de faixa etária compreendida entre os 6 e os 9 anos, o site da Almedina divide as faixas etárias em 3 categorias, até aos 6 anos, dos 7 aos 9 anos e mais de 10 anos.

Edições Asa

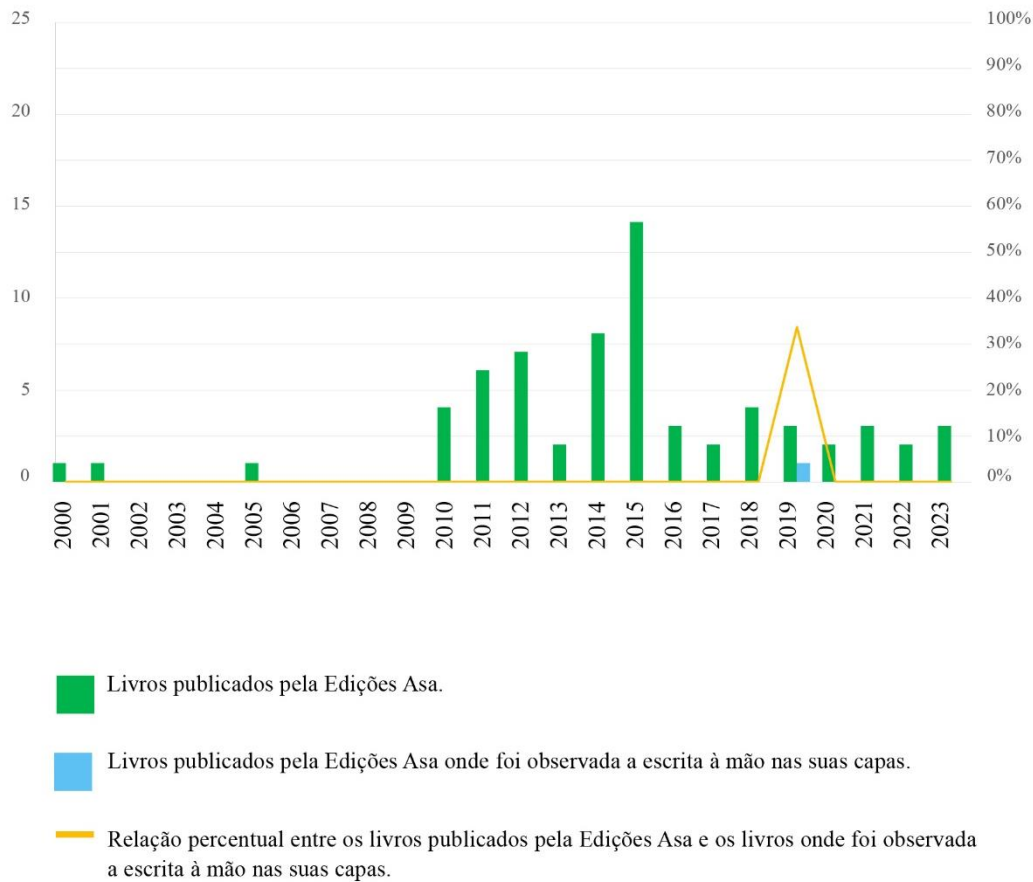


Gráfico 5. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências acumulativas do número de livros publicados pela editora Edições Asa, a cor verde, os livros publicados pela editora em cada ano respetivo e a azul, o contributo da editora no que diz respeito à utilização da escrita à mão. No eixo da direita das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso e a relação em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2000 e 2023.

Com base no Gráfico 5, é facilmente perceptível que, para além do tardio surgimento da primeira publicação com escrita à mão (2019), a editora Edições Asa não publicou novos livros utilizando este recurso nas suas capas.

Coincidentemente, é também em 2019 que a Porto Editora apresenta uma das maiores percentagens de utilização deste recurso (13%), no entanto bastante mais baixo que no caso da Edições Asa, com 33%. Contudo, estes valores foram influenciados pelo baixo número de livros publicados pela editora Edições Asa, num total de 3 livros para 1 capa, enquanto a editora Porto Editora apresenta um total de 16 publicações para 2 capas.

Pode concluir-se assim que a editora Edições Asa não demonstra interesse específico nas publicações de livros com a escrita à mão aplicada nas suas capas.

4.4.2. Análise da Capas dos Livros da Edições Asa com Tipografia Cursiva

No que diz respeito à utilização da tipografia cursiva em capas de livros publicados pela Edições Asa, no período de 23 anos (2000-2023) destinados ao público infantil, é possível observa-se um total de 11 em 66 publicações, distribuídas pelos anos 2011, 2012, 2013 e 2022.

No Gráfico 6 estão representados os anos e a quantidade de livros onde foi possível observar a tipografia cursiva nas capas, o número total de publicações feitas pela editora ao longo dos anos e a relação percentual entre ambos os valores.

Ao contrário dos casos anteriores, os valores presentes no Gráfico 6 foram obtidos do website oficial da Livraria Almedina, onde é possível ter acesso a todos os livros publicados pela editora Edições Asa. Foram utilizados os mesmos filtros de pesquisa para a tipografia cursiva: o estilo literário infantil e a faixa etária compreendida entre os 7 e os 9 anos.

Edições Asa

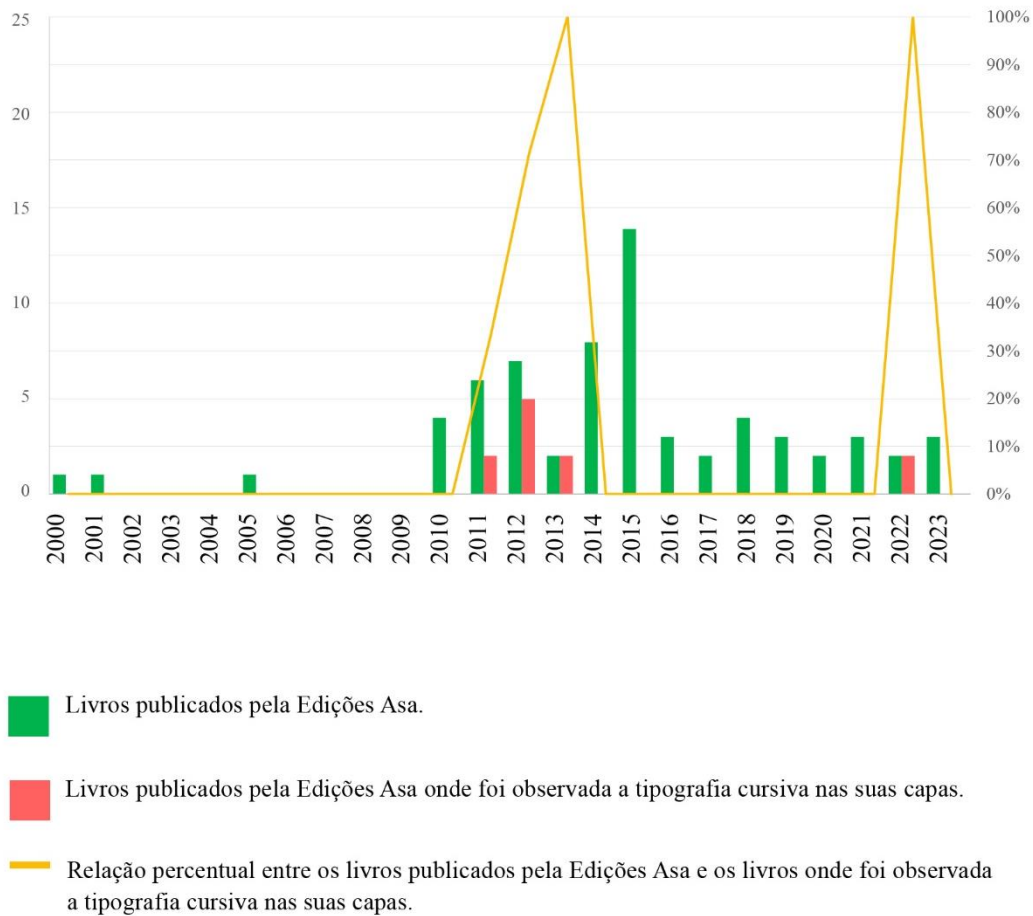


Gráfico 6. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências acumulativas do número de livros publicados pela editora Edições Asa, a cor verde, os livros publicados pela editora em cada ano respetivo e a vermelho, o contributo da editora no que diz respeito à utilização da tipografia. No eixo direito das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com a utilização deste recurso em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2000 e 2023.

Observa-se no Gráfico 6 que no ano de 2011 ocorreram as primeiras publicações em que foi utilizada a tipografia cursiva, com 2 capas num total de 6 publicações (33%). Nos anos seguintes, 2012 e 2013, observou-se um aumento no número de capas com tipografia cursiva em comparação com 2011, com 71% e 100%, respetivamente. Não obstante, nos anos seguintes, entre 2014 e 2021 e no ano de 2023, este valor desceu para 0. Sendo que no ano de 2022 observa-se um pico de 100%, tendo sido influenciado pelo baixo número de livros publicados, num total de 2 publicações, ambas com tipografia cursiva, de forma semelhante ao que aconteceu em 2013.

Pode então concluir-se que a editora Edições Asa, apesar de ter uma relação percentual superior a 33% nos anos de 2011 e 2012, e 100% nos dois últimos anos em que foi observada

a utilização da tipografia cursiva, não denota uma tendência crescente ou mesmo constante na sua utilização.

No entanto, comparando a utilização da tipografia cursiva com a escrita à mão, parece evidenciar-se uma preferência pela utilização da tipografia cursiva. Ainda assim, perante os valores apresentados, parece haver uma maior tendência pela utilização de outras técnicas para a composição das suas capas, que não a utilização de escrita à mão ou de tipografia cursiva.

4.5. Livros da Editora Planeta Tangerina

A editora Planeta Tangerina, uma editora independente fundada no ano de 2000 por Isabel Martins, Madalena Matoso, Bernardo Carvalho e João Abreu, tem como produto principal a publicação de álbuns ilustrados (Planeta Tangerina, <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/>, 2023).

Os dados analisados relativos a esta editora tiveram como referência o seu website oficial. É importante salientar que a editora em questão não categoriza os seus livros por faixas etárias.

4.5.1. Análise das Capas dos Livros da Editora Planeta Tangerina com Escrita à Mão

A editora Planeta Tangerina possui 99 publicações desde 2004, entre álbuns ilustrados, projetos espaciais e outros. De entre estas 99 publicações foi possível identificar 25 livros onde é utilizada a escrita à mão nas suas capas. O primeiro livro em que se observou a utilização da escrita à mão data de 2006 (Gráfico 7.)

No Gráfico 7 estão representados os anos e os números de capas onde foi observada a escrita à mão, assim como o número de publicações da Planeta Tangerina em cada ano do intervalo de 2004 a 2023 e a relação entre ambos os valores.

Ao contrário dos websites disponibilizados pela editora Porto Editora e Edições Asa, que proporcionam ao utilizador um conjunto de categorias de forma a filtrar os livros por faixas etárias, a editora Planeta Tangerina disponibiliza uma pesquisa por categorias literárias. Porém, esta não categoriza os seus livros por faixas etárias, pois defende que a criança deve escolher os seus próprios livros. Não sendo possível analisar os livros por faixas etárias, optou-se por analisar todas as publicações da editora destinadas a um público infantil e juvenil.

Planeta Tangerina

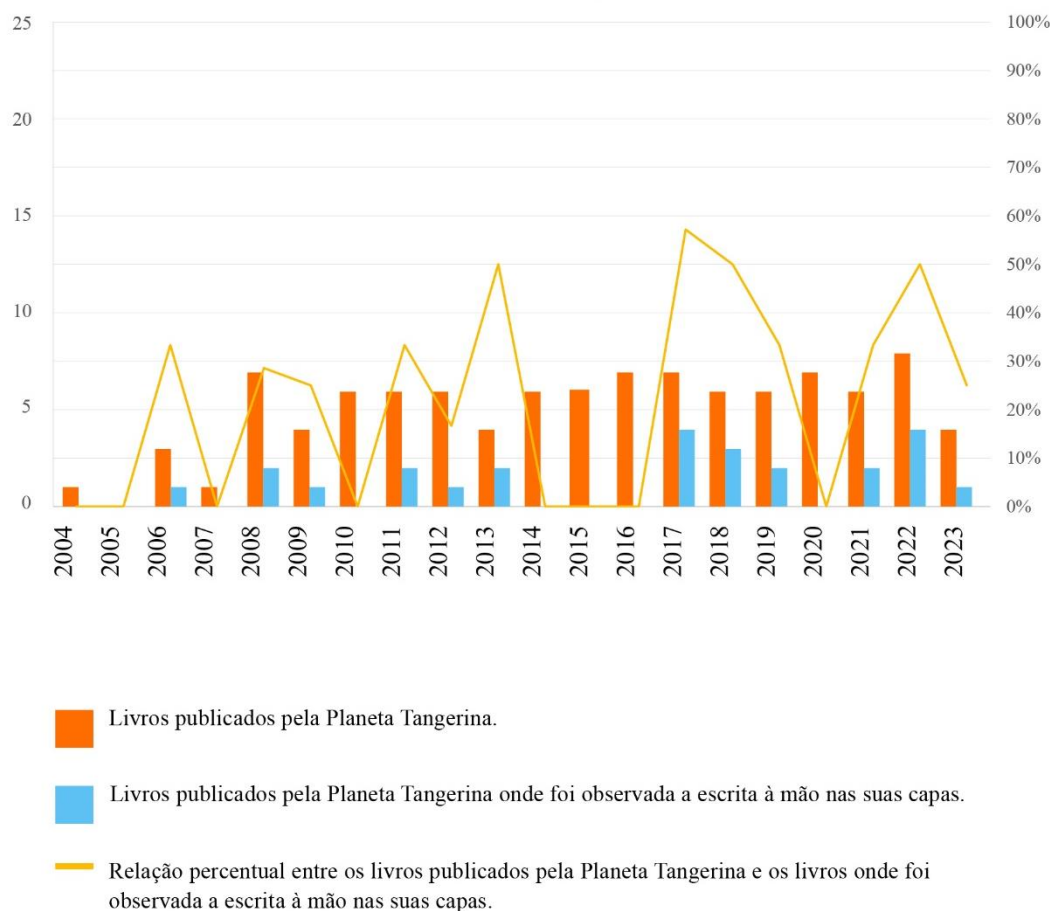


Gráfico 7. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências acumulativas do número de livros publicados pela editora Planeta Tangerina, a cor azul, o contributo da editora no que diz respeito à utilização da escrita à mão e a cor laranja os livros publicados pela mesma. No eixo direito das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com utilização deste recurso em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2004 e 2023.

No Gráfico 7 é possível observar que desde o início da sua atividade a editora recorreu à técnica de escrita à mão na maioria dos anos, com exceção de 7 em 20 anos (2004, 2007, 2010, 2014, 2015, 2016 e 2020), onde não se registou nenhuma capa com este recurso. A editora demonstra uma maior consistência na publicação de livros com a escrita à mão quando comparada com as suas congéneres aqui analisadas. É também interessante observar que o valor percentual na segunda metade da totalidade dos anos em que foram contabilizadas capas com a escrita à mão, é superior a 33%, à exceção do no de 2020 e 2023.

Com base no Gráfico 7 e na análise da relação percentual dos valores mencionados anteriormente, é de destacar como valor mais baixo (17%) no ano de 2012, com um total de 1 capa em 6 publicações, e com o valor mais elevado (57%) no ano de 2017, com um total de 4 capas em 7 publicações.

Ao contrário das editoras analisadas anteriormente, a editora Planeta Tangerina, além de apresentar um total de capas com utilização de escrita à mão superior às restantes, também apresenta um valor percentual bastante significativo em todos os anos em que houve publicações.

4.5.2. Análise das Capas dos Livros da Editora Planeta Tangerina com Tipografia Cursiva

Na análise dos livros publicados pela editora Planeta Tangerina, foram revistas todas as capas pertencentes às publicações feitas num espaço de tempo compreendido entre os anos de 2004 e 2023.

Ao contrário dos dados obtidos através da análise de capas de livros com escrita à mão, a editora Planeta Tangerina, não apresenta o mesmo número de publicações de livros onde é visível a utilização de tipografia cursiva nas suas capas. Dos 99 livros publicados pela editora não houve a utilização de tipografia cursiva em nenhuma das capas. A editora, apesar de não utilizar a tipografia cursiva, utiliza tipografia serifada, não serifada e *lettering*.

Será interessante destacar que o facto da grande adesão por parte da editora Planeta Tangerina à utilização da escrita à mão, poderá resultar de uma correlação com a tendência de estilo gráfico utilizada pela editora nos seus livros, algo que não foi visível nas 2 editoras anteriormente analisadas.

4.6. Análise dos Dados Obtidos das 3 Editoras

No Gráfico 8 estão representados: nas ordenadas à esquerda, o número total de publicações (frequências cumulativas das 3 editoras) e nas ordenadas à direita, a percentagem total de capas com utilização de escrita à mão num espaço compreendido entre 2000 e 2023 (abcissas).

Os valores numéricos e percentuais presentes no Gráfico 8 foram retirados dos websites oficiais da Porto Editora, Almedina e Planeta Tangerina, todos estes valores respeitaram os filtros e categorias mencionados anteriormente.

Porto Editora, Edições Asa e Planeta Tangerina

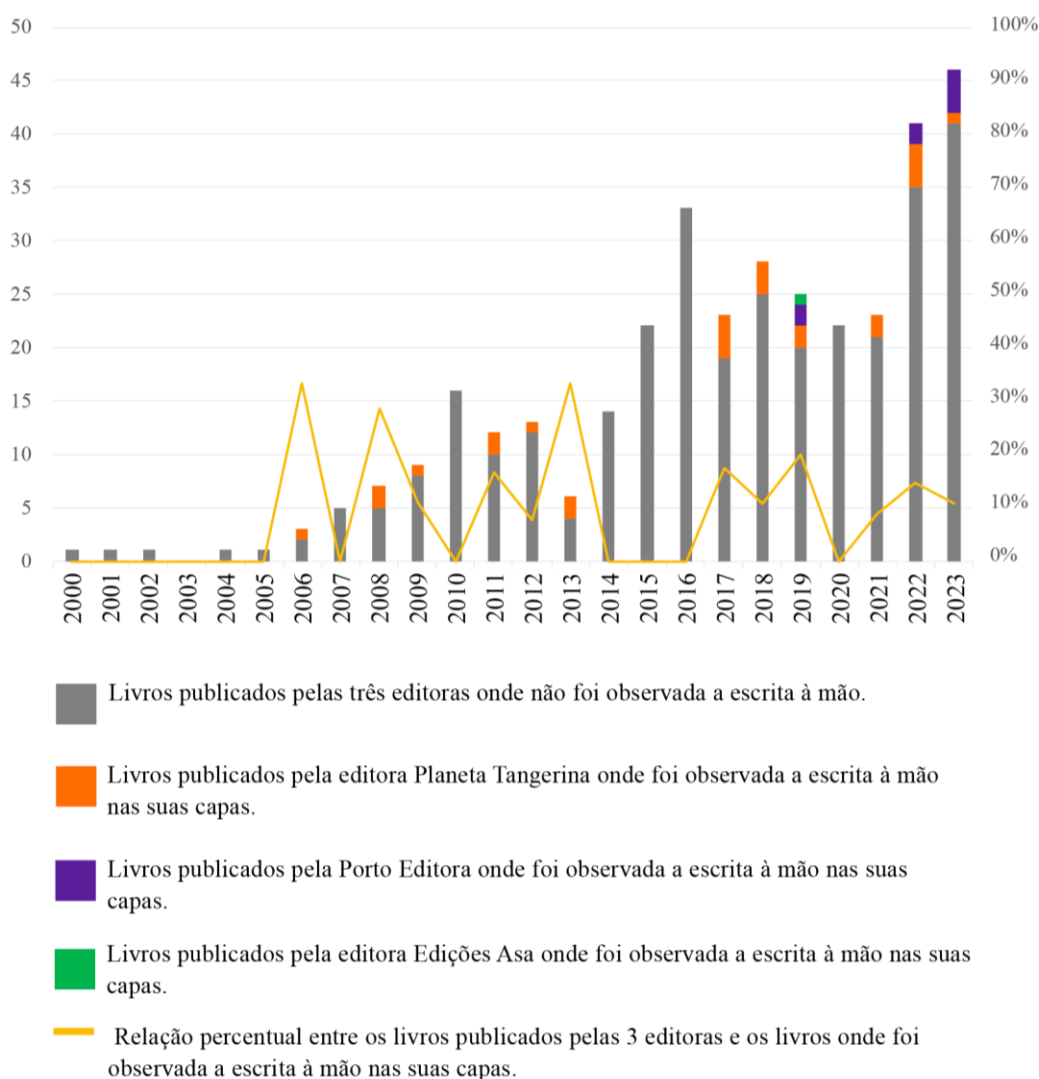


Gráfico 8. Cap. IV. No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências cumulativas dos números de livros publicados pelas editoras Porto Editora, Edições Asa e Planeta Tangerina, destacando, a diferentes cores, o contributo de cada editora no que respeita à utilização da escrita à mão nas capas. No eixo direito das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com utilização deste recurso em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2000 e 2023.

Como podemos observar no Gráfico 8, a editora Planeta Tangerina foi responsável pelo maior número de publicações entre as 3 editoras e pioneira e responsável pelo primeiro livro publicado no ano de 2006, no qual foi possível identificar a escrita à mão. Esta foi também a única a apresentar publicações com este recurso anteriormente a 2018 (2006 com 33%, 2008 com 29%, 2009 com 11%, 2011 com 17%, 2012 com 8 %, 2013 com 33%, 2017 com 17% e 2018 com 11%).

Na continuação da comparação das 3 editoras, é possível visualizar que a segunda editora com maior número de capas com escrita à mão num espaço de tempo compreendido entre 2000 e 2023, foi a Porto Editora. Esta apresenta a sua primeira publicação em 2019 que, em comparação com a editora Planeta Tangerina, é bastante tardia. Ainda sobre esta editora é importante salientar que, no ano de 2023 apresentou o maior peso percentual entre as 3 editoras, com 3%, ao contrário da tendência dos anos anteriores. É de destacar que a editora Edições Asa foi a que menos contribuiu para o conjunto de publicações com escrita à mão, apenas com publicação no ano de 2019 com o contributo mais baixo (0,5%).

De modo a concluir a análise do Gráfico 8, os valores percentuais referentes à escrita à mão das 3 editoras com os valores mais elevados, estão presentes nos anos de 2006 (33%), 2008 (29%) e 2013 (33%), tendo estes sido influenciados pelo número reduzido de publicações nesses mesmos anos. Apesar dos valores percentuais nos anos 2022 e 2023 serem mais baixos, 15% e 11% respetivamente, estes foram condicionados pelo elevado número de publicações por parte das editoras. Em termos absolutos, verifica-se um crescimento nas publicações que incorporam escrita à mão nas suas capas, devido à participação das editoras Porto Editora e Asa que adotaram este recurso nos últimos anos. No entanto, em termos percentuais, essa tendência tende a se diluir diante do considerável aumento do número de publicações por parte das editoras nos últimos anos.

No Gráfico 9 estão representados: nas ordenadas da esquerda, o número total de publicações (frequências cumulativas das 3 editoras) e nas ordenadas da direita, a percentagem total de capas com utilização de tipografia cursiva num espaço compreendido entre 2000 e 2023 (abcissas).

Porto Editora e Edições Asa

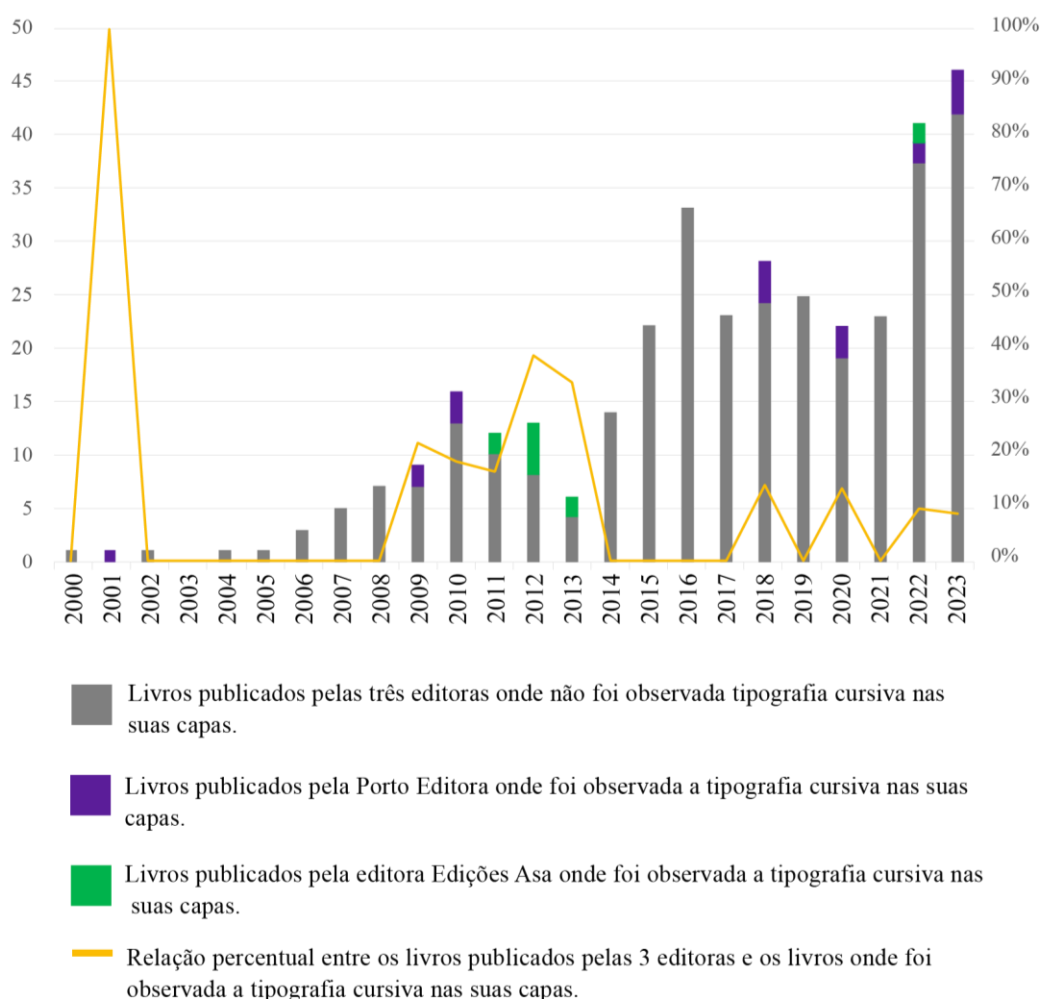


Gráfico 9. Cap. IV No eixo esquerdo das ordenadas, encontram-se as frequências cumulativas dos números de livros publicados pelas editoras Porto Editora, Edições Asa e Planeta Tangerina, destacando, a diferentes cores, o contributo de cada editora no que respeita à utilização de tipografia cursiva nas capas. No eixo direito das ordenadas, apresenta-se a percentagem de capas com utilização deste recurso em relação ao valor total de livros publicados, num período compreendido entre 2000 e 2023.

De acordo com o gráfico 9, a utilização de tipografia cursiva pela primeira vez, regista-se em 2001, pela Porto Editora. Em termos percentuais, traduz-se num valor anormalmente elevado (100%) devido à inexistência de publicação de outros livros, tanto por parte da Porto Editora como pelas outras editoras. Ou seja, apenas um livro foi publicado pela Porto Editora e este com recurso à tipografia cursiva na sua capa. É ainda possível perceber que até 2010, a Porto Editora é a única que utiliza a tipografia cursiva como recurso.

A par com a Porto Editora, a Edições ASA apresenta valores significativamente expressivos de utilização de tipografia cursiva nas suas capas, embora particularmente condensados nos anos de 2011, 2012 e 2013 (17%, 38% e 33%, respetivamente).

Comparando estes dados com os do Gráfico 8 que analisa o uso da escrita à mão por parte das 3 editoras, constata-se que a utilização de tipografia cursiva é anterior à utilização da escrita à mão. Ao contrário do que foi observado para os dados relativos à escrita à mão, no caso da utilização de tipografias cursivas, não é possível observar uma tendência de crescimento ao longo dos anos, não obstante, o registo significativo nos 2 últimos anos de estudo, 2022 e 2023.

Em síntese, a Porto Editora é a primeira e a mais constante na utilização do recurso de tipografia cursiva ao longo do tempo. Denota-se também a existência de uma predominância da editora Planeta Tangerina na adoção da escrita à mão nas suas publicações, possivelmente influenciada por seu estilo gráfica. No entanto, no que diz respeito à utilização da tipografia cursiva, não foram identificadas publicações. Já a editora Edições ASA demonstrou pouca utilização da escrita à mão e um número reduzido de publicações com a utilização da tipografia cursiva.

Com base nos Gráficos 8 e 9, é possível identificar dois períodos de decréscimo no número total de livros publicados pelas 3 editoras, sendo o primeiro entre 2011 e 2013 e o segundo entre 2019 e 2021. Pode-se especular que estes dois momentos poderão estar relacionados com a crise económica de 2008-2013 e pandemia COVID-19. As condições socioeconómicas mencionadas podem ter exercido influência sobre o número de livros publicados.

4.7. Questionário

Em janeiro de 2023, um questionário foi apresentado a um grupo de 165 crianças do 2º, 3º e 4º anos de escolaridade do agrupamento de Olhão, Dr. Francisco Fernando Lopes, com idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos. O objetivo deste questionário foi compreender a relação que este grupo de crianças tem com o livro, qual a facilidade na leitura autónoma, preferências entre textos com escritos à mão ou com tipografia e aferir questões como o nível de dificuldade na leitura da escrita à mão. De forma a garantir a correta aplicação e interpretação do questionário, os docentes foram dotados de um documento de auxílio.

O questionário consiste num documento impresso, que interroga os seus participantes sobre a frequência e prática de leitura e a sua posição face a um conjunto de afirmações sobre este tema. Contém, também, uma secção de respostas livres onde os alunos poderiam expressar a sua opinião, segundo o enunciado.

Previa-se que os docentes do agrupamento preenchessem e devolvessem os questionários no período de um mês, no entanto, pelo atraso nas matérias em aula, os questionários apenas foram entregues aos alunos após um mês e meio.

Relembra-se que o questionário apresentado é uma compilação de perguntas referentes à escolha da escrita para livros infantis, considerando aspetos como a legibilidade e as necessidades das crianças em relação à leitura e à aprendizagem.

4.7.1. Apresentação do Questionário e dos Resultados

Com as questões “Gosta de ler?”, “Consegues ler sozinho?”, “Tens muitos livros em casa?” e “Lês por iniciativa própria?” pretende-se entender se a criança tem gosto pela prática da leitura.

Nos Gráficos 10, 11, 12 e 13 as percentagens apresentadas são referentes aos grupos de alunos que responderam “sim” às questões anteriores.

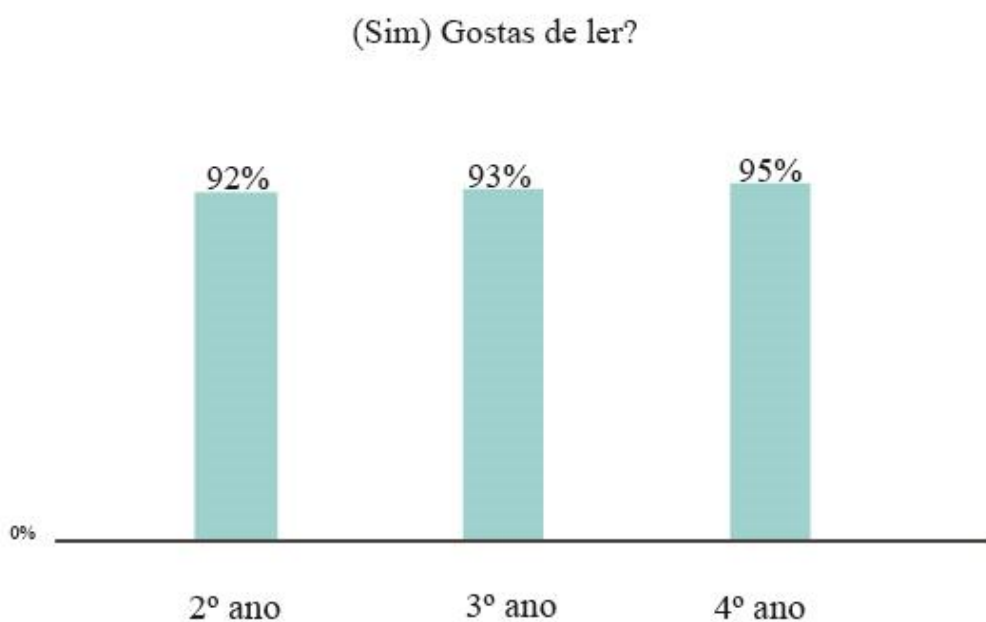


Gráfico 10. Cap. IV. Percentagem de respostas afirmativas dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Gostas de ler?”



Gráfico 11. Cap. IV. Percentagem de respostas afirmativas dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Consegues ler sozinho?”

(Sim) Tens muitos livros em casa?

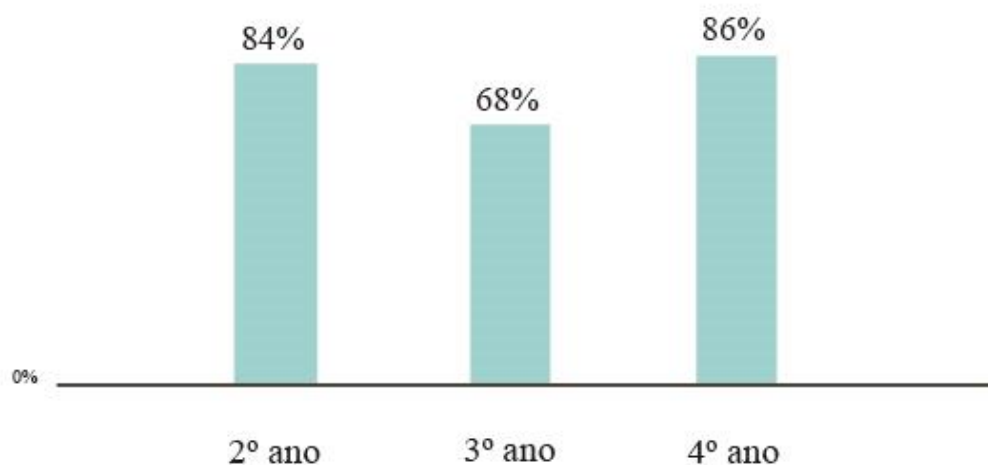


Gráfico 12. Cap. IV. Percentagem de resposta afirmativa dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Tens muitos livros em casa?”

(Sim) Lês por iniciativa própria?

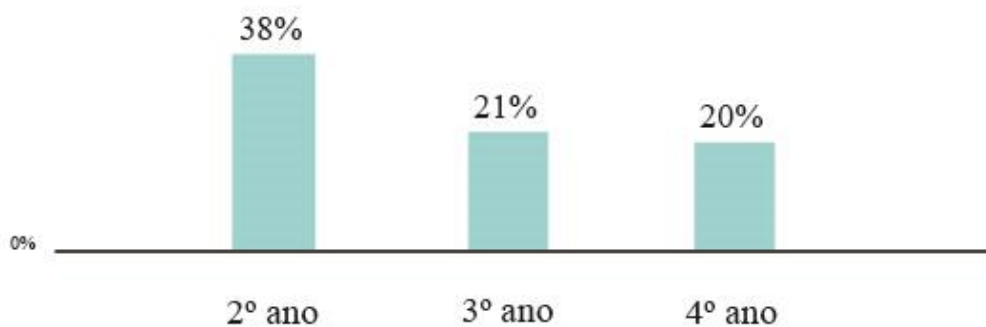


Gráfico 13. Cap. IV. Percentagem de respostas afirmativas dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Lês por iniciativa própria?”

Após a análise dos Gráficos 10, 11, 12 e 13 é possível observar que os alunos do 4º ano de escolaridade parecem ter um maior domínio e noção sobre a prática de leitura. Acredita-se que este fator é influenciado pelo facto destes se encontrarem num processo de alfabetização mais avançado e assim se sentirem mais familiarizados com a leitura. Todavia, quando são confrontados pela pergunta “Lês por iniciativa própria?” observa-se uma percentagem inferior em comparação com os anos de escolaridade anteriores, o que corrobora também a ideia de noção sobre o processo de leitura, ou seja, embora saibam e até gostem de ler, o processo de leitura já não é uma novidade e descoberta, nem sempre espontâneo e prazeroso.

As percentagens observadas nos Gráficos 14 e 15 correspondem ao grupo de alunos que responderam “sim” à questão apresentada.

Com as perguntas "Gostas de livros curtos e simples?" (Gráfico 14) e “Gostas de páginas com muito texto para ler?” (Gráfico 15), a intenção foi entender que características gráficas é que as crianças apreciam quando leem livros, mais especificamente no que concerne à quantidade da mancha gráfica por páginas e na página.



Gráfico 14. Cap. IV. Percentagem de resposta afirmativa dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Gostas de livros curtos e simples?”

Na questão ‘Gostas de livros curtos e simples?’, Gráfico 14, há uma maior concordância à medida que aumenta a faixa etária.

É interessante também aqui notar que, embora apresentem maior domínio pela prática de leitura, são os alunos do 4º ano, seguidos pelo 3º ano, que demonstram preferência por livros com uma mancha gráfica por página mais reduzida.

No Gráfico 15 estão representados os valores percentuais das respostas afirmativas à questão “Gostas de páginas com muito texto para ler?”. Na presente questão houve a intenção de aferir a apreciação dos alunos pela maior densidade da mancha gráfica na página.

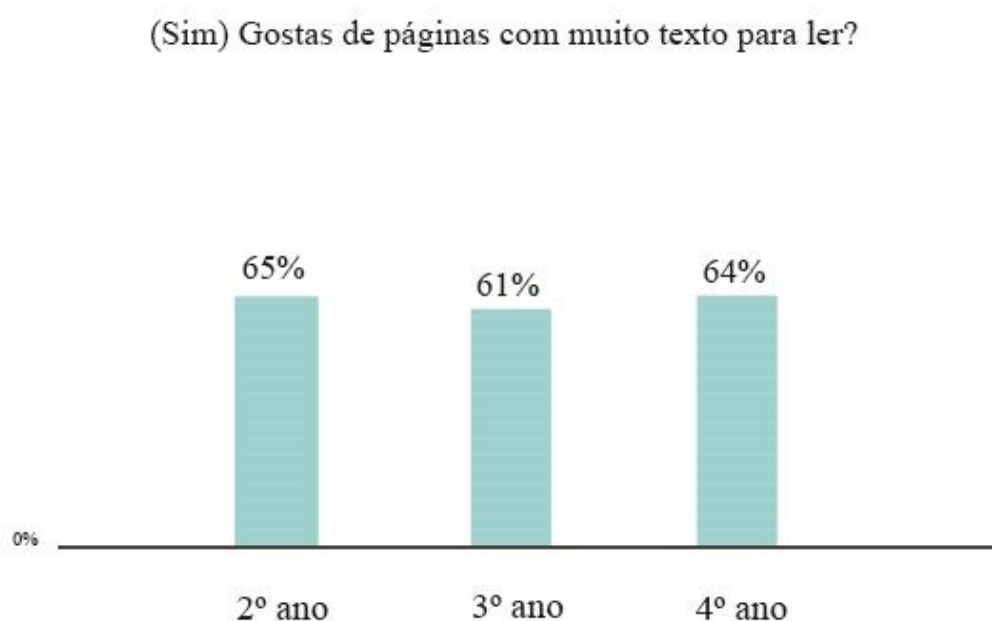


Gráfico 15. Cap. IV. Percentagem de resposta afirmativa dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Gostas de páginas com muito texto para ler?”

Ao analisar o Gráfico 15, nota-se uma proximidade nos valores ao longo dos 3 anos de escolaridade, situando-se entre 61% e 65%.

Nos Gráficos 16 e 17 cujas questões são “Gostas mais quando as letras são pretas?” e “Gostas de livros com letras coloridas e diferentes?” os valores representados dizem respeito aos alunos que concordaram (sim).

(Sim) Gostas mais quando as letras são pretas?

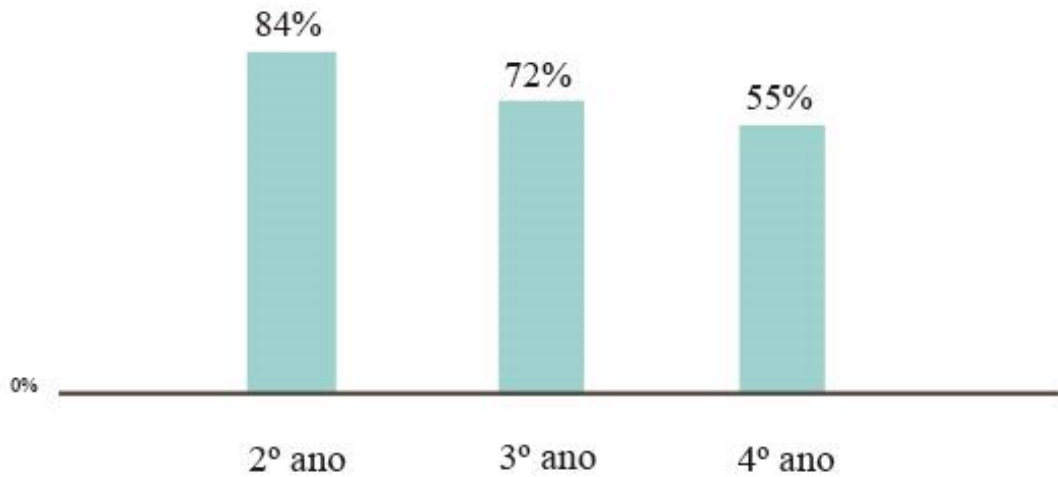


Gráfico 16. Cap. IV. Percentagem de resposta afirmativa dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Gostas mais quando as letras são pretas?”

Na questão “Gostas mais quando as letras são pretas” (Gráfico 16) a intenção presente foi entender se havia preferência por uma tipografia/caligrafia a preto e, conseqüentemente, mais simples. A concordância foi proporcional à faixa etária mais baixa, com 84% dos alunos do 2º ano, 72% dos alunos do 3º ano e apenas 55% dos alunos do 4º ano a concordar. Embora os 3 grupos etários demonstrem uma preferência por textos mais simples e monótonos (superior a 50% nos 3 casos), é, mais uma vez, o 4º ano que demonstra uma maior noção das possibilidades gráficas na leitura.

(Sim) Gostas de livros com letras coloridas e diferentes?

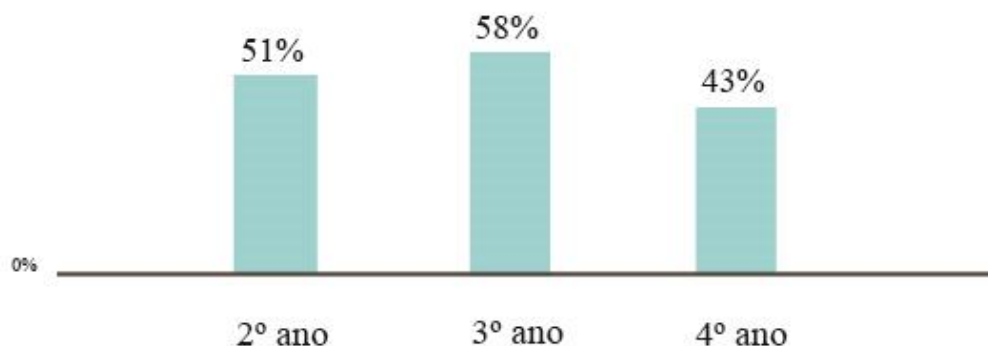


Gráfico 17. Cap. IV. Percentagem de respostas concordantes dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à questão “Gosto de livros com letras coloridas e diferentes?”

Com a questão ‘Gostas de livros com letras coloridas e diferentes?’ (Gráfico 17), cujo objetivo foi perceber a preferência por textos com letras com características diferentes do texto preto e simples, houve menor concordância nos 3 grupos etários, com as respostas positivas a situarem-se entre os 43% e 58%.

Apesar das duas últimas questões apresentadas terem uma relação direta, os valores percentuais obtidos não foram diretamente proporcionais, sobretudo nas faixas etárias mais baixas, ou seja, alunos que manifestaram preferência por letras pretas responderam também afirmativamente à pergunta sobre a preferência por livros com letras coloridas e diferentes. Em suma, parece ser unânime a preferência por letras pretas e mais simples, mas o grupo do 4º parece ter maior noção sobre a diversidade da forma e cor e suas implicações.

As questões presentes nos últimos dois Gráficos, 18 e 19, tiveram o intuito de analisar a percepção relativamente ao aspeto gráfico geral do livro e se este é importante na geração de interesse nos alunos.

(Sim) Quando tens de ler um livro escolhes aquele que tem a capa mais bonita?

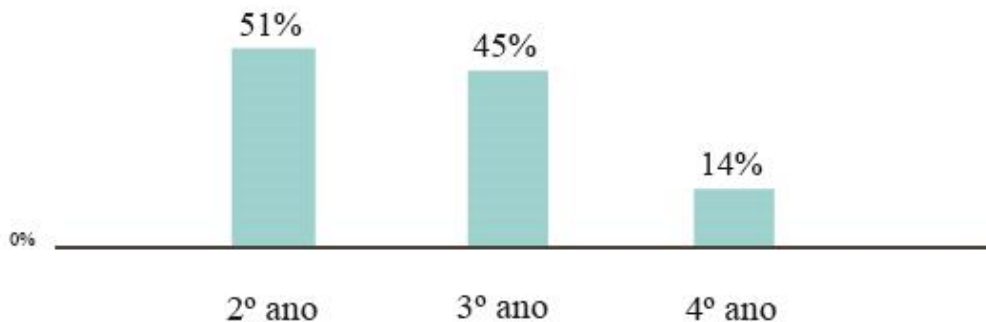


Gráfico 18. Cap. IV. Percentagem de resposta concordante dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à questão “Quando tens de ler um livro escolhes aquele que tem a capa mais bonita?”

Com base nos resultados do Gráfico 18 é possível verificar que o aspeto geral do livro influencia mais a sua escolha no caso dos alunos das faixas etárias mais baixas, 51% e 45% para o 2º e 3º ano, respetivamente, e menos os alunos do 4º ano, com apenas 14% a assumir como fator de escolha de leitura um livro com aspeto gráfico mais atrativo. Mais uma vez, os resultados parecem demonstrar maior maturidade por parte dos alunos mais velhos, que poderão ponderar outros critérios além do aspeto gráfico do livro, tais como o tema, o título, a espessura, etc.

(Sim) Os livros parecem todos iguais?



Gráfico 19. Cap. IV. Percentagem de resposta afirmativa dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade à pergunta “Os livros parecem todos iguais?”

Referente à questão “Os livros parecem todos iguais?” (Gráfico 19), seria razoável esperar que o nível de escolaridade e a relação dos alunos com a leitura influenciassem a percepção que eles têm do objeto em si, não se limitando apenas ao aspecto físico, mas também o relacionando com o seu conteúdo. No entanto, os valores percentuais fornecidos pelos alunos do 3º ano, em comparação com os do 2º ano de escolaridade, são superiores, o que contradiz as expectativas.

Ainda referente ao Gráfico 19, no 2º ano de escolaridade, 3% dos alunos responderam “sim” à questão “Os livros parecem todos iguais?”, esta distinção poderá ter sido não só influenciada pelo conteúdo gráfico dos livros, mas também pela curiosidade sentida pelo aluno quando este se encontra na iniciação do universo da leitura. No 4º ano de escolaridade esta escolha demonstra-se de forma inequívoca com uma concordância de 0%, demonstrando, mais uma vez, um nível de maturidade mais elevado neste grupo etário, que ao não concordar demonstra perceber que há diferenças entre os livros.

Desta forma, é plausível aferir que a avaliação dos alunos em relação à apresentação gráfica do livro é amplamente favorável, reconhecendo e apreciando a diversidade gráfica, considerando-se os valores percebidos como notavelmente reduzidos (>20). Especificamente,

os alunos do 4º ano de escolaridade, onde demonstraram uma discordância com a referida questão, “Os livros parecem todos iguais?”.

Na segunda parte do questionário, foi apresentado aos alunos um enunciado onde era pedido que estes seleccionassem uma das imagens, segundo a sua preferência de leitura, após a qual poderiam deixar uma resposta livre. Esta questão consistiu na comparação de dois textos, iguais tendo como ponto de diferenciação o tipo de letra, ou seja, na opção “A” os alunos observavam um texto com uma tipografia não cursiva e na opção “B” observavam um texto com escrita à mão (Apêndice I, Fig. 21).

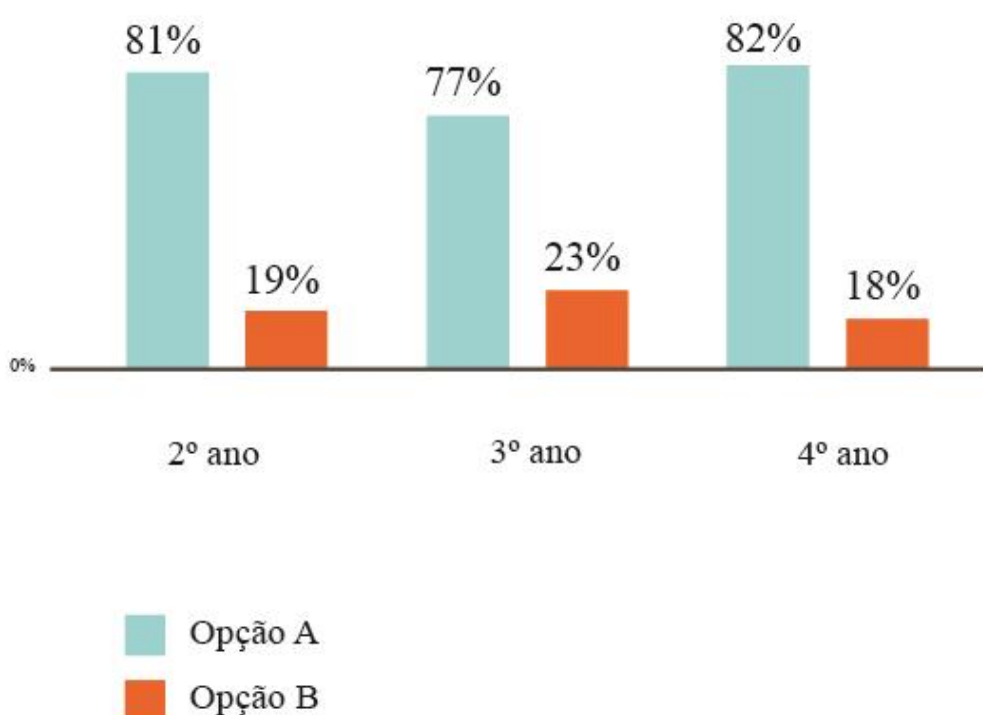


Gráfico 21 Cap. IV. Valores percentuais referentes à escolha dos alunos em relação à questão “Marca com um X a tua página preferida de ler e escreve o porquê.” com a intenção de aferir sobre a preferência em relação à leitura da escrita à mão e da tipografia cursiva. A azul (Opção A) está representada o valor percentual dos alunos que escolheram o texto com tipografia e a laranja (Opção B) os alunos que escolheram o texto com escrita à mão.

O Gráfico 20 demonstra os resultados da escolha dos alunos em relação à preferência de uma leitura com tipografia não cursiva ou com a escrita à mão. É perceptível a preferência dos três anos de escolaridade pela tipografia não cursiva em detrimento da escrita à mão, com valores de percentuais de 81% para os alunos do 2º ano, 77% para os do 3º ano e 82% para os do 4º ano. Os alunos que escolheram a opção “A” utilizaram o espaço de resposta livre com as

seguintes justificações, “Consigno ler melhor”, “É mais bonita” e “É igual à letra que usamos na escola”.

Na terceira parte do questionário é apresentada aos alunos uma imagem onde somente é utilizada a escrita à mão, com espaço entreletras, “exit strokes”, variações nos tamanhos das letras ao longo das palavras e, também, variação no tamanho das palavras ao longo do texto. Esta imagem faz-se acompanhar pelo enunciado “Lê o texto e marca com um X qual o nível de dificuldade que tiveste para o ler.”. Seguidamente é apresentada a escala de nível de dificuldade: “Muito difícil”, “Difícil” e “Fácil” (Apêndice I, Fig. 22). Esta questão tem como objetivo aferir o grau de dificuldade que as crianças têm ao ler textos extensos escritos à mão com as características anteriormente mencionadas.

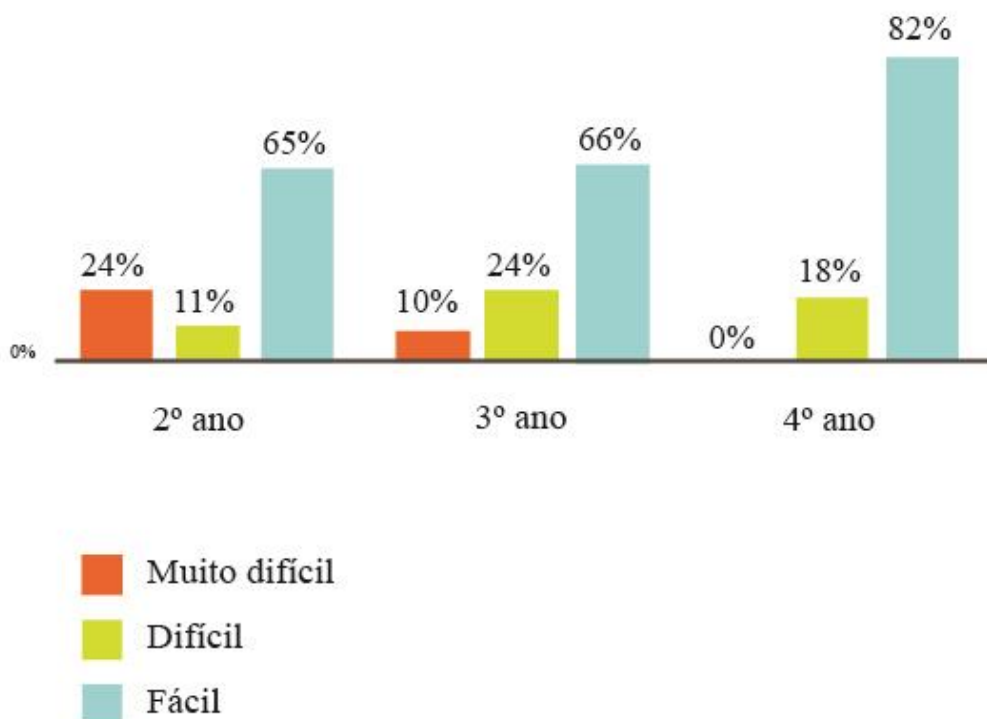


Gráfico 23. Cap. IV. Valores percentuais referentes à mensuração feita pelos alunos sobre o nível de dificuldade sentida na leitura da escrita à mão aplicada num texto.

Da análise do Gráfico 21 é possível concluir que a dificuldade sentida pelos alunos na leitura da escrita à mão vai diminuindo ao longo dos anos de escolaridade, sendo os 2º e 3º anos aqueles a assumir uma maior dificuldade e os alunos do 4º ano aqueles que demonstram menor dificuldade, com uma percentagem de 82% a avaliar a sua leitura como “Fácil” e de 0% a avaliar como “Muito Difícil”.

Com a análise dos dados obtidos através da aplicação do questionário, foi possível concluir que, apesar da escrita à mão ser a forma que grande parte dos alunos utiliza na aprendizagem da escrita, estes tendem a considerar a escrita tipográfica mais fácil e confortável de ler. Quando confrontados sobre a sua preferência pelo tipo de letra ideal para a leitura, todas as faixas etárias escolheram a tipografia (> 77%) em detrimento da escrita à mão.

Com base nos Gráficos 20 e 21, onde é possível aferir o nível de dificuldade da leitura da escrita à mão, é também notório que só com a maturidade escolar é que os alunos começam a desenvolver capacidades de leitura suficientes para ler todos os tipos de texto (com e sem variedade gráfica).

Capítulo V – Caso de Estudo

5. Caso de Estudo da escrita à mão aplicada em livros do PNL

No presente caso de estudo, foram analisados 4 livros, direcionados para o público-alvo estudado. Em vez de restringir a seleção, apenas por autor ou editora, optou-se por livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura (Ler +), garantindo assim um grupo de livros com qualidade validada. O principal objetivo desta análise foi a identificação de um conjunto de características, positivas e negativas, utilizadas na aplicação da escrita à mão no presente conjunto de livros, de forma a contribuir para a análise de percepção e discussão de boas práticas na escrita para livros infantis.

Após a escolha dos livros, foi fundamental utilizar um conjunto de normas tipográficas para aferir o nível da legibilidade e leiturabilidade, segundo as necessidades dos alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade tendo sido já apresentadas anteriormente, no ponto 4.1 Regras Gráficas. As normas em questão são o espaçamento entreletras, entrepalavras, espaçamento entrelinhas, *exit strokes*, organização da linha base, tamanho das letras, quantidade de texto presente na página, posicionamento do texto na página e o seu contraste com o fundo.

5.1. Livro “Mana” da editora Planeta Tangerina

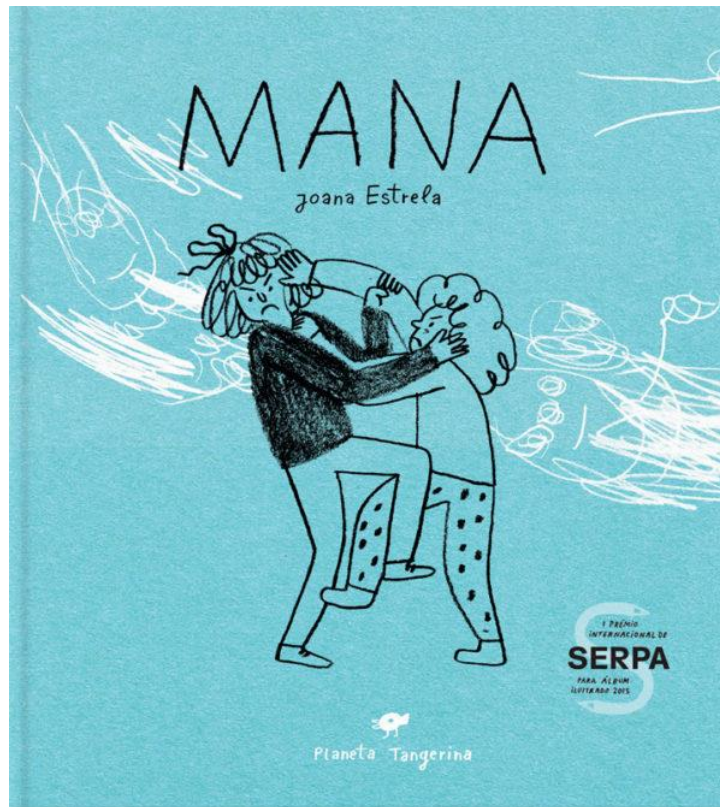


Figura 1. Cap. V. Capa do livro "Mana" da autoria e ilustração de Joana Estrela, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2016.

A Planeta Tangerina é uma editora independente portuguesa, que se dedica à publicação de álbuns ilustrados, tendo como público-alvo diferentes leitores de diversas idades. Tal como é afirmado pela editora, esta pretende apenas seguir duas regras: “*Não cair em fórmulas e desafiar os leitores (eles merecem-no!).*” (Planeta Tangerina, www.planetatangeria.com, 2024).

A cada obra publicada, a editora empenha-se de modo a criar edições únicas onde conjuga o texto e a ilustração de forma criativa e diferente do convencional, utilizando tipografias expressivas e cores vibrantes.

Neste estudo de caso foi analisado o livro com o título “Mana” publicado pela editora Planeta Tangerina, da autora e ilustração de Joana Estrela publicado no ano de 2016. O presente livro tem as dimensões de 201x 229 x 9 mm, de capa mole e é composto por 32 páginas.

Este livro, foi vencedor do prémio BD Amadora 2016: Melhor Desenhador Português de Livro e Ilustração, foi aconselhado pelo PNL para a faixa etária entre os 6 e os 8 anos de

idade e fez parte da seleção “Os melhores livros infantis do ano” de Ana Dias Ferreira, *Jornal Observador* em 2016. (<https://www.planetatangerina.com/pt-pt/loja/mana/>, 2024).

Neste livro a autora relata memórias da infância onde capta com notável equilíbrio a relação entre uma irmã mais velha e outra mais nova. Recorrendo à tipologia epistolar, o texto ilustra as tensões e inevitáveis aproximações entre duas crianças, do ponto de vista da mais velha (Andreia Brites, www.planetatangerina.com, 2024).

Dando início à análise da capa do livro com base na Fig. 1, é possível identificar a escrita à mão no título, no nome da autora e no nome da editora. Chega-se a esta conclusão a partir da observação dos desenhos das letras, que se repetem de forma diferente ao longo das palavras. No título do livro a letra “A” é a que apresenta, de forma evidente, este desenho irregular na repetição das letras, que é tão característico da escrita à mão. O título é composto por letras maiúsculas e de grande escala o que traz bastantes benefícios na leitura por parte da criança. Já no que diz respeito à utilização da escrita à mão no nome da autora e no nome da editora, é visível a utilização de uma escrita mais cursiva e expressiva, a utilização de maiúsculas e minúsculas e uma mistura entre letras de forma e letras manuscritas, como por exemplo, entre a letra “a” e a letra “l” no nome da autora.



Figura 2. Cap. V. Páginas internas do livro "Mana" da autoria e ilustração de Joana Estrela, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2016.

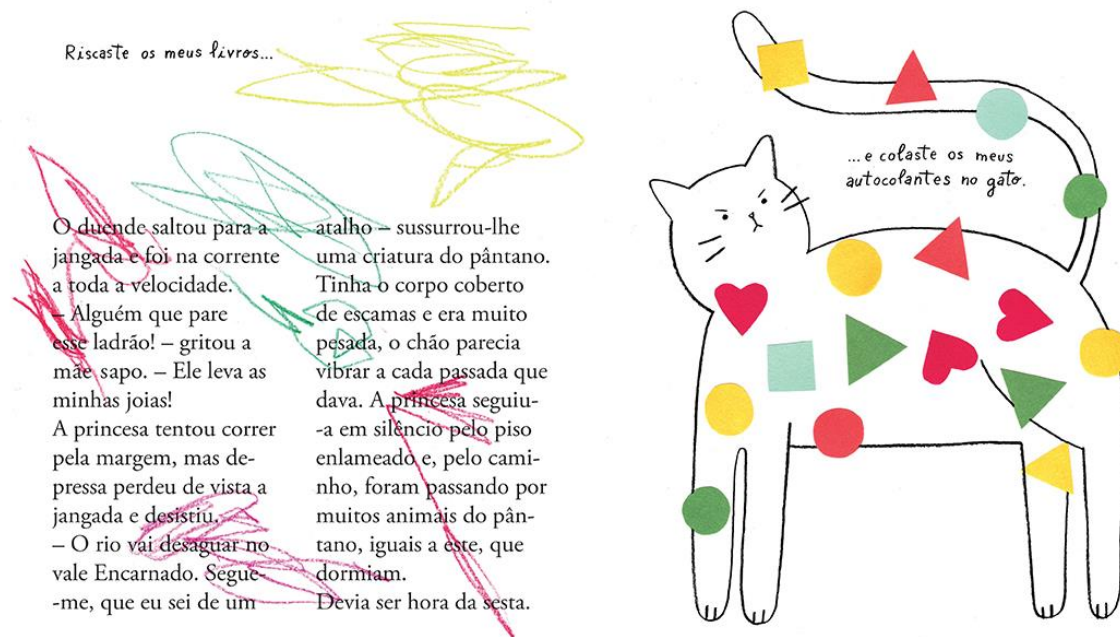


Figura 3. Cap. V. Páginas internas do livro "Mana" da autoria e ilustração de Joana Estrela, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2016.

Com base na Fig. 2 e na Fig. 3, é possível ter noção da organização gráfica do interior do livro. Além de uma ilustração simplificada com textura e cores vibrantes que acompanham o texto ao longo da história, são identificados 2 tipos de desenhos de letras, entre estas, a tipografia e escrita à mão. Nas Figuras 2 e 3 são utilizadas as mesmas características da escrita à mão que foram analisadas no nome da autora e no nome da editora presente na capa. Composta por um conjunto de particularidades, tais como uma ausência de *exit stocks*, letras cursivas e desenhos de letras que variam entre a letra manuscrita e a letra de forma.

Além da variedade no desenho das letras ao longo das frases ou das palavras, na Fig. 2, na frase “Larga-me”, encontra-se outro estilo de desenho das letras maiúsculas, cursivas, e não recorrem à utilizam de *exit strokes* para as agrupar. As múltiplas opções de desenho de letras apresentadas às crianças podem vir a desencadear dificuldades na sua identificação. Contudo, ao contrário da escrita à mão já analisada, esta é representada numa escala maior, permitindo à criança uma leitura e identificação mais fácil dos caracteres e das palavras.

Pode concluir-se assim, que no livro “Mana”, da autora Joana Estrela, publicado pela editora Planeta Tangerina, foi possível identificar a escrita à mão não só na capa, mas também ao longo do texto. As características positivas que este caso apresenta são a grande escala utilizada no título do livro e na palavra “Larga-me”, a legibilidade dos caracteres ao longo das palavras, por estes não terem como característica a expressividade exagerada no desenho das letras e também pelo facto de as linhas base dos textos serem regulares. Por sua vez, como pontos negativos,

pode identificar-se a mistura entre a utilização de letras cursivas e de forma na mesma palavra ou frase, as múltiplas hipóteses apresentadas na representação do desenho para a leitura das letras maiúsculas e por fim, a utilização de uma escala mais reduzida para a escrita à mão em grande parte do texto.

5.2. Livro “pê de pai” da editora Planeta Tangerina

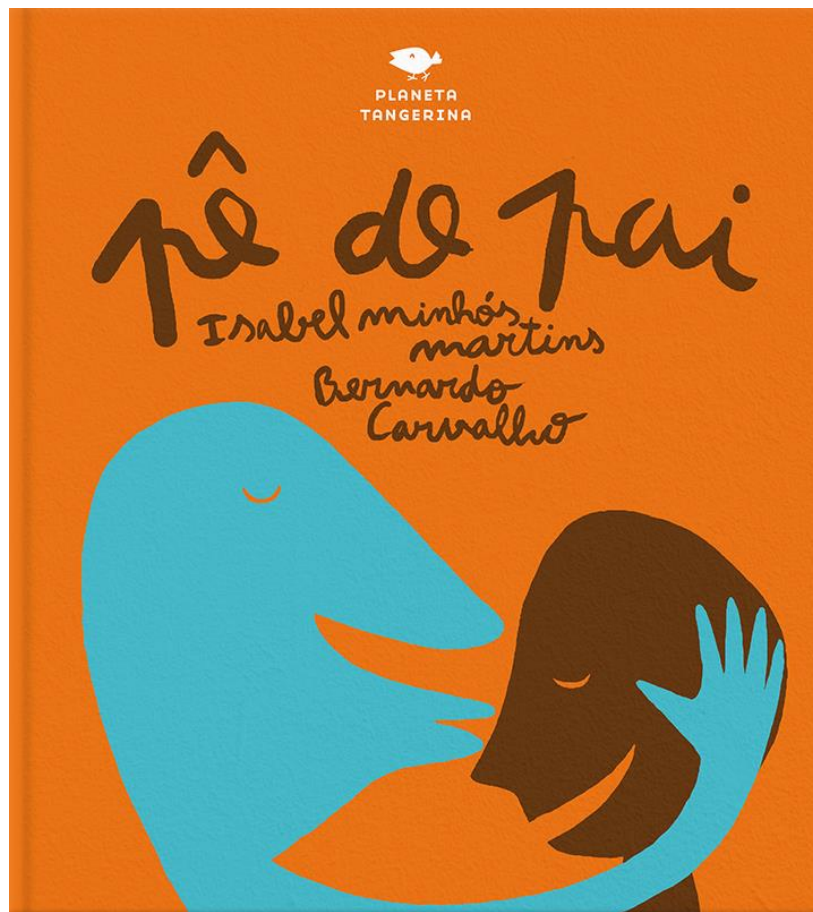


Figura 4. Cap. IV Capa do livro "pê de pai" da autoria de Isabel Minhós Martins, ilustração de Bernardo Carvalho, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2006.

O livro “pê de pai” é da autoria de Isabel Minhós Martins, com ilustrações de Bernardo Carvalho e publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2006. É composto por um total de 32 páginas e tem como dimensões, 201 x 226 x 8 mm. Este é um livro que olha de perto a relação de cumplicidade entre pai e filho, demonstrando a capacidade de dobrar, desdobrar, encolher e esticar de um pai que, de forma mágica, se transforma nos objetos mais incríveis.

Pais-cabides, pais-ambulâncias, pais-aviões, pais-sofás, pais-escadotes e pais-travões (Planeta Tangerina, www.planetatangerina.com, 2024)

Assim como o livro “Mana”, o livro “pê de pai” foi proposto pelo PNL para a categoria de infantis e juvenis; foi vencedor do prêmio Prize Awards – Illustration na categoria Design Internacional Competition em 2006, recomendado pela Casa da Leitura/Gulbenkain, ganhou a Menção Honrosa – Best Book Design All Over The Word pela Leipzig Competition, Menção Especial – Prêmio Nacional de Ilustração e foi atribuído também a Altamente Recomendável – FNLIJ, na categoria de Leitura em Língua Portuguesa (Brasil) (www.planetatangerina.com, 2024).

Na Fig. 4 é apresentada a capa do livro “pê de pai” onde as ilustrações são representadas em silhuetas simples, acompanhadas com cores planas: laranja e azul vibrantes e castanho-escuro. Ao contrário do livro “Mana”, na presente capa só foi aplicada a escrita à mão no título, no nome da autora e do ilustrador, sendo que o nome da editora desta vez é representado com tipografia.

No título “pê de pai” pode-se identificar um tipo de letra cursiva e expressiva, a utilização de *exit strokes* de forma a agrupar as letras e com uma linha base curvada, contudo, a escala à qual esta se apresenta é grande o suficiente para uma boa leitura por parte das crianças, já que esta apresenta bastantes espaços em branco dentro e à volta das letras. No nome da autora e no nome do ilustrador, apesar de se observarem as mesmas características que se encontram presentes no título, devido à sua escala menor, à complexidade e quantidade de palavras, pode suscitar alguma dificuldade na leitura e interpretação das letras e palavras. Já no que diz respeito à utilização dos *exit strokes*, é visível que estes não são aplicados em todas as letras, respetivamente na letra “I” e “s” da palavra Isabel.



Figura 5. Cap. V Páginas internas do livro "pê de pai" da autoria de Isabel Minhós Martins, ilustração de Bernardo Carvalho, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2006.



Figura 6. Cap. V Páginas internas do livro "pê de pai" da autoria de Isabel Minhós Martins, ilustração de Bernardo Carvalho, publicado pela editora Planeta Tangerina no ano de 2006.

Com base na análise da Fig. 5 e da Fig. 6, é possível visualizar o conteúdo gráfico do livro “pê de pai”, e verificar que utiliza a escrita à mão não só na capa, mas também no seu interior, mantendo coerência gráfica ao contar a história. Assim como na capa, no interior do livro é utilizado o mesmo tipo de ilustração e também recorre a uma escrita à mão bastante

expressiva e cursiva. Com base no site oficial da Wook, plataforma onde é possível comprar o presente livro, uma leitora deixou como *review* o seguinte comentário “(...) É de fácil leitura e facilmente é entendida a mensagem, pelos mais pequenos.” (www.wook.pt, 2024).

Conclui-se que, apesar da utilização de uma escrita à mão bastante cursiva e expressiva, esta é utilizada com dimensões grandes o suficiente de forma a facilitar a leitura por parte das crianças.

5.3. Livro “Estás tão crescida” da editora Pato Lógico



Figura 7. Cap. V Capa do livro "Estás tão crescida" da autoria de António Jorge Gonçalves e publicado pela editora Pato Lógico no ano de 2018.

A Pato Lógico é uma editora independente portuguesa, que afirma, no seu website, ser “(...) *um animal editorial que faz livros com pernas para andar, asas para voar e ideias que se viram para quem está para aí virado.*” (www.pato-logico.com, 2024). As suas publicações são de um cuidado gráfico exigente, com um visual muito arriscado e a sua relação texto-ilustração é muito bem conseguida, acrescentando-lhes um grande dinamismo.

O livro analisado tem como título “Estás tão crescida”, escrito pelo autor e ilustrador António Jorge Gonçalves e publicado pela editora Pato Lógico no ano de 2018. Este tem como dimensões 225 x 288 x 18 mm, com um total de 40 páginas sendo publicado no ano de 2018 (www.pato-logico.pt, 2024)

A história tem como personagem principal uma menina que não parava de crescer, que a certa altura, não cabia em lado nenhum. Mas com o desenvolver da história perceberam que o tamanho da menina ainda podia ser útil em algumas situações.

O presente livro foi proposto pelo PNL para as crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos de idade (Catálogo Ler+, www.pnl2027.gov.pt, 2024).

Com base na Fig. 7, é possível observar a capa do livro em análise. Observa-se que são utilizadas características bastante orgânicas, tanto no traçado das letras como na ilustração da capa, onde é visível a utilização de aguarelas acompanhadas por formas simples e de traço irregular.

No título do livro “Estás tão crescida” são utilizadas letras maiúsculas em todas as palavras à exceção da letra “i” que se encontra escrita em minúscula. Neste livro é possível identificar não só a aplicação da escrita à mão no título, como também se identifica o instrumento escolhido para reproduzir a escrita à mão, o pincel, com um traçado bastante orgânico, expressivo e uma variedade na espessura e terminação das linhas. Ainda sobre a análise do título, é visível de ausência dos *exit strokes*, contudo, a dimensão do texto e o espaço entre letras é grande o suficiente para oferecer uma leitura fácil à criança.

No nome do autor, António Jorge Gonçalves, ao contrário do título, são utilizadas minúsculas em todas as letras do nome, desrespeitando a regra gramatical onde é obrigatório utilizar uma letra maiúscula para a primeira letra de cada nome. Novamente, é visível a utilização de uma escrita à mão bastante cursiva e expressiva, onde são utilizados os *exit strokes* de forma a agrupar as letras, facilitando a leitura silábica por parte da criança. Apesar das características mencionadas anteriormente, a dimensão da letra é um fator negativo na leitura da mesma, uma vez que esta se apresenta mais reduzida para a expressividade utilizada.

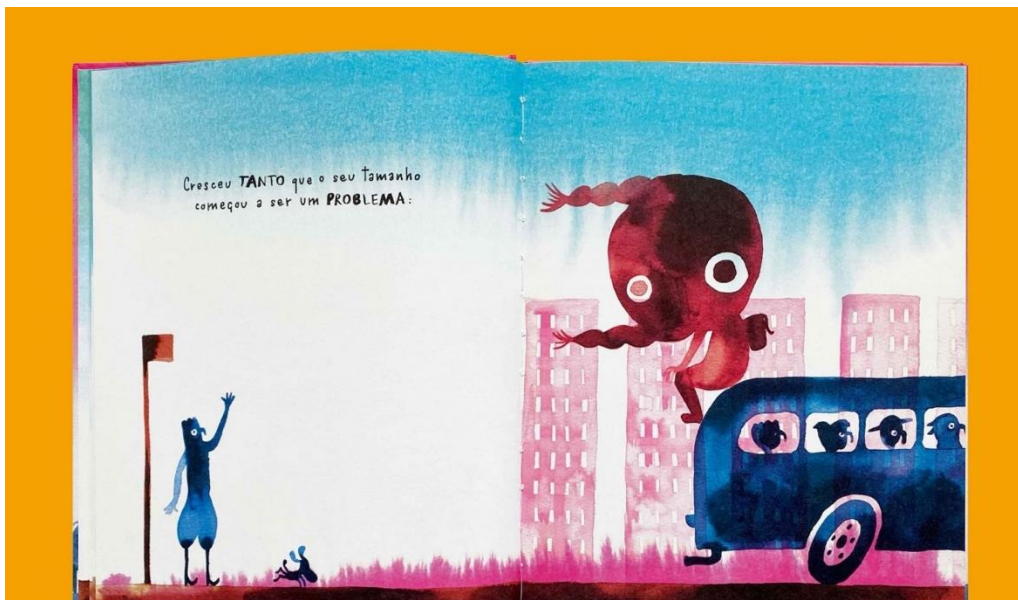


Figura 8. IV Páginas internas do livro "Estás tão crescida" da autoria de António Jorge Gonçalves e publicado pela editora Pato Lógico no ano de 2018.



Figura 9. Cap. V Páginas internas do livro "Estás tão crescida" da autoria de António Jorge Gonçalves e publicado pela editora Pato Lógico no ano de 2018.

Com base na Fig. 8 e Fig. 9, é evidente a continuação do estilo visual presente na capa anteriormente analisada. Características como a ausência dos *exit strokes*, a utilização de letras maiúsculas e minúsculas ao longo das frases e as diferentes espessuras no traço das letras são repetidas no interior do livro. Na Fig. 8 é visível a utilização de maiúsculas para escrever a palavra "Tanto" e "Problema", as restantes palavras da frase são escritas com letras minúsculas. É também possível identificar de forma mais evidente na Fig. 8, que o texto, apesar de escrito à mão, utiliza letras de forma.

Com todas as características anteriormente mencionadas presentes nos textos, acredita-se que a dimensão utilizada poderia ser maior, uma vez que a página oferecia possibilidades para isso, criando assim maiores espaços em branco entre as letras e as palavras, proporcionando uma maior legibilidade e leiturabilidade à criança.

Entende-se com a análise do livro "Estás tão crescida" da editora Pato Lógico, que este é pautado por características positivas, tais como a escala usada para escrever o título na capa, que, apesar da letra ser mais pesada e irregular, apresenta bastantes espaços em branco proporcionando uma boa leiturabilidade e legibilidade. Relativamente às características negativas observadas, foi possível identificar que o respetivo livro utiliza letras maiúsculas e minúsculas dentro das mesmas palavras, como também ao longo das frases, exigindo assim que as crianças se enquadrem num nível de aprendizagem mais avançado, de modo a permitir uma

leitura contínua da história. No que diz respeito às dimensões utilizadas para o texto no interior das páginas, acredita-se que este, apesar de ser legível, poderia alcançar um nível de leiturabilidade superior se fosse aplicado em uma escala maior.

3.4. Livro “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo” da editora Suma de Letras

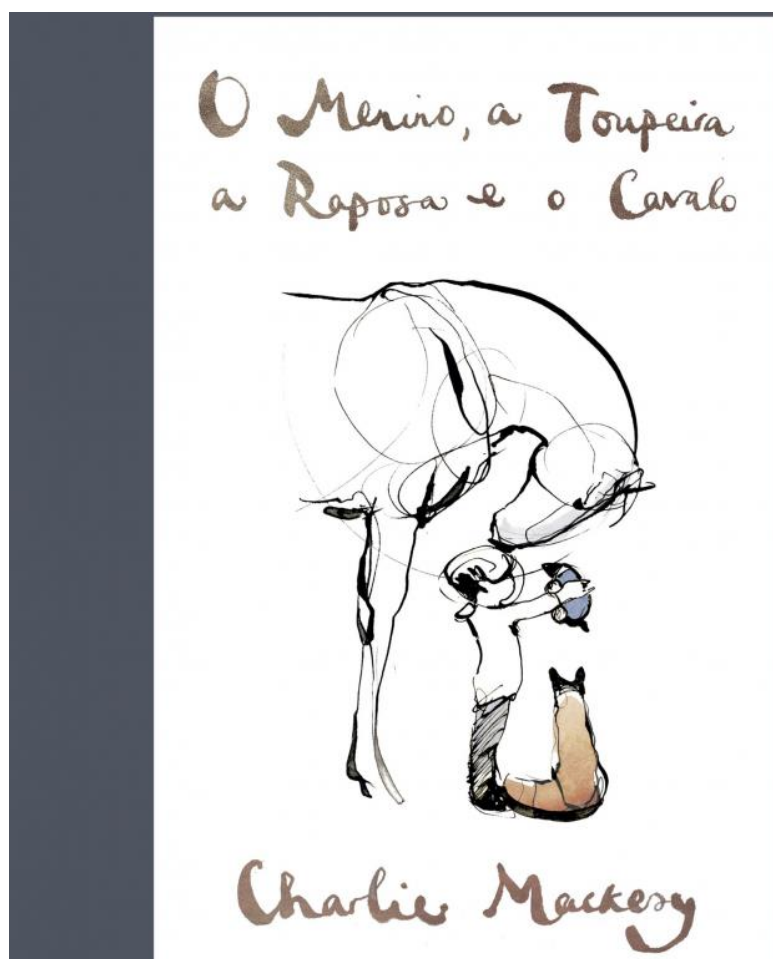


Figura 10. Cap. V. Capa do livro “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo” da autoria de Charlie Mackesy, traduzido Lucília Filipe, publicado pela editora Sumo de Letras no ano de 2022.

A editora Suma de Letras foi fundada em 2005 com origem no Grupo Companhia de Letras, que tem como objetivo ser um selo comercial que publica uma ampla gama de géneros. A Suma de Letras encontra-se focada na publicação de géneros literários como fantasia, ficção,

terror e científico, sendo possível encontrar autores como Stephen King, Erika Johansen, Raphael Montes e Cixin Liu (Companhia das letras, companhiadasletras.com.br, 2024).

O livro da presente análise, tem como título “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo”, da autoria e ilustração de Charlie Mackesy, tradução de Lucília Filipe sendo publicado pela editora Suma de Letras no ano de 2022 (Catálogo Ler+, www.pnl2027.gov.pt, 2024). O mesmo apresenta as dimensões de 171 x 223 x 22 mm num total de 128 páginas (Almedina, www.almedina.net, 2024).


Foram vendidos mais de 1.5 milhões de exemplares e esteve um ano nos tops de vendas do Reino Unido e dos Estados Unidos. Foi também recomendado pelo PNL para a leitura de crianças entre os 6 e os 14 anos de idade.


Um menino curioso, uma toupeira gulosa, uma raposa cautelosa e um sábio cavalo encontram-se num dia de Primavera e estabelecem uma inesperada amizade. Construído como uma espécie de diário gráfico, onde o autor vai juntando reflexões e desenhos como forma de manual de sobrevivência para dilemas existenciais do ser humano, em conjunto com a necessidade de ser compreendido e amado por quem o rodeia. De forma simples e acessível este livro trata grandes temas dos afetos, da amizade, como também do crescimento pessoal e da autoestima (Catálogo Ler+, www.pnl2027.gov.pt, 2024).

Através da Fig. 10, é possível identificar a escrita à mão no título e no nome do autor do livro com base na análise da repetição diferenciada dos desenhos de algumas letras. Na composição da palavra “Raposa” pertencente ao título do livro, quando observada a letra “a” é perceptível o diferente traçado entre a segunda e sexta letra. Já no nome do autor as mesmas particularidades podem ser observadas no traçado do desenho da letra “e” de Charlie e a letra “e” do nome Mackesy. É também interessante destacar a observação da letra “r” do respetivo nome do autor, Charlie, que, devido às suas características, é quase impercetível a identificação da mesma, sendo esta confundida com a utilização de *exit strokes* de forma a unir a letra “a” e a letra “l”.

Na palavra “Menino”, “Toupeira”, “Raposa” “Cavalo”, apesar da primeira letra ser maiúscula ao longo do título estas tendem a diminuir de tamanho.

Numa análise mais completa da escrita do título e do nome do autor do livro, é possível identificar que este utilizou um pincel ou uma caneta de ponta flexível, já que são utilizadas diferentes espessuras no desenho das letras.

Olá, 
Começaste pelo princípio, o que é impressionante.
Habitualmente, começo pelo meio e nunca leio
as introduções. É surpreendente eu ter
escrito um livro porque não sou grande coisa a
lê-los. A verdade é que preciso de imagens,
elas são como ilhas, lugares onde chegar
num mar de palavras.

Este livro é para toda a gente, 
quer se tenha cinco ou oitenta anos — às vezes,
parece-me que tenho os dois. Gostaria que
ele fosse daqueles em que podes mergulhar
em qualquer lado, em qualquer momento.
Começa pelo meio, se quiseres. Escrevinha nele,
dobra-lhe os cantos e deixa-o bem marcado
pelos dedos.




Figura 11. Cap. V. Páginas internas do livro “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo” da autoria de Charlie Mackesy, traduzido Lucília Filipe, publicado pela editora Sumo de Letras no ano de 2022.

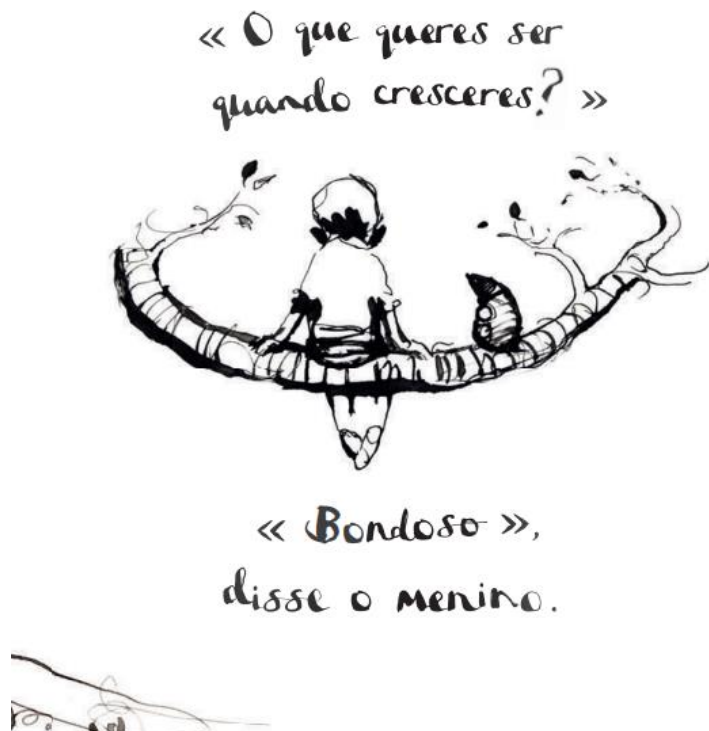


Figura 12. Cap. IV. Páginas internas do livro “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo” da autoria de Charlie Mackesy, traduzido Lucília Filipe, publicado pela editora Sumo de Letras no ano de 2022.

Após a observação da Fig. 11 e Fig. 12, é evidente que a escrita à mão utilizada na capa, com as características mencionadas anteriormente, foi aplicada também no interior do livro de modo a contar a história dentro da mesma linguagem gráfica. No entanto, quando aplicada num texto extenso igual ao da Fig. 11, a alta diferenciação no contraste dos desenhos das letras (traços ascendentes finos e descendentes grossos) acaba por desencadear níveis de legibilidade baixos.

Na primeira palavra do segundo parágrafo da Fig. 11, “Este”, devido à utilização pouco cuidada, muito cursiva e expressiva da escrita à mão, é quase ilegível a letra “s”, pois encontra-se colada à letra “t”. O mesmo acontece com a palavra “Escrevinha”, localizada na última frase do texto, onde a letra “s” não utiliza nem *exit strokes* nem um espaçamento entreletras correto, ficando colada à letra “c”. Esta situação proporciona ao leitor um baixo nível de legibilidade de algumas palavras ao longo do texto, o que, para as crianças que se encontram na fase de alfabetização, pode vir a desencadear frustração e desistência na leitura do texto, pelo alto nível de dificuldade na leitura.

As dimensões aplicadas no texto da Fig.11 deveriam ser maiores, não por ter sido utilizada a escrita à mão, mas sim pelas características que esta apresenta. A criação de espaçamentos em branco ao redor das palavras e no interior das letras é o fator que ajudaria a proporcionar ao leitor em fase de alfabetização, uma boa leiturabilidade e legibilidade. Entende-se, então, que estas características não estão presentes nos desenhos das letras da Fig. 11, respectivamente as letras “q”, “e”, “b” e “d”, já que estas apresentam um espaço em branco interno muito reduzindo podendo assim levar o leitor à confusão na identificação das letras.

Por outro lado, na Fig. 12, e em comparação com a Fig. 11, é utilizado menos texto e uma dimensão maior da letra, aumentando assim o nível de legibilidade e leiturabilidade. Não obstante, os espaços em branco dentro das letras “e”, “q” e “d” apresentam-se pequenos.

Após a análise, a escrita à mão utilizada no livro “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo” não apresenta características positivas para que possa ser utilizada em textos extensos, uma vez que proporciona níveis de legibilidade e leiturabilidade bastante baixos. Contudo, a mesma ao ser aplicada em textos curtos e de grande escala, melhora a facilidade na leitura, tanto por parte das crianças que se encontram em fase de alfabetização, como pelo restante público.

De modo a concluir a análise em curso, constata-se a relevância da aplicação de letras mais expressivas em livros direcionadas ao público infantil, todavia, ressalta-se a indispensável necessidade de uma abordagem ponderada na sua aplicação. A utilização de critérios mencionados anteriormente como um bom espaçamento entreletras, entrepalavras e entrelinhas, maiores dimensões, frases curtas entre outros, revela-se essencial, visando evitar que a experiência de leitura se torne árdua e, conseqüentemente, desinteressante para as crianças.

Correlacionando os dados obtidos a partir do questionário aplicado aos 164 alunos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade e o presente caso de estudo de livros propostos pelo PNL, são identificadas características que não vão ao encontro nem das necessidades destes alunos, nem suas preferências, no que diz respeito ao tipo de escrita.

Com base nos valores percentuais apresentados no cap. IV, referente à preferência dos alunos na leitura de manchas de texto mais extensas, estes demonstraram uma predisposição bastante favorável em relação à mesma. Além disso, quando confrontados sobre a escolha entre a tipografia e a escrita à mão, estes apresentaram valores percentuais superiores na escolha de textos com tipografia. Perante o presente caso de estudo da análise de livros, onde é aplicada a escrita à mão nos seus textos, e as dificuldades apresentadas pelos alunos na leitura da escrita à mão em textos com uma mancha mais extensa, considera-se benéfica a aplicação da mesma

em manchas de textos mais curtas, de forma a proporcionar um nível de legibilidade mais elevado, como é possível observar nas Figuras 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 12 deste capítulo.

Foi também aferido com base no questionário feito aos alunos a sua preferência pela cor preta aplicada nos textos, apresentado valores percentuais superiores a 55% nos 3 anos de escolaridade. Face a estes valores, pressupõe-se que a intenção da escolha dos alunos vá de encontro com o grau de legibilidade que estes necessitam para um texto mais extenso, podendo ter sido conjugados fatores de contraste e intensidade da cor. Após a observação do livro “pê de pai”, mais concretamente a página da Fig. 6, na qual é utilizado uma tonalidade de azul e de laranja que não permitem um contraste favorável à leitura, prejudicando assim a legibilidade, inferiu-se que caso as mesmas características fossem aplicadas numa mancha de texto mais extensa, estas iriam também prejudicar os níveis de legibilidade.

Pode concluir-se assim, que características como a escrita à mão aplicada em manchas de texto mais extensas e uma escolha de cores pouco contrastantes na aplicação das mesmas, além de ir contra as necessidades das crianças que se encontram em fase de alfabetização, vão também contra as preferências das mesmas.

VI. Conclusões

Na tentativa de perceber se a aplicação de escrita à mão em livros infantis tem aumentado nos últimos anos, foi realizada uma análise a 454 capas de livros, propostos para leitura pelo Plano Nacional de Leitura e pelas editoras Porto Editora, Editora ASA e Planeta Tangerina. No espaço de tempo compreendido entre os anos 2000 e 2023 e entre 454 capas de livros analisadas, identificou-se 52 livros com utilização de escrita à mão nas suas capas. Desses 52 livros, 36 foram assinalados nos últimos 9 anos, denotando-se uma tendência crescente na proposta de livros com recurso à escrita à mão.

Com o intuito de responder à segunda questão desta tese, “Qual o nível de dificuldade por parte dos alunos na leitura de textos escritos à mão?”, foi realizado e aplicado um questionário a 164 alunos dos 2º, 3º e 4º anos de escolaridade. Com base nas respostas dos alunos às questões do presente questionário, foi possível perceber que os alunos do 4º ano demonstram uma maior noção e facilidade na tarefa de ler, mas não necessariamente um maior gosto pela leitura. Todos os grupos, 2º, 3º e 4º anos, demonstraram preferência por livros simples e uniformes, manchas de texto mais extensas, letras de cor preta e preferência por tipografia em detrimento da escrita à mão. Os alunos, também demonstraram dificuldades na leitura da escrita à mão, contudo, foram os do 4º ano de escolaridade que demonstraram maior facilidade.

Uma vez observada uma ligeira tendência para o aumento da utilização de escrita à mão e de tipografias cursivas nos livros infantis e observando, por outro lado, uma maior facilidade e preferência pelo uso de tipografia regular por parte do grupo estudado (alunos dos 2º, 3º e 4º anos de escolaridade), parece pertinente que exista um conjunto de normas gráficas ideais que devem ser aplicadas a recursos dirigidos a este grupo escolar. Com base na bibliografia analisada no presente trabalho, compilou-se o seguinte conjunto de regras gráficas que ajudam na legibilidade e leiturabilidade da escrita à mão: características como um correto espaçamento entreletras, entrepalavras, entrelinhas, adequar a dimensão ao tipo de letra (letras maiores e com mais espaços em branco facilitam o seu reconhecimento por parte da criança) e às necessidades da faixa etária infantil, a utilização de *exits strokes*, sendo esta uma boa ferramenta a ser utilizada com o objetivo de facilitar a leitura silábica.

É importante ainda destacar que as bases da escrita à mão criam-se durante os 2 e os 5 anos de idade, quando a criança passa dos rabiscos para a elaboração de traços horizontais,

verticais e circulares. Contudo, o desenvolvimento da escrita cursiva acontece entre os 6 e os 11 anos de idade e a escrita organizada e coerente, acontece apenas a partir dos 8 anos. Tendo esta constatação como base, fazem sentido os resultados encontrados no presente questionário, que demonstram que os alunos do 4º ano são mais assertivos nas respostas e demonstram mais à vontade e facilidade na leitura de textos graficamente mais diversificados.

Em suma, verificando-se uma tendência para utilizar recurso textuais mais livres e diversificados, como é a escrita à mão e uma série de tipografias cursivas e com base nos resultados obtidos no questionário desta tese, recomenda-se que haja algum controlo na sua aplicação, dando primazia às faixas etárias de maior maturidade escolar, de forma a proporcionar a melhor legibilidade e leiturabilidade, promover uma boa relação entre as crianças e os livros e criar bons hábitos de leitura.

Referências bibliográficas

- Aldrich, R., Ruenzel, D., & Fennell, J. (1991). Producing Consistently Readable and Beautifully Printed Type. In *Designer's Guide to Typography*. Watson-Guptill Publications
- André, A. (1996). *Iniciação à leitura – Reflexões para o 1º ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Azevedo, C. M. N. (2010). *As TIC no ensino-aprendizagem da leitura e da escrita*. Porto.
- Binns, B. (1989). *Better type*. Watson-Guptill Publications.
- Bringhurst, R. (2005). *Elementos do estilo tipográfico* (3ª ed.). (A. Stolarsk, Trad.). São Paulo: Cosacnaify.
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*.
- Camargo, L. (1990). A criança e as artes plásticas. In R. Zilberman (Org.), *A Produção Cultural Para a Criança* (4ª edição, pp. 147-192). Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Carvalho, M. (2011). *Alfabetização e letrar: Um diálogo entre a teoria e prática* (8ª ed.). Rio de Janeiro.
- Coelho, L. A. (2005). *A Criança e o livro infantil*. Departamento de Artes e Design, PUC Rio, Rio de Janeiro.
- Coghill, V. (1980). Can children read familiar words set in unfamiliar type? *Information Design Journal*.
- Cordeiro, X. L. (1987). *Da invenção da imprensa ao livro infantil: um enfoque editorial* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Biblioteconomia e Documentação, Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, São Paulo.
- Costa, A. F. (2011). *Avaliação do Plano Nacional de Leitura: Os primeiros cinco anos*.
- Costa, M. da C. (2008). *À Descoberta dos Segredos Escondidos nas Entrelinhas: Valores e Emoções na Literatura Infanto-Juvenil*.
- Coutinho, S. G., & Silva, J. F. L. (2006). Linguagem Visual em livros didáticos infantis. *Anais do 15º Encontro Nacional da ANPAP*. Arte: limites e contaminações, Salvador.
- Dias, K. S. (1999). Formação estética: em busca do olhar sensível. In S. Kramer et al. (Orgs.), *Infância e Educação Infantil* (pp. 123-135). Campinas, SP: Papirus. (Coleção Prática Pedagógica).
- Engelbrecht, L. (2010). *Modern Mark Making: From Classical Calligraphy to Hip Hand-Lettering*. Quarry Books.

Farias, P. L. (2004). Notas para uma normatização da nomenclatura tipográfica. In *Anais do 6º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D Design*.

Feder, K., & Majnemer, A. (2007). Handwriting development, competency, and intervention. *Developmental Medicine & Child Neurology*.

Fischer, S. R. (2009). *História da escrita*. São Paulo: Editora UNESP.

Frade, I. C. A. S. (2005). *Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores*. Caderno do Formador. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG.

Frascara, J. (2003). Optometry, legibility and readability in information design. *Select Readings of the Information Design International Conference, SBDI/The Brazilian Society of Information Design*.

Gullar, F. (2005). Ferreira Gullar (II) – Conta tudo... *Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante*. [S.l.]. Recuperado de <http://www.guesaerrante.com.br/2005/11/29/Pagina175.htm>

Harris, D. (1995). *The Art of Calligraphy*. London: Dorling Kindersley.

Heitlinger, P. (2009). *Escolar: uma fonte contemporânea para aprender a escrever e a ler*. Cadernos de Tipografia e Design, n° 14. Portugal.

Henestrosa, C., Meseguer, L., & Scaglione, J. (2017). *How to Create Typefaces: From Sketch to Screen*. Madrid: Tipo e Editorial.

Hooper, L., & Hooper, A. (2017). *Wedding Calligraphy: A Guide to Beautiful Hand Lettering*. Racehorse Publishing.

Houston, K. (2016). *The Book*. WW Norton & Co.

Ingham, J. (1981). *Books and Reading Development*. London: Heinemann.

Johnston, E. (1906). *Writing & Illuminating, & Lettering*. London: J. Hogg.

Kane, J. (2002). *A Type Primer*. London: Laurence King Publishing.

Leroi-Gourhan, A. (1964). *O Gesto e a Palavra: Técnica e Linguagem*. Lisboa: Edições 70.

Leroi-Gourhan, A. (1984). *Arte y Grafismo en la Europa Prehistoria*. Madrid: Colegio Universitario de Ediciones Istmo.

Lewin, R. (1999). *Evolução Humana*. São Paulo: Atheneu Editora.

Lund, O. (1999). *Knowledge Construction in Typography: The Case of Legibility Research and the Legibility of Sans Serif Typefaces*. Tese de doutorado, Department of Typography & Graphic Communication

Maia, G. (2002). *Entrelinhas: quando o texto também é ilustração*. 3º Encontro Nacional [1º Internacional] de Investigadores em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração; Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho.

- Marcelino, C. (2008). *Métodos de Iniciação à Leitura - Concepções e Práticas de Professores*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho.
- Marr, D., Windsor, M., & Cermak, S. (2001). Handwriting readiness: Locatives and visuomotor skills in the kindergarten year. *Early Childhood Research & Practice: An Internet Journal on the Development, Care, and Education of Young Children*.
- Martins, S., & Filgueiras, L. (2007). Métodos de Avaliação de Apreensibilidade das Informações Textuais: Uma Aplicação em Sítios de Governo Eletrônico. In *Workshop on Perspectives, Challenges and Opportunities for Human-Computer Interaction in Latin America*. Rio de Janeiro.
- Mediavilla, C. (1996). *From Calligraphy to Abstract*.
- Meulenbroek, R., & Van, G. (1990). Perceptual-motor complexity of printed and cursive letters. *The Journal of Experimental Education*.
- Moeira, A. R. (2013). *Considerações sobre o método global de alfabetização*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília.
- Niemeyer, L. (2003). *Tipografia: Uma apresentação* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Editora 2AB.
- Nodelman, P. (1988). *Words about Images: The Narrative Art of Children's Picture Books*.
- Noordzij, G. (2005). *The Stroke*. London: Hyphen Press.
- Pessis, A. M. (2002). Do estudo das gravuras pré-históricas no Nordeste do Brasil. *Revista Clio Arqueológica*, (nº 15). Recife: UFPE.
- Piaget, J. (1929). *The Child's Conception of the World*. N. Y.: Harcourt & Brace.
- Piletti, C. (1999). *Didática Especial* (15ª ed.). São Paulo: Editora Ática.
- Ritchey, K. D. (2008). The building blocks of writing: Learning to write letters and spell words. *Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal*.
- Ritchey, K. D., & Coker, D. L. (2013). An investigation of the validity and utility of two curriculum-based measurement writing tasks. *Reading & Writing Quarterly: Overcoming Learning Difficulties*.
- Rumjanek, L. (2009). *Tipografia para crianças: um estudo de legibilidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
- Sassoon, R., & Williams, A. (2000). *Why Sasson? Artigo completo*.
- Savater, F. (2006). "Um bom mestre tem de ser um pouco ignorante" - Entrevista de Mário Santos a Fernando Savater, in *Suplemento Mil Folhas* (p. 4-6) do *Jornal Público* de 1 de Julho de 2006.
- Schraver, K. A. (1997). *Dynamics in Document Design*. John Wiley & Sons.
- Silva, E. M. A. (2017). *Arte e Escrita: um processo criativo em caligrafia*.

- Silva, E. N. (2021). *O Uso da Literatura Infantil na Alfabetização e Letramento das Crianças do Município de São Luis Gonzaga do Maranhão*. Trabalho de conclusão de curso, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.
- Silveira, R. (1997). Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida. In: *Cultura, mídia e educação: Educação e Realidade*, v.22, n.2.
- Sobrinho, J. G. (2000). *A Criança e o Livro: A Aventura de Ler*. Porto Editora.
- Stevens, J., Ferraro, C., Newhall, A., Metcalf, E., Lvender, L., Kirkendall, G., ... Manwaring, J. (2018). *The Complete Book of Calligraphy and Lettering*. QuartoKnows.
- Strizver, Ilene, “Type rules! The designer’s guide to professional typography” 2ª edição, John Wiley & Sons, Inc, 2006.
- Strunck, G. (1999). *Viver de Design*. Rio de Janeiro: 2AB.
- Sy, A. (2018). *The Complete Photo Guide to Hand Lettering & Calligraphy – The Essential Reference for Novice and Expert Letterers and Calligraphers*. QuartoKnows.
- Tabbert, R. (1994). Was macht erfolgreiche Kinderbücher erfolgreich? In H.-H. Ewers, G. Lehnert, & E. O’Sullivan (Eds.), *Kinderliteratur im interkulturellen Prozess* (pp. 45-62). Stuttgart: Metzler.
- Tauveron, C. (2002). *Lire la Littérature à l’École. Pourquoi et comment conduire cet apprentissage spécifique? De la GS au CM*. Paris: Hatiers.
- Twyman, M. (1986). Articulating Graphic Language: A Historical Perspective. In M. E. Wrolstad & D. F. Fischer (Eds.), *Toward a New Understanding of Literacy*. New York: Praeger Publishers.
- Walker, & Reynolds. (2003). Serifs, sans serifs and infant characters in children's reading books. *Information Design Journal*, 11.
- Walker, S. (2005). *The Songs the Letters Sing: Typography and Children’s Reading*. In *Typographic Design for Children*. National Centre for Language, The University of Reading.
- Willberg, H. P., & Forssman, F. (2007). *Qual é o Seu Tipo: Primeiros Socorros em Tipografia*. (H. Dürriich, Trad.). Editora Rosary. São Paulo.

Websites

- Almedina. (s.d.). *Asa*. Livraria Almedina. <https://www.almedina.net/editora/asa-1564157321> (agosto de 2023)
- Dubay, W. H. (2004). *The Principles of Readability*. <http://www.impactinformation.com> (dezembro de 2023)
- Edward Johnston Foundation. (s.d.). *The Legacy of Edward Johnston*. <http://www.ejf.org.uk/> (setembro de 2023)
- Flesch, R. (2009). *How to Write Plain English*. <http://pages.stern.nyu.edu/~wstarbuc/Writing/Flesch.htm> (dezembro de 2023)
- Linotype. (s.d.). *Edward Johnston - Linotype Font Designer Gallery*. Linotype: Fonts für Desktop, Web und vieles mehr. <https://www.linotype.com/733/edward-johnston.html> (setembro de 2023)
- Livraria Almedina. (s.d.). *Asa*. <https://www.almedina.net/editora/asa-1564157321> (agosto de 2023)
- Planeta Tangerina. (s.d.). *Livros - Loja online*. <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/l/livros/> (agosto de 2023)
- Plano Nacional de Leitura. (s.d.). *Catálogo PNL*. https://www.pnl2027.gov.pt/np4/livrospnl?cat_livrospnl=catalogo_blx (fevereiro de 2023)
- Porto Editora. (s.d.). <https://www.portoeditora.pt/> (agosto de 2023)

Apêndice I – Dados Referentes ao Questionário

Tabela 1. Apêndice I. Questões elaboradas aos alunos sobre as suas preferências no que diz respeito à leitura e à composição gráfica do livro

Ano:	Idade:
------	--------

Marca com um X a tua resposta às seguintes questões.	Sim	Não
Gostas de ler?		
Consegues ler sozinho?		
Tens muitos livros em casa?		
Lês por iniciativa própria?		
Gostas de livros curtos e simples?		
Gostas de páginas com muito texto para ler?		
Gostas mais quando as letras são pretas?		
Gostas de livros com letras coloridas e diferentes?		
Quando tens de ler livros escolhes aquele que tem a capa mais bonita?		
Os livros parecem todos iguais?		

Marca com um X qual a tua página preferida de ler e escreve porquê.

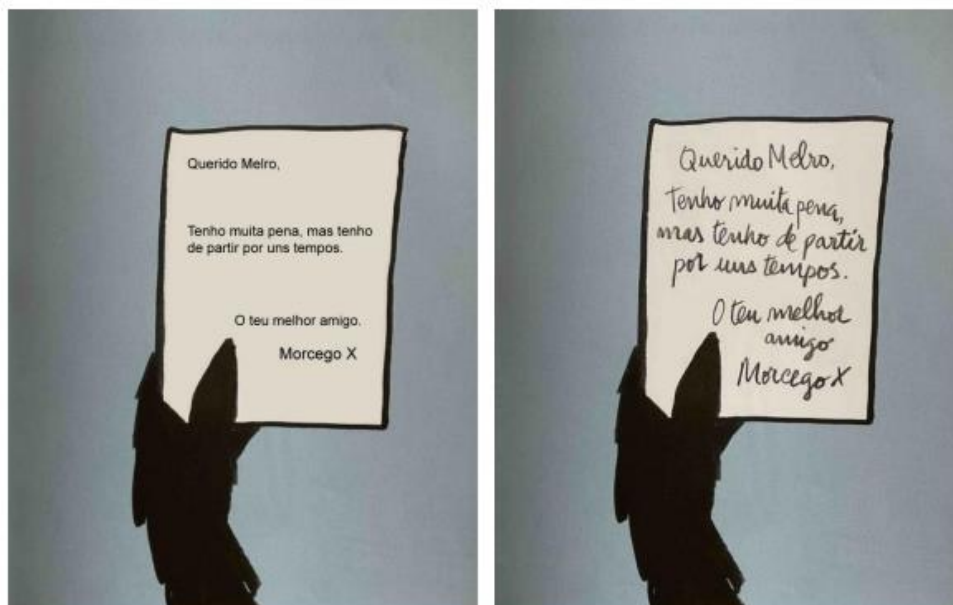
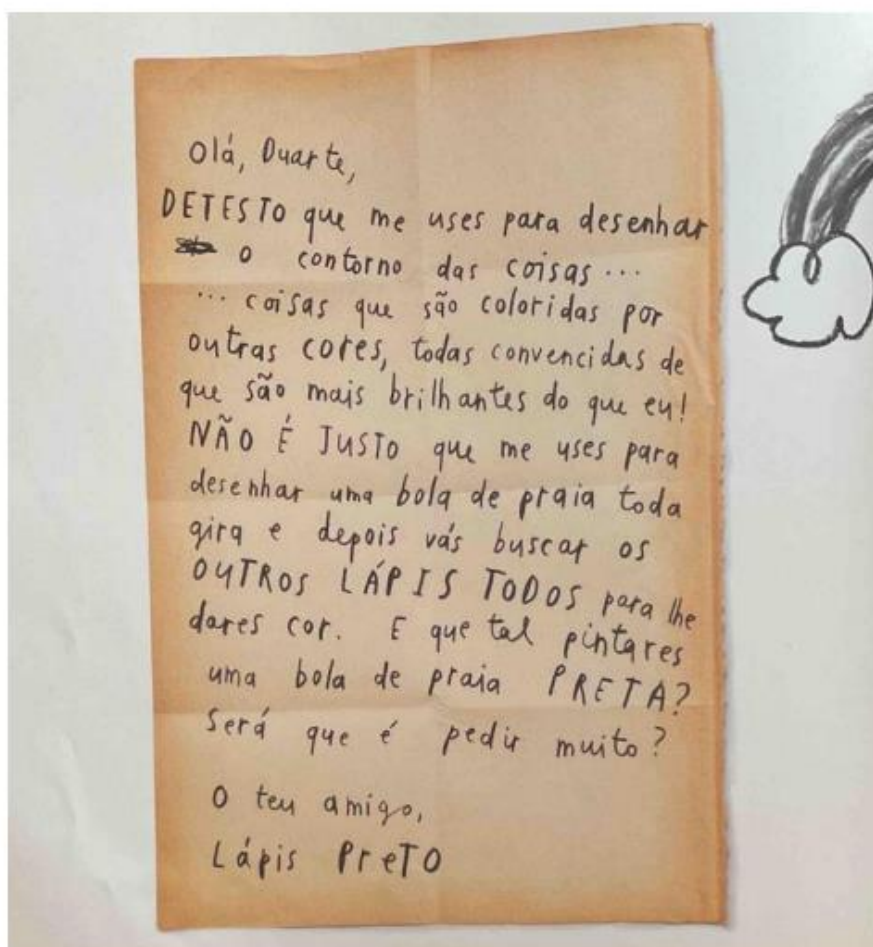


Figura 12. Apêndice I. Imagem referente à questão "Marca com um X qual a tua página preferida de ler e escreve porquê." presente no questionário aplicado aos 164 alunos do agrupamento de escolas Dr. Francisco Fernandes Lopes.

Lê o texto e marca com um X qual o nível de dificuldade que tiveste para o ler.



Muito difícil

Difícil

Fácil

Figura 13. Apêndice I. Imagem referente à questão "Lê o texto e marca com um X qual o nível de dificuldade sentida ao ler." presente no questionário aplicado aos 164 alunos do agrupamento de escolas Dr. Francisco Fernandes Lopes.

Tabela 2. Apêndice I. Tabela com os valores absolutos e relativos em relação às questões aplicadas aos alunos do 2º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.

Marca com X se concorda ou não	2º ano (37 alunos)			
	Sim		Não	
	f. absolutas	f. relativas (%)	f. absolutas	f. relativas (%)
Gostas de ler?	34	92	3	8
Consigues ler sozinho?	28	76	9	24
Tens muitos livros em casa?	31	84	6	16
Lês por iniciativa própria?	19	51	18	49
Gostas de livros curtos e simples?	21	57	16	43
Gostas de páginas com muito texto para ler?	24	65	13	35
Gostas mais quando as letras são preta?	31	84	6	16
Gostas de livros com letras coloridas e diferentes?	19	51	18	49
Quando tens de ler um livro escolhes aquele que tem a capa mais bonita?	19	51	18	49
Os livros parecem todos iguai?	1	3	36	97

Tabela 3. Apêndice I. Tabela com os valores absolutos e relativos em relação às questões aplicadas aos alunos do 3º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.

Marca com X se concorda ou não	3º ano (71 alunos)			
	Sim		Não	
	f. absolutas	f. relativas (%)	f. absolutas	f. relativas (%)
Gostas de ler?	66	93	5	7
Consigues ler sozinho?	69	97	2	3
Tens muitos livros em casa?	48	68	23	32
Lês por iniciativa própria?	22	31	49	69
Gostas de livros curtos e simples?	42	59	29	41
Gostas de páginas com muito texto para ler?	43	61	28	39
Gostas mais quando as letras são preta?	51	72	20	28
Gostas de livros com letras coloridas e diferentes?	41	58	30	42
Quando tens de ler um livro escolhes aquele que tem a capa mais bonita?	32	45	39	55
Os livros parecem todos iguai?	11	15	60	85

Tabela 4. Apêndice I. Tabela com os valores absolutos e relativos em relação às questões aplicadas aos alunos do 4º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.

Marca com X se concorda ou não	4º ano (56 alunos)			
	Sim		Não	
	f. absolutas	f. relativas (%)	f. absolutas	f. relativas (%)
Gostas de ler?	53	95	3	5
Consigues ler sozinho?	55	98	1	2
Tens muitos livros em casa?	48	86	8	14
Lês por iniciativa própria?	16	29	40	71
Gostas de livros curtos e simples?	39	70	16	29
Gostas de páginas com muito texto para ler?	36	64	20	36
Gostas mais quando as letras são preta?	31	55	25	45
Gostas de livros com letras coloridas e diferentes?	24	43	32	57
Quando tens de ler um livro escolhes aquele que tem a capa mais bonita?	8	14	48	86
Os livros parecem todos iguai?	0	0	0	0

Tabela 5. Apêndice I. Tabela referente aos valores absolutos e relativos dos alunos do 2º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes à preferência dos mesmos entre um texto tipográfico e um texto com o uso da escrita à mão.

Marca com um X qual a tua página preferida de ler e escreve porquê:
A tipografia e B escrita à mão

2º ano (37 alunos)			
A		B	
f. absolutas	f. relativas (%)	f. absolutas	f. relativas (%)
30	81	7	19

Tabela 6. Apêndice I. Tabela referente aos valores absolutos e relativos dos alunos do 3º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes à preferência dos mesmos entre um texto tipográfico e um texto com o uso da escrita à mão.

Marca com um X qual a tua página preferida de ler e escreve porquê:
A tipografia e B escrita à mão

3º ano (71 alunos)			
A		B	
f. absolutas	f. relativas (%)	f. absolutas	f. relativas (%)
55	77	16	23

Tabela 7. Apêndice I. Tabela referente aos valores absolutos e relativos dos alunos do 4º ano de escolaridade do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes à preferência dos mesmos entre um texto tipográfico e um texto com o uso da escrita à mão.

Marca com um X qual a tua página preferida de ler e escreve porquê:
A tipografia e B escrita à mão

4º ano (56 alunos)			
A		B	
f. absolutas	f. relativas (%)	f. absolutas	f. relativas (%)
46	82	10	18

Tabela 8. Apêndice I. Tabela referente à aferição do nível de dificuldade dos alunos na leitura de um texto com a escrita à mão. Valores absolutos e relativos apresentados pelos alunos do 2º ano do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.

Lê o texto e marca com um X qual o nível de dificuldade que tiveste para o ler. Muito difícil - Difícil - Fácil	2º ano (37 alunos)	
	f. absolutas	f. relativas (%)
Muito difícil	9	24
Difícil	4	11
Fácil	24	65

Tabela 9. Apêndice I. Tabela referente à aferição do nível de dificuldade dos alunos na leitura de um texto com a escrita à mão. Valores absolutos e relativos apresentados pelos alunos do 3º ano do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.

Lê o texto e marca com um X qual o nível de dificuldade que tiveste para o ler. Muito difícil - Difícil - Fácil	3º ano (71 alunos)	
	f. absolutas	f. relativas (%)
Muito difícil	7	10
Difícil	17	24
Fácil	47	66

Tabela 10. Apêndice I. Tabela referente à aferição do nível de dificuldade dos alunos na leitura de um texto com a escrita à mão. Valores absolutos e relativos apresentados pelos alunos do 4º ano do agrupamento de escola Dr. Francisco Fernandes Lopes.

Lê o texto e marca com um X qual o nível de dificuldade que tiveste para o ler. Muito difícil - Difícil - Fácil	4º ano (56 alunos)	
	f. absolutas	f. relativas (%)
Muito difícil	0	0
Difícil	10	18
Fácil	46	82

Apêndice II – Documentos Referentes ao Questionário

Documento Auxiliar para o(a) Professor(a):

Desde já, agradeço a disponibilidade por parte dos(as) professores(as) e dos(as) encarregados(as) de educação, que são imprescindíveis para a realização do presente questionário que parte integrante da minha tese de mestrado, cujo título “Escrita à mão aplicada em livros infantis: Legibilidade e Leiturabilidade.

Para facilitar a realização do questionário em sala de aula, deixo aqui uma breve explicação do que é a escrita à mão e quais os dados e informações que pretendo obter.

Escrita à mão é o que chamamos de caligrafia não regrada, exclusiva de cada indivíduo, ao contrário da caligrafia não obedece a regras de execução inerentes a cada estilo, tornando-a mais livre e, por vezes, incoerentemente. Veja-se o exemplo da letra “O” na imagem nº 2 da página 5, onde encontramos vários “Os” com a terminação e outros sem terminação.

O meu objetivo com este questionário é entender se as crianças do 1º Ciclo de escolaridade têm dificuldades ao ler as palavras/textos com a quirografia e em que grau.

Pretendo, assim, obter resposta para a seguinte questão:

- Será a escrita à mão a melhor técnica a ser aplicadas em livros cujo público-alvo são os aulos do 2º, 3º e 4º ano de escolaridade?

Caso algum colega tenha disponibilidade de relatar como correu o questionário queira transmitir alguma opinião sobre o tema, ou queira ter mais informações sobre os resultados, por favor contacte-me via email, a62230@ualg.pt

Atenciosamente Célia Serra

Modelo de Autorização para os Encarregados de Educação:



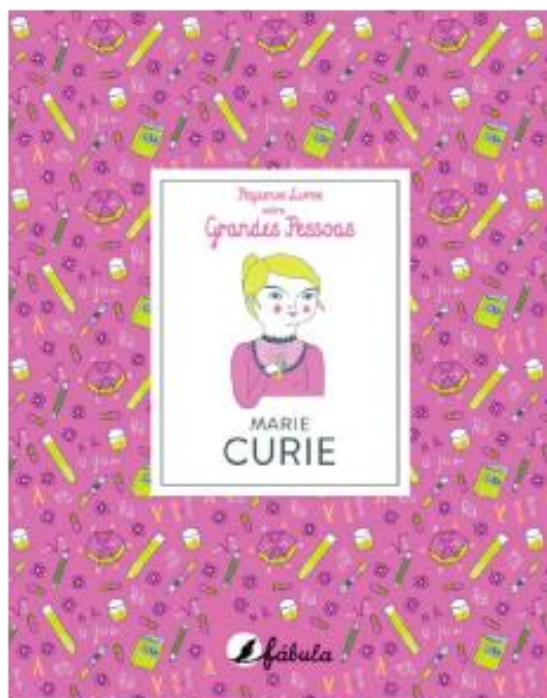
Eu, Célia Isabel Tamissa Serra professora de E.V. e E.T. do 3º Ciclo na escola EB23 Dr. João Lúcio e aluna do mestrado Design da Comunicação para o Turismo e a Cultura na Universidade do Algarve, venho por este meio solicitar ao encarregado de educação dos alunos do 1 Ciclo do agrupamento de escolas Dr. Francisco Fernando Lopes a autorização dos mesmos para participarem num questionário em sala de aula com a professora responsável pela turma.

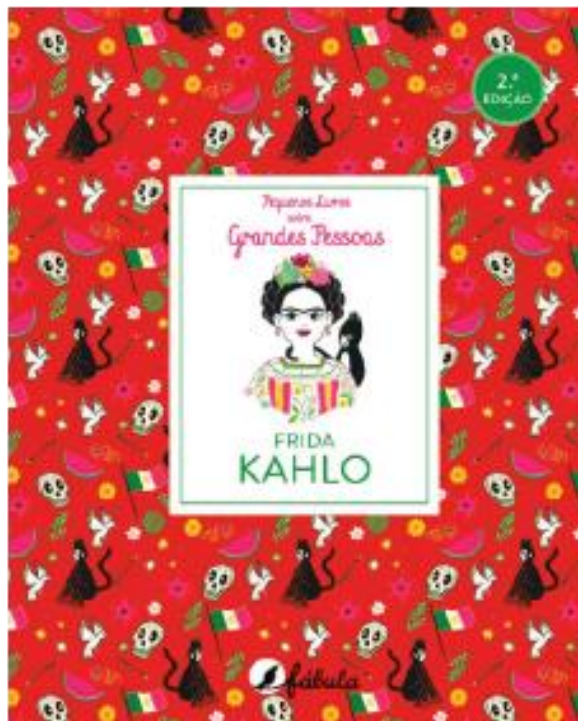
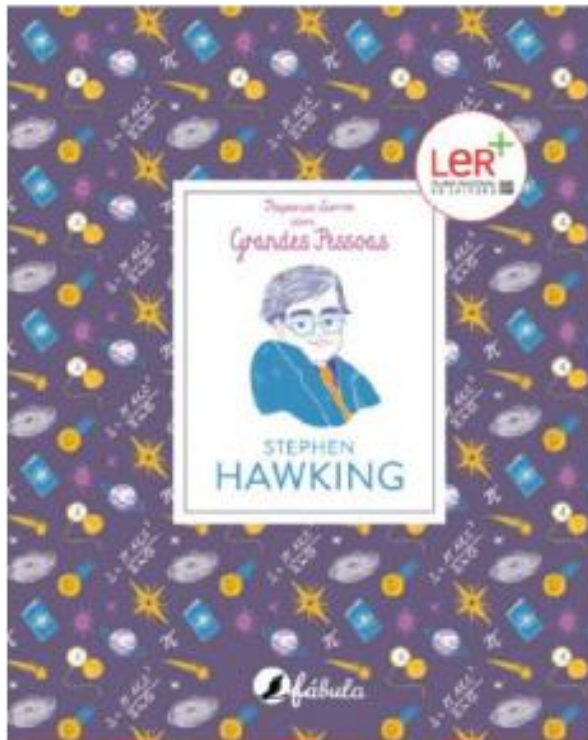
Este questionário será anónimo e irá ser realizado no âmbito da investigação com o título “Escrita à mão aplicada em livros infantis: Legibilidade e Leiturabilidade” tem como objetivo entender qual o interesse das mesmas pelos livros e qual a dificuldade das crianças entre os 6 e 10 anos ao ler livros com escrita à mão.

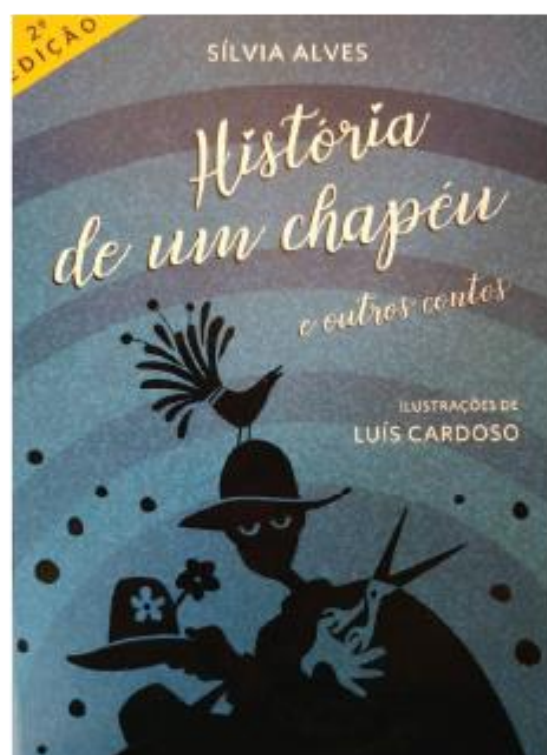
Nome do aluno:

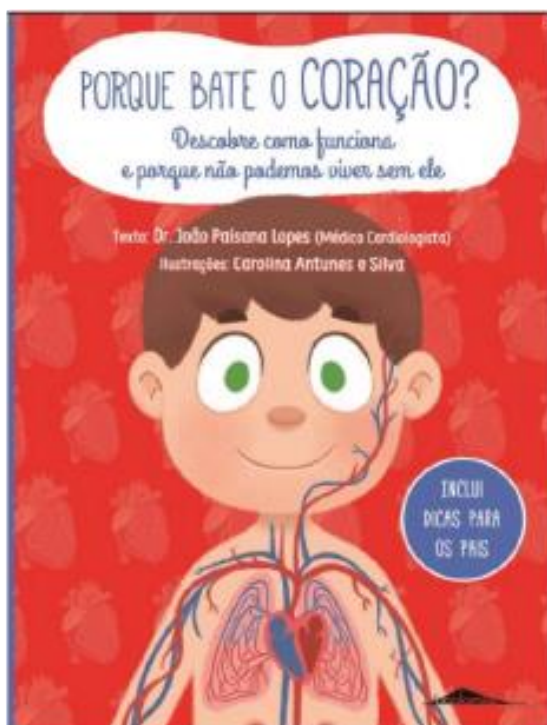
Assinatura do encarregado de educação como autoriza o educando a participar no questionário:

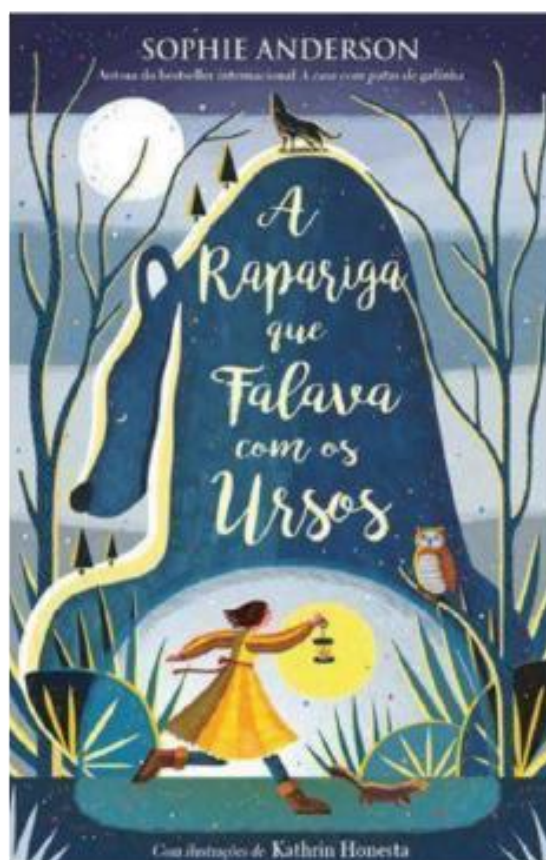
Apêndice III – Capas dos Livros Propostos Pelo PNL e Pelas Editoras Edições ASA, Planeta Tangerina e Porto Editora





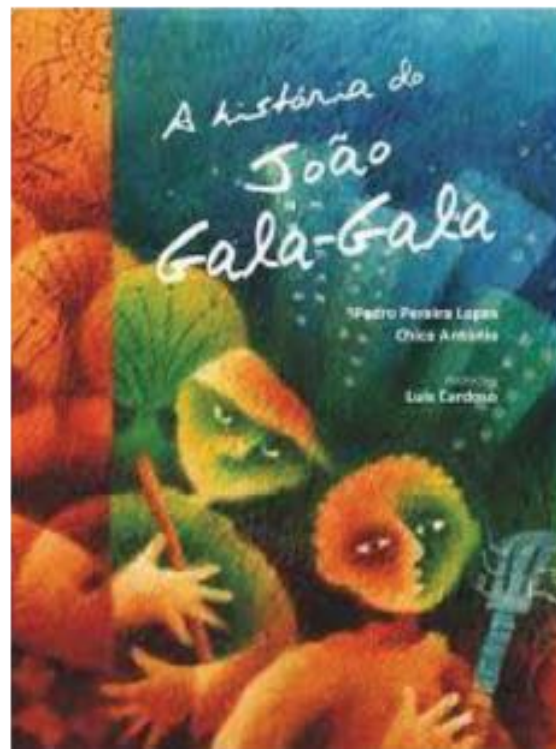






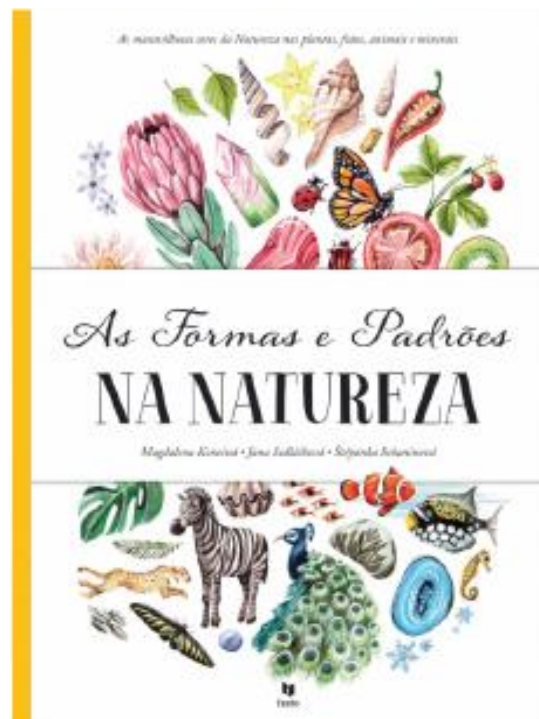


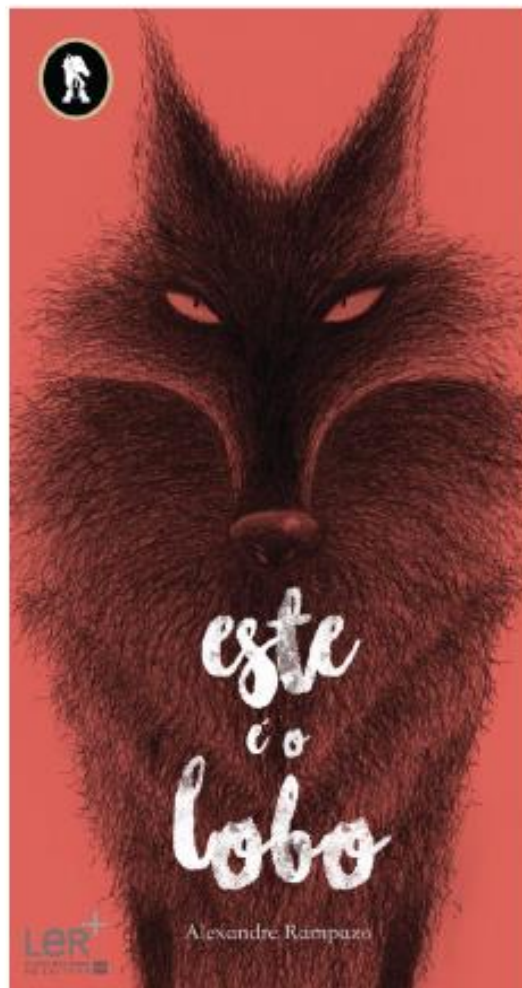












Bernard Friot e Gek Tessaro



Eu sou um cavalo





